

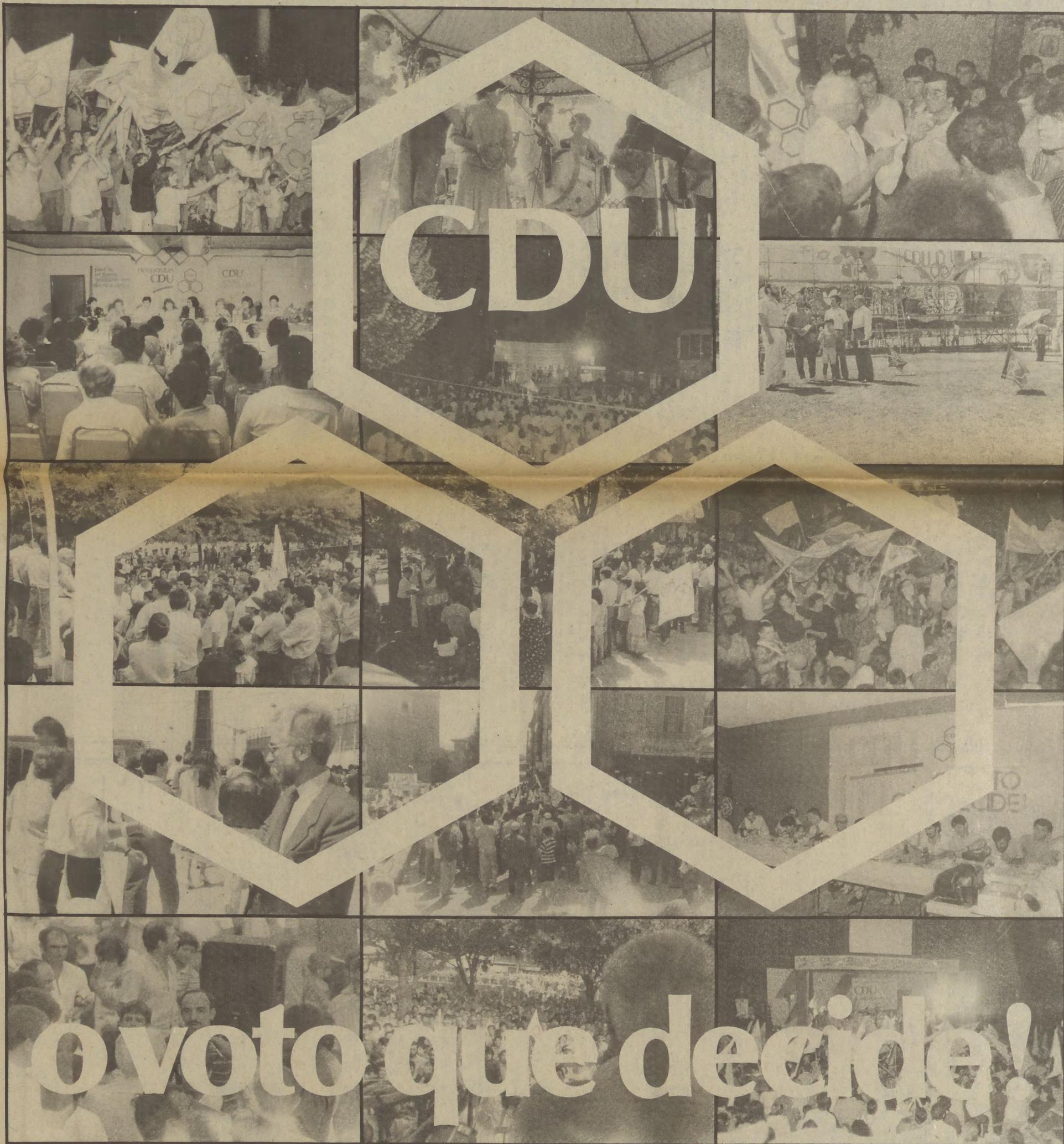
Semanário

Director:
António Dias Lourenço

Ano 57 - Série VII - N.º 706
9 de Julho de 1987
Preço: 50\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 25 - Telex 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

Uma campanha de vitória!



E em força para a última semana!

Campanha esclarecedora

A uma dezena de dias das eleições legislativas antecipadas e para o Parlamento Europeu o povo português tem já suficiente matéria de reflexão para uma segura opção de voto nesta importante batalha política destinada a exercer uma influência profunda no futuro imediato do regime democrático em Portugal.

A questão central de derrotar a direita, de a manter em minoria e de a desalojar da esfera do Poder, assim como a exigência de uma solução democrática em resultado das eleições, têm recebido nestes últimos dias maior e mais esclarecedora fundamentação com o comportamento em campanha do Governo demitido Cavaco Silva/PSD e dos partidos democráticos que conjuntamente com o PCP e a CDU potenciam uma alternativa ao desastroso domínio da direita no Executivo do País.

Estão agora mais claras as ambições da direita restauracionista governante, os objectivos que visa para o domínio absoluto do Poder, o seu desprezo total pelas regras do estatuto de gestão dos negócios correntes do Estado a que se obriga.

Está igualmente mais claro o carácter irrealista e não democrático do hegemonismo do PS e também do PRD e mais nítidas e ponderosas as razões da necessária convergência dos partidos democráticos para a solução da crise na sequência de um previsível resultado vitorioso nas eleições de 19 de Julho.

Sobretudo, ressalta na campanha eleitoral a pujança, a coerência e a inserção nas massas populares da Coligação Democrática Unitária (CDU), o realismo e a justeza das suas propostas ao eleitorado, a penetração e o acolhimento favorável da sua mensagem política junto do povo.

A CDU é já uma potente realidade na política nacional, cresceu de dimensão; é um projecto unitário que se afirma e está suscitando o interesse e a adesão de um vasto leque social do povo português; corporiza uma proposta séria de mudança para uma saída democrática da crise actual; está ganhando uma crescente audiência de massas.

Indubitavelmente há ainda um difícil caminho a percorrer até ao final da campanha. Todos os recursos e energias da jovem e dinâmica CDU devem ser mobilizados até ao momento decisivo da votação e ainda para a fiscalização do acto eleitoral e o apuramento dos votos.

A CDU tem de neutralizar com a intensificação dos seus contactos directos com o povo, com toda a sua capacidade esclarecedora de massas o parcialismo e a hostilização aberta de certa comunicação social a soldo da direita.

Até ao último momento a CDU tem de estar vigilante, tem de accionar todos os mecanismos legais e constitucionais para travar e pôr cobro à escandalosa manipulação a favor da direita dos órgãos estatizados de comunicação social de maior audiência, como a TV e a Rádio oficiais, que fazem despudoradamente o jogo de Cavaco e fazem do anticomunismo o principal esteio da sua campanha de intoxicação dos eleitores e da opinião pública nacional.

Certos profissionais da desinformação daqueles órgãos chegam mesmo ao descaro de falsificarem pela imagem ou pelo comentário malsão — a expressão noticiosa dos factos envolvendo o PCP ou a CDU violando abertamente o código deontológico da sua profissão.

E, apesar desta insidiosa campanha, é impossível alterar a realidade do entusiástico acolhimento popular da CDU em Vila Real de Trás-os-Montes, em Braga, no Porto, em Vizela, nas Beiras, no Alentejo, no Ribatejo, na Baixa da Banheira, e distrito de Setúbal em geral, na Torre de Belém, em toda a Grande Lisboa e no Grande Porto, em todos os locais onde a presença em força da CDU se faz sentir.

A campanha da CDU é a da verdade e da antidemagogia; a do diálogo, do entendimento e da convergência entre os democratas; a da consciencialização objectiva do que está em causa nas eleições para a Assembleia da República e para o Parlamento Europeu e da verdadeira natureza política da batalha que vai decidir-se em 19 de Julho, das possibilidades e condições para a vencer. É também um exemplo de civismo democrático.

Operários e empregados, agricultores, pequenos e médios empresários do comércio, da indústria e dos serviços; mulheres, jovens operários e estudantes, reformados e pensionistas, deficientes, portugueses oriundos dos quadrantes sociais e políticos mais diversos aderem à CDU, encontram nela a resposta política para os problemas que os afectam.

Cavaco Silva e o PSD, violando descaradamente o estatuto de gestão do seu Governo demitido, utilizando abusivamente os meios técnicos e os recursos financeiros do Estado, estão pondo à mostra os seus desígnios ocultos de domínio absoluto dos órgãos de soberania e do Estado, estão impondo por todos os meios a dinâmica da restauração do poder dos monopólios e dos latifúndios, estão accionando todos os mecanismos tradicionais da ex-

ploração, da especulação e da corrupção capitalistas, estão criando a revelia da Constituição situações de facto de restabelecimento da velha ordem de coisas extinta pelo 25 de Abril.

A reconstituição da «AD» é já um objectivo afirmado nos arraiais da direita apenas dependente da medição de forças entre os dois parceiros da antiga coligação reacçãoária — o PSD e o CDS — a derimir na batalha eleitoral do dia 19.

A velha miragem da conquista absoluta dos órgãos do Poder — «Um governo, uma maioria parlamentar, um Presidente» — voltou a animar as hostes de Cavaco, Adriano Moreira e Freitas do Amaral (este já de novo avançado para o sonho da ocupação da Presidência da República) uma miragem oculta sob o pudico véu da natureza «centro-esquerda» dos dois partidos da extrema direita!

Seria bom que pusessem nisso os olhos os «teóricos» da «bipolarização» e da alternância no Poder do PS.

Com a ajuda da sua poderosa máquina de propaganda e de mistificação da opinião pública centrada principalmente na manipulação da TV e da Rádio oficiais, e no uso exorbitante do Poder e do Estado o Governo demitido Cavaco/PSD leva por diante, falsificando os números, mentindo com o maior descaro, os quatro objectivos da sua campanha eleitoral, o primeiro dos quais é «o que o Governo demitido fez de positivo nestes 18 meses de existência» — silenciando obviamente o negativo.

Atinge as raias do inconcebível a falsificação dos números do desemprego, do desenvolvimento-económico, do investimento, da elevação do poder de compra dos portugueses, da subida dos preços, do poder de compra dos salários, da construção de habitações, das iniciativas para jovens, do sistema educativo, da assistência hospitalar e outros, principalmente a silenciamento da estrutura interna de cada alteração numérica, da recusa a cumprir as decisões da AR em problemas de interesse social prioritário, chamando a si méritos que são da oposição democrática, apresentando sempre como favoráveis a Portugal as medidas restritivas da CEE na aplicação dos «Fundos» em prejuízo dos nossos interesses nacionais.

Vale tudo à direita cavaquista, desde as falsificações às operações de «corta-a-fita», para tentar corromper a consciência dos eleitores.

A insistência do PS — e também de certo modo do PRD — no hegemonismo bipolarizante do Poder com o PSD carece de todo o realismo, favorece objectivamente as ambições hegemónicas da direita.

As confluências com a direita em matéria de revisão constitucional acobertadas sob «a neces-

Resumo

1 Quarta-feira

Partem do Porto, de bicicleta, trabalhadores da fábrica da Maia da Siderurgia, que vão a Lisboa protestar contra os 21 mil despedimentos projectados pelo Governo e a CEE na empresa ■ «Um grande êxito» é como o Sindicato dos Corticeiros do Norte considera a paralisação de cinco horas ontem no sector, em luta pela negociação do novo CCTV ■ Os trabalhadores das missões diplomáticas portuguesas entram em greve, acusando o MNE de recusar o diálogo ■ Trabalhadores da FACAR concentram-se junto à delegação do Porto do Ministério do Trabalho protestando contra o não pagamento de salários ■ A CDU apresenta propostas para solucionar o caos dos transportes em Lisboa ■ O Partido Ecologista «Os Verdes» abre um espaço fixo na Rua Augusta, em Lisboa ■ O Governo autoriza a EDP a contrair um empréstimo de 30 milhões de dólares junto do Industrial Bank of Japan ■ O Conselho de Imprensa reprova uma resolução da Assembleia Regional dos Açores que pretendia fazer depender os apoios públicos aos jornais do conteúdo da sua informação ■ Entra em vigor o novo regime de vendas a prestações ■ A Lusa afirma que os EUA insistem em transferir para Beja os 72 aviões F-16 que a Espanha não quer na base de Torrejon ■ Chun Doo Hwan afirma pela televisão que aceita todas as principais reivindicações da oposição sul-coreana.

2 Quinta-feira

Trabalhadores da Sorefame protestam junto da Metalgest contra a redução de postos de trabalho e a imposição sem diálogo da polivalência e de aumentos salariais de 8 por cento ■ Representantes dos trabalhadores das fábricas da Maia e do Seixal da Siderurgia tentam pela 14.ª vez avistar-se com o primeiro-ministro ■ O Sindicato do Comércio e Escritórios do Sul divulga um estudo sobre a situação de insegurança e exploração nos centros comerciais da península de Setúbal ■ O governo do Haiti revoga um projecto de controlo das eleições que levará à convocação de uma greve geral de 4 dias e outras formas de protesto violentamente reprimidas ■ Três mil agricultores manifestam-se em Paris pela resolução dos seus problemas ■ O MNE do Panamá considera as manifestações de anteontem frente à embaixada dos EUA «uma explosão de nacionalismo e dignidade de um povo face à ferida e à violência provocadas pelo Senado de Washington», que pediu a demissão do comandante da Guarda Nacional panamiana ■ Inicia-se a 4.ª festa do teatro de Almada.

3 Sexta-feira

A CT do Entrepósito Industrial (Setúbal) acusa a administração de enver-

dar pela «estratégia de abandonar a empresa» ■ A Presidência da República informa que Mário Soares nomeou Carlos Melancia governador de Macau ■ O Instituto de Investimento Estrangeiro e o Industrial Bank of Japan (nono maior banco do mundo) assinam um protocolo de cooperação para desenvolver o investimento nipónico em Portugal ■ A URSS propõe que todos os barcos de guerra de países não ribeirinhos do Golfo abandonem a região, o que contribuiria «para uma acalmia da situação».

4 Sábado

A União dos Sindicatos de Setúbal promove um debate sobre a situação do emprego e as perspectivas de desenvolvimento no distrito ■ Um acidente na serra da Estrela com um autocarro de excursionistas de Valbom faz 19 mortos ■ Klaus Barbie, o chefe da Gestapo em Lyon, é condenado a prisão perpétua sem atenuantes ■ O Conselho Eleitoral Provisório do Haiti decide romper as negociações com o Conselho Nacional de Governo devido, particularmente, à actuação «bárbara» do exército contra a população ■ Milhares de filipinos assinalam o aniversário da independência dos EUA com protestos contra a presença militar americana no país.

5 Domingo

O Forum da Juventude dos países da CEE, reunido desde sexta-feira em Lisboa, recusa-se a apreciar uma moção contra a lixo nuclear de Alameda ■ Um incêndio no Bairro dos Pescadores de Quarteira deixa sem habitação mais de 50 pessoas ■ O Japão e os EUA estabelecem um acordo para a participação de empresas privadas japonesas na «guerra das estrelas», revela a imprensa, acrescentando que o acordo será assinado em Washington em meados deste mês ■ A polícia sul-coreana volta a lançar gás lacrimogéneo, agora contra dois mil estudantes que protestavam contra a morte de um colega vítima das forças repressivas ■ A oposição paquistanês assinala com um «dia de luto e protesto» o 10.º aniversário do golpe de Zia Ul-Haq ■ Um cortejo histórico de cinco horas em Berlim assinala o apogeu das comemorações dos 750 anos da capital da RDA.

6 Segunda-feira

Trabalhadores da Cometna exigem em Lisboa o pagamento de dois meses de salários em atraso e protestam contra o desmantelamento da empresa «e posterior entrega ao capital privado» ■ É entregue na Presidência da República uma carta subscrita por 518 personalidades do campo democrático solicitando ao PR que «actue a fim de que ao Tenente-Coronel Vasco Lourenço seja feita uma reparação» pela

pena que lhe foi recentemente aplicada ■ Representantes dos trabalhadores da «Construtora do Niassa», em greve desde quarta-feira pelo pagamento dos salários de Junho e de retroactivos, conseguiram que a administração se comprometesse a discutir hoje a situação na delegação do Porto do Ministério do Trabalho ■ A CDU



apresenta as suas propostas para o sector da habitação ■ A Associação Portuguesa de Escritores está em risco de encerrar no final do mês por dificuldades financeiras — alertam os dirigentes da APE ■ O chefe de Estado da RFA inicia uma visita de cinco dias à URSS; em entrevista a «Le Figaro», Richard von Weizsäcker pronuncia-se contra a instalação na RFA de novos mísseis americanos de curto alcance ■ São libertados 117 sul-coreanos detidos durante manifestações contra a ditadura; outras libertações estão anunciadas para os próximos dias ■ Recomeça a greve geral no Haiti pela demissão do Conselho Nacional de Governo; numa semana a repressão fez 20 mortos ■ Terroristas sikhs assassinam 40 peregrinos hindus no Punjab ■ Na sequência de rumores sobre uma remodelação pretendida por Pinochet, o governo da ditadura chilena demite-se em bloco.

7 Terça-feira

A CDU apresenta um conjunto de propostas exigindo «Para as mulheres, igualdade sem discriminações» ■ Cavaco Silva lamenta-se perante os jornalistas, em Tomar, por ser «uma



exigência brutal chegar aos 43 por cento» dos votos para ter a maioria absoluta dos deputados na AR ■ Vitor Constâncio declara na Marinha Grande: «damos a garantia de que com o PSD nunca mais» ■ Ramalho Eanes visita a fábrica de fição e tecidos de Ermesinde; «Todo o trabalho infantil é chocante» — afirmou, elogiando depois o «esforço de modernização interessante» da fábrica, que paga 13 contos por mês às adolescentes que ali trabalham contratadas a prazo ■ É publicada a lei do serviço militar ■ Inicia-se o julgamento dos responsáveis pelo acidente de Tchernobyl ■ Terroristas sikhs voltam a atacar autocarros e matam pelo menos 34 hindus, no estado de Haryana.

sidade da liquidação da carga ideológica da Constituição da República», da revisão das leis laborais no sentido da «flexibilização», de nova lei eleitoral atentatória da proporcionalidade democrática do voto sob o eufemismo da «aproximação do eleito com o eleitor», a liquidação da Reforma Agrária, criariam um terreno favorável à destruição de Portugal de Abril se a teoria do «voto útil no PS» influísse nas opções eleitorais dos portugueses democratas. A isso apontam o chamado «Pacto de regime» na fraseologia do PS.

Justificar sob a falsa imagem de «uma 3.ª volta das eleições presidenciais» o voto no PS e em Vitor Constâncio nas eleições do dia 19 constitui da parte dos socialistas e do seu secretário-geral uma incrível confusão política que não pode deixar de fazer sorrir os eleitores, particularmente os da área do PCP — que possibilitaram e determinaram a pesada derrota de Freitas do Amaral em Fevereiro de 1986.

A necessidade do entendimento e da convergência entre os partidos e forças democráticas assume um carácter imperioso nas eleições de 19 de Julho.

Mas a disputa dos votos dos cidadãos não pode travar-se no campo dos partidos democráticos e entre eles mas na linha que separa a democracia e a reacção ganhando para a área democrática o voto dos portugueses enganados pela demagogia da direita cavaquista e dos seu Governo, pelas falsas promessas que nunca cumpriram nem estão em condições de cumprir pelo seu carácter de classe e o seu projecto político.

O voto decisivo na CDU surge cada vez mais nesta batalha eleitoral como o único que pode concitar ao diálogo, ao entendimento e à convergência frutuosa entre os partidos democráticos. É verdadeiramente o voto lançado na boa terra, o voto que pode fazer germinar e alargar as possibilidades de uma nítida vitória democrática e garantir uma alternativa credível de governo e de política.

Como foi definido com justeza pelo Secretário-Geral do PCP, Álvaro Cunhal, o voto no PSD é o «voto errado», o voto no PS é o «voto no engano» e em novas alianças do PS e do PSD, o voto no PRD é «o voto na incerteza», o voto nos pequenos partidos é «o voto perdido e inútil» e só o voto na CDU é o voto seguro e certo, «o voto que decide».

Na opção dos eleitores estes elementos de reflexão impõem-se desde já. O voto que se reclama na CDU não é uma simples «caça ao voto» mas uma exigência política fundamental para a vitória da democracia nas eleições para a Assembleia da República e para o Parlamento Europeu em 19 de Julho.

Votar CDU é votar na verdadeira alternativa democrática, é decidir dos resultados da batalha.

Avante!
Proletários de todos os países UNI-VOS!

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 - Lisboa
CODEX, Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes - 1699 Lisboa
CODEX
Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO:
Av. Santos Dumont, 57-3.º
- 1000 Lisboa

DISTRIBUIÇÃO:
CDL, Central Distribuidora Livreira,
SARL, Serviços Centrais: Av.
Santos Dumont, 57 - 2.º -
1000 Lisboa
Tel. 77 98 28/77 98 25/76 97 51

Casa da Venda em Lisboa: Rua do Século, 80 - 1200 Lisboa
Tel. 37 22 38

Centro Distribuidor de Évora:
Alcova de Baixo, 13 - 7000 Évora
Tel. 26361

Centro Distribuidor de Faro:
Rua 1.º de Dezembro, 23 -
8000 Faro
Tel. 24417

Delegação do Norte
Centro Distribuidor do Porto:
R. Miguel Bombarda, 578 -
4000 Porto
Tel. 69 39 08/69 96 15

Centro Distribuidor de Coimbra:
Terreiro da Erva, 6 - 3000 Coimbra
Tel. 28394

ASSINATURAS:
Av. Santos Dumont, 57-4.º, Esq.º
- 1000 Lisboa. Tel. 76 64 02

EXPEDIÇÃO:
R. João de Deus, 24 - Venda Nova
2700 Amadora. Tel. 90 00 44

PUBLICIDADE CENTRAL:
Alameda St.º António dos Capuchos,
6-B - 1100 Lisboa. Tel.
77 69 36/77 67 50
Porto - Rua do Almada, 18-2.º,
Esq.º
- 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Composto e Impresso na Heska Portuguesa - R. Elias Garcia, 27
Venda Nova - 2700 Amadora

Depósito legal n.º 205/85

Aspirações das mulheres são propostas da CDU

Os direitos reconhecidos têm que ser respeitados — exige-se na declaração eleitoral

A Coligação Democrática Unitária inclui nas suas propostas eleitorais as mais sentidas aspirações das mulheres portuguesas. Anteontem foi divulgada em conferência de imprensa num hotel de Lisboa a declaração «A CDU e a igualdade de oportunidades para as mulheres na vida económica, social e cultural», na qual se exige «que as leis respeitantes a direitos das mulheres sejam cumpridas, ao mesmo tempo que devem ser criados de imediato mecanismos de fiscalização onde participem organizações de mulheres e sindicais».

Luísa Amorim, falando da declaração, considerou que esta se poderia mesmo considerar «um programa de emergência para as mulheres». De facto, como se afirma no documento, «a mulher portuguesa continua a ser sistematicamente discriminada» e o Governo PSD/Cavaco não contribuiu em nada para alterar tal situação, antes pelo contrário. Um governo democrático poderá implementar as propostas apresentadas pela CDU e que, como foi sublinhado na conferência de imprensa, «urge aplicar».

Na conferência foi a propósito lembrado que «muitas mulheres foram despedidas durante estes últimos anos e usadas pelo Governo PSD nas estatísticas oficiais como domésticas, argumento para justificar uma pretensa diminuição do desemprego».

Na **saúde**, apesar de estar uma mulher à frente do Ministério, não foi diferente a política e foram igualmente nefastos para as mulheres os seus efeitos: «há leis fundamentais por cumprir» — afirma a CDU. Mais grave: «muitas maternidades estão em vias de encerramento por decisão da ministra da Saúde». Esta medida, a concretizar-se, «representaria um escandaloso retrocesso» e comprometeria «as condições de realização de partos, a saúde da mulher e da criança».

Outros exemplos são apontados de discriminação

das mulheres no trabalho (as primeiras a ser despedidas e as últimas quando há promoções; mão-de-obra barata, contratada a prazo ou sem contrato, sem direitos essenciais que as leis consagram mas o patronato nega impunemente), na **educação**, na **informação**, na **família** e na **sociedade**.

A CEE nada trouxe de bom

A legislação portuguesa sobre a igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres é — considera a declaração da CDU — «das mais avançadas na Europa capitalista». Por essa razão a adesão de Portugal à CEE «nada de positivo trouxe» nesse campo.

Mas a questão é que está a servir de pretexto para acabar com direitos conquistados pelas mulheres. «É preocupante — alerta a CDU — a tentativa a que se assiste na Comissão das Comunidades Europeias de impor aos Estados membros o alargamento do trabalho nocturno às mulheres no sector da indústria (o que foi já tentado em Portugal, embora sem êxito, pelo Governo PSD), a flexibilização e precarização do trabalho (trabalho a meio tempo, trabalho nocturno ou por turnos, de acordo com os interesses do patronato».



Na mesa da conferência de imprensa Odete Filipe, Aida Nogueira, Ilda Figueiredo, Manuela Hartley, Luísa Amorim, Dulce Rebelo, Inês Fontinha e Fernanda Mateus

A CDU propõe:

- que as mulheres vejam reconhecido na prática o direito ao trabalho e à sua independência, à formação, à valorização e promoção profissional, a um emprego estável e um salário justo, o que pressupõe a dinamização e alargamento da representatividade da CITE (Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego);
- aplicação das medidas legais de combate a comportamentos sexistas no trabalho, nomeadamente no que se refere às ofertas de emprego;
- que sejam desenvolvidas acções de estímulo à formação profissional das mulheres, à reciclagem e reconversão e à formação contínua, visando a diversificação das opções profissionais da mulher;
- fixação de quotas mínimas para as mulheres nos cursos de formação profissional;
- que sejam adoptados os novos modelos educacionais que reflectam uma imagem dignificante da mulher na sociedade;
- criação de programas de educação de adultos específicos para mulheres que tenham de interromper os seus estudos devido a responsabilidades familiares;
- a implementação de uma assistência médica condigna de uma política de saúde que passe pelo cumprimento efectivo das Leis de Planeamento Familiar e Educação Sexual, da Maternidade e Paternidade e de Interrupção Voluntária da Gravidez, com a realização imediata de um inquérito às condições em que esta última lei está a ser aplicada;
- promoção de campanhas de informação sexual dirigidas a jovens casais e pais e abertura de centros de atendimento;

- campanhas de sensibilização para o aleitamento materno e parto profilático («sem dor»);
- desenvolvimento de acções sistemáticas e generalizadoras de rastreio do cancro da mama e ginecológico;
- o incremento de estruturas sociais e serviços de apoio à mulher e à família, nomeadamente creches, jardins de infância e cantinas, a par de uma campanha de sensibilização visando uma justa e equitativa repartição das tarefas domésticas na família;
- estímulo a uma crescente participação da mulher nos centros de decisão a todos os níveis;
- medidas firmes de combate à violência sobre a mulher, de combate ao uso da imagem da mulher como objecto sexual, designadamente na publicidade e combate à indústria pornográfica e à prostituição;
- o reconhecimento de direitos especiais às mães ou pais sós com filhos a cargo, designadamente através da consagração de subsídios e outras prestações da segurança social;
- a criação a nível nacional e regional de centros de atendimento às mulheres, visando informá-las dos seus direitos e a criação, junto dos órgãos de polícia criminal, designadamente nas esquadras, de secções com pessoal competente e especializado, de atendimento directo às mulheres vítimas de maus tratos, violência sexual ou violação;
- revisão das disposições penais relativas ao crime de violação visando a alteração das atenuantes especiais.



Colecção
Paz e Socialismo

POR UM MUNDO
SEM ARMAS NUCLEARES

Mikhaïl
Gorbatchov

Preço 500\$00

edições
Avante!

Nacional

CDU dirige-se aos produtores de leite

Isto tem de mudar!

Há uns anos atrás não havia leite suficiente em Portugal para o abastecimento público.

Deram-se apoios à lavoura, fortaleceram-se as cooperativas, criaram-se as ordenhas, criou-se a zona de recolha organizada, e os produtores responderam muito bem, passaram a produzir tudo quanto o País precisava.

E depois? Começaram as dificuldades de novo. Os preços aos altos e baixos — chamavam-lhes preços sazonais, os atrasos no pagamento, os subsídios que desapareciam, as misteriosas doenças no gado, os preços das rações

da CEE, é assim nessa «Europa»!

Encerraram as feiras e os matadouros. Criaram guias de trânsito que só trazem problemas.

Acabam os subsídios. Deixa de haver o preço fixo ao produtor, para ser feito à porta da fábrica criando divisões entre as cooperativas.

Os industriais já podem recolher o leite na zona organizada, para hoje perseguirem as cooperativas e amanhã abandonar os produtores.

Subiu de 3,2 para 3,7 o teor de matérias gordas para a fixação do preço do leite.

Impuseram condições técnicas e sanitárias e não criaram apoios para isso, impu-

Agora a CEE quer que Portugal pague os custos de ser excedentária em leite e derivados e nós não temos culpa nenhuma. No chamado Plano de Viabilização da Exploração Leiteira, excluem os produtores com menos de 4 ha e 12 vacas, o que quer dizer que na Beira Litoral ficam de fora de qualquer apoio 80% dos actuais produtores.»

que subiram sem parar. Passou-se a pagar as inseminações artificiais, apareceu o contrabando de gado — gado bom que saía, gado tuberculoso que entrava.

Enfim, em vez de se promover o consumo de leite, passou-se a prejudicar a produção.

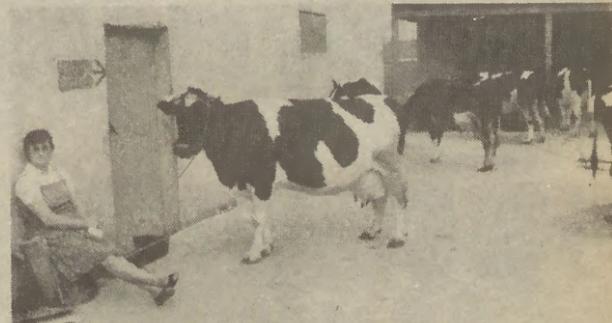
E agora? Prometeram paraíso com a CEE e tudo o que de mau acontece aos produtores de leite, dizem que é por causa

seram a baixa do preço do leite de classe B.

Congelaram o preço do leite para a campanha de 1987/88.

Agora a CEE quer que Portugal pague os custos de ser excedentária em leite e derivados e nós não temos culpa nenhuma.

No chamado «Plano de Viabilização da Exploração Leiteira» excluem os produtores com menos de 4 ha e 12 vacas, o que quer dizer



Os efeitos negativos da adesão à CEE começam a surgir...

que na Beira Litoral ficam fora de qualquer apoio 80% dos actuais produtores.

Enfim, preparam-se para liquidar os pequenos e médios agricultores, para impor a diminuição da produção de leite, baixar o preço e abrir as portas às importações da CEE.

Por tudo isto, a CDU diz aos produtores de leite que isto tem de mudar, governos e partidos que governam assim, que não apoiam os agricultores, não podem ter o seu voto.

É preciso mudar a política, é preciso mudar de governo, é preciso renegociar os acordos com a CEE, os

agricultores não podem ser vítimas dos governos.

Os agricultores têm que ser apoiados para poderem produzir o que o País precisa para se alimentar!

O voto na CDU, permite a eleição de deputados honestos que vão defender os interesses dos agricultores como sempre fizeram.

Uma grande votação na CDU pode ajudar à formação de um governo democrático, um governo que olhe para o bem dos agricultores e do País.

Documento divulgado ao *Avante!* pela CDU de Coimbra

Sondagens

A campanha aproxima-se do fim. Dentro de pouco mais de uma semana, os portugueses — não se sabe quantos — vão meter nas urnas os seus votos e escolher assim os seus representantes para a Assembleia da República — não se sabe ainda que votos e em que partidos. Mas esperam os eleitores que, ao fim do dia 19 de Julho, os resultados sejam conformes às suas vontades, que os representantes eleitos os representem bem, defendam os seus interesses e aspirações — sejam eles quais forem —, que um governo que tenha em conta esses resultados venha a ser formado e governe em consonância com a vontade expressa.

Parece tudo muito simples.

Os partidos fazem propostas.

Os portugueses votam.

Os deputados são eleitos.

O Presidente indica um Primeiro-Ministro.

O Governo forma-se.

Então por quê toda a excitação da campanha? Bastaria seguir os trâmites, aguardar os resultados. Então por quê toda essa pressa em prevê-los? Por quê a profusão de sondagens publicadas apesar da proibição formal? No fim de contas, por quê as sondagens à beira das urnas que faz o país parecer um casino de bingo e os jornais que as publicam simples boletins de totoloto?

Na dança das sondagens, há semanários que inventam «opiniões de jornalistas»; há jornais que publicam «barómetros»; folhas que imprimem termómetros; pasquins que divulgam «previsões feitas no estrangeiro». Há ainda «analistas» que, no temor de resultados que aparentemente desmentem tais opiniões, barómetros e previsões, advertem contra as consequências malélicas dos resultados.

Neste país, onde as estatísticas — que deveriam constatar os factos — são tão frequentemente manipuladas que acabam sempre atribuindo meio frango por pessoa quando há pelo menos meia dúzia que o não comem, as sondagens merecem ainda menos credibilidade.

Sondagens para quê?

Não se trata, como noutra tipo de pesquisa, penetrar profundamente a crosta da realidade, ir ao fundo «insondável» retirar uma amostra estratificada do País e tirar conclusões sobre que quer o País, que querem os trabalhadores e o povo que o compõem.

As sondagens eleitorais, à beira das urnas, são outras tantas armas de propaganda dirigidas contra a própria democracia e os seus processos. Por muito que as defendam os seus promotores, por muito que os seus tecnocratas as justifiquem, por muito que os seus divulgadores as absolvam.

As simples amostras deterioradas que nos impingem — e que variam substancialmente todos os dias e todas as semanas — ou dão a ideia «publicitária» de que o «produto» da direita sobe na cotação dos consumidores, ou dão a ideia, tão mentirosa como a primeira, de que os eleitores são cabeças de vento, dispostos não a apreciar governações, critérios ou propostas mas sim a engolir poções que lhes turvam o entendimento.

As sondagens assim feitas e assim divulgadas não visam senão deitar poeira nos olhos dos portugueses, desmoralizá-los, desorientá-los nas suas escolhas, decepcioná-los nas suas vontades de concretizar aspirações de justiça e de verdade.

Os comunistas, que não temem as sondagens assim feitas mas as não desprezam como arma de inimigos, de adversários e de concorrentes, têm outros modos de conhecer o País e o seu sentir, de falar às populações e de se apresentarem ao acto eleitoral.

Não se limitam, porém, a aguardar os resultados. Batalham, na campanha como antes dela o fizeram, pelo esclarecimento, pelo convencimento. E não discursam apenas. Ouvem e dialogam. E é com a confiança que vem de uma constante luta ao lado dos trabalhadores, pelos seus interesses e aspirações, que acreditam que a sua mensagem tem chegado mais longe e mais fundo, que muitos eleitores se vão decidir pelo voto que decide — na CDU.

Camaradas Falecidos

Américo de Freitas

Vítima de doença grave, faleceu o nosso camarada Américo de Freitas, de 79 anos, taxista reformado, residente no Murtal, membro da organização local do PCP. Nos tempos da clandestinidade prestou úteis colaborações ao trabalho do Partido, tendo sido perseguido pela polícia política.

Aníbal Gonçalves

Residente na Sobreda de Caparica (Almada), faleceu o militante comunista Aníbal Gonçalves, velho lutador antifascista, nascido em 1908.

Joaquim Ferreira Ortigão

Natural de Viseu, membro do PCP desde 1942, activista das campanhas eleitorais de Norton de Matos, Rui Luís Gomes e Humberto Delgado, chefe de redacção do jornal «O Trabalho» (até à sua extinção pela Pide), faleceu recentemente o nosso camarada Joaquim Ferreira Ortigão, membro da organização de Viseu, onde desenvolvia intensa actividade apesar da sua idade avançada.

No funeral esteve uma delegação do Partido e Carlos Fraião, membro suplente do Comité Central, recordou o

exemplo de luta e coragem do falecido, que conheceu as masmorras do Aljube nos anos trinta

Américo Rodrigues Maio

Morreu Américo Rodrigues Maio. Militante do Partido Comunista Português há mais de cinquenta anos, Américo Maio, pequeno industrial, com 76 anos de idade, era actualmente membro da Comissão de Freguesia de Campanhã do PCP. Na luta antifascista e depois do 25 de Abril já em liberdade, Américo Maio manteve-se sempre ligado, com coragem e sem hesitações, às pequenas e grandes lutas em defesa dos ideais da democracia, por uma vida melhor para o nosso povo.

O funeral de Américo Rodrigues Maio partiu da capela mortuária da igreja do Bonfim para o cemitério de Campanhã.

Aos familiares, amigos e companheiros dos comunistas desaparecidos, o colectivo do *Avante!* manifesta as suas sentidas condolências.

A URAP e as eleições

Bater a direita é votar nas forças democráticas de forma a que a direita continue minoria na Assembleia da República, criando assim condições para a necessária convergência democrática que possibilite o Governo de alternativa de que o País tem necessidade — salienta a União dos Resistentes Antifascistas Portugueses (URAP).

Divulgando no seu bimensário, dirigido por Miguel Russel, «a nossa posição face às eleições» a URAP, como associação unitária de resistentes ao fascismo, não vai apelar ao voto em tal ou tal partido ou coligação, acrescentando:

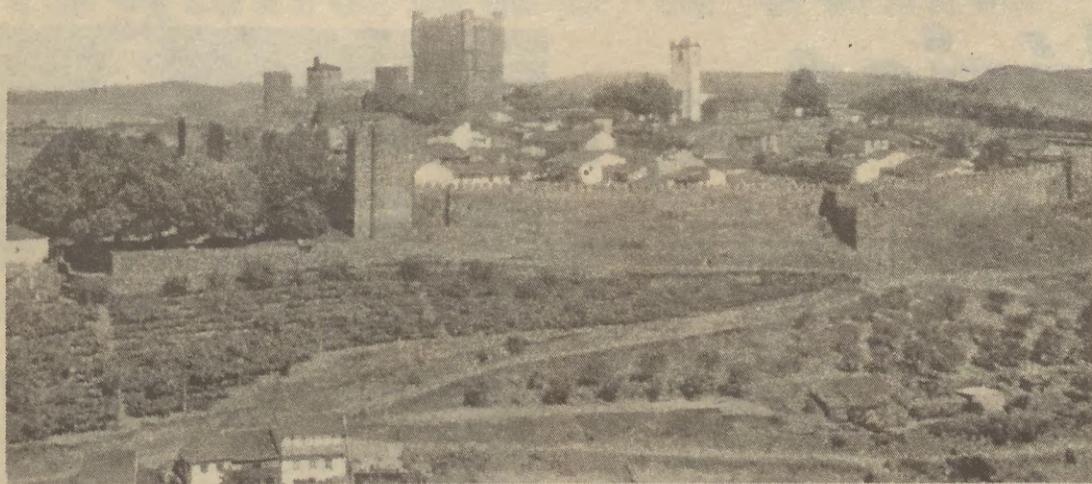
«A URAP tem uma opção mais geral, aceite por todos os seus membros e razão suficiente para os unir: o esforço por que não se perca a memória colectiva das consequências do fascismo e da luta unitária e gloriosa contra um tal regime; o combate a toda a forma de ressurgimento da ideologia e das actividades do fascismo; a defesa e aplicação da Constituição da República; a luta pela paz e a amizade e cooperação com todos os povos; o avanço na concretização de um Portugal melhor, mais livre, desenvolvido, independente, pacífico e feliz por que nos batemos nos 48 anos de opressão e repressão facista.»

Programa Eleitoral do PCP

No texto do Programa Eleitoral do PCP, que publicámos em separata especial na nossa última edição, falta uma frase inteira na pág. 14, primeira coluna, linha 31. Aqui fica o parágrafo na íntegra:

«Adequada estruturação das Forças de Segurança e adequada formação dos seus membros com vista a garantir a sua eficácia para a missão constitucional de defesa da legalidade democrática. **Clarificação do Estatuto da PSP como corpo cívico de segurança.** Definição do carácter não militar dos outros corpos de segurança. Controlo de actuação através do Ministério Público. Alargamento das estruturas e actividades da Polícia Judiciária a todo o território nacional.»

Nacional



Viagem ao distrito de Bragança

Neste distrito de Bragança, que muito tem servido para passeios, promessas e inaugurações de ministros e secretários de Estado de vários governos, os problemas crescem e agravam-se...

Na zona do Norte, para além dos já tradicionais dramas dos agricultores que viram apodrecer as produções de batata e agravar-se a situação geral nos campos, soma-se agora a questão do encerramento brutal de matadouros, nomeadamente o de Bragança, decidido pelo governo Cavaco Silva.

Para o abate de animais, é preciso percorrer cerca de 100 km, até ao Cachão, onde se acumulam indícios de que, como noutros sectores, são os interesses privados de quem está dentro e fora do complexo que determinam a acção e o futuro do matadouro. As reses emagrecem com o trânsito imposto, os agricultores perdem dinheiro, as populações não são servidas convenientemente. Nos últimos meses vem juntar-se a tudo isto a importação de carne de países da CEE e da Austrália, prejudicando ainda mais o escoamento da produção dos agricultores transmontanos.

Não falemos por agora dos dramas do escoamento e preços do leite, ligados ao Cachão. Falemos do desmantelamento deste complexo e dos arranjos que grupos privados e até autarcas do PSD vêm fazendo para se apoderarem dos sectores rentáveis do CAICA, enquanto se agravam as ameaças de desemprego entre os trabalhadores.

Ainda no sector da agricultura, são poucas as palavras necessárias para definir o que se passa na região demarcada do Douro. Os direitos de produção de vinho do Porto passam para as grandes companhias transnacionais enquanto 30 000 pequenos e médios produtores ficam sem o benefício ou a ele não têm acesso.

Na indústria extractiva, as minas de Moncorvo atingiram o ponto zero na extracção de minério de ferro, enquanto o plano siderúrgico fica na gaveta onde ficou o socialismo do PS e a social democracia do PSD... Outras minas são encerradas, por exemplo no concelho de Bragança e Vimioso, lançando agora o Governo demitido mais centenas de trabalhadores no desemprego.

A via férrea do Sabor está na realidade encerrada e a do Tua já o estaria, se tivesse vingado totalmente o acordo que o ex-ministro do PS Rosado Correia firmou em Bragança com presidentes de Câmaras do distrito eleitos pelo PSD, pelo CDS e pelo PS. Mas a luta das populações impediu-o.

A via rápida para Bragança já foi inaugurada mais vezes que os troços que falta abrir. Na área da Saúde, a comissão instaladora da administração regional continua a ser constituída por pequenos líderes do PSD que beneficiam gente afectada enquanto esquecem as populações, que precisam novamente de se deslocarem ao Porto, a Lisboa ou a Espanha para resolverem os seus problemas se tiverem posses para isso, claro...

Uma Região que sirva as populações

Agora, a região de Trás-os-Montes e Alto Douro estaria condenada a ser lixeira de Espanha e da Europa da CEE, se as populações não se movimentassem e não estivessem determinadas a lutar até ao fim contra o projecto do Governo espanhol e da CEE para Aldeadavila, que era afinal, já há meses, do conhecimento do Governo Cavaco Silva...

Como sempre, têm de ser os habitantes das regiões a lutar. E neste caso terão de lutar muito, juntamente com as forças políticas conseqüentes, como a CDU, que já desenvolveu em Assembleias Municipais do distrito e no Parlamento Europeu iniciativas que visam afastar esse perigo imenso da lixeira nuclear, que poderá afectar violentamente a região transmontana e duriense e não só.

Perante esta situação complexa e agravada, de que aqui se dá uma pálida ideia, que tem sido esquecida ou aproveitada pelos governos de direita como pelos deputados eleitos pelo distrito a Assembleia da República, tanto do PSD, do PS, como do CDS, que propõe a Coligação Democrática Unitária para o distrito e para a região?

Também aqui no Nordeste transmontano, as forças políticas e os democratas independentes que integram a CDU podem dizer com clareza que não aparecem só quando se trata de eleições. Dia após dia, nas autarquias, nos campos, nas empresas, nas cidades, vilas e aldeias, os comunistas e outros democratas esclarecem as populações, organizam as lutas, reivindicam e propõem soluções ajustadas, para que a vida melhore no Nordeste transmontano. Defendem o aproveitamento das riquezas da região como apontam a via da democracia plena e da liberdade, para chegar ao desenvolvimento económico, social e cultural que o povo transmontano e duriense merece.

As nossas propostas de regionalização e desenvolvimento apontam para a criação de uma região que corresponda aos reais interesses das populações de Trás-os-Montes e Alto Douro. Região que terá de ser definida em rigor pelas populações interessadas e não pela Comissão de Coordenação da Região Norte, de Silva Penada, Valente de Oliveira e do PSD, ou pelos dirigentes regionais e locais deste partido, que a tudo cedem, até na criação de uma região de Miranda do Douro ao litoral... é este projecto do PSD e de toda a direita, o que iria agravar as profundas diferenças que já existem entre o litoral e o interior transmontano e duriense.

O estudo e o conhecimento prático dos problemas, realidades e potencialidades do distrito que já levámos a cabo e continuaremos diariamente a realizar, garantem aos transmontanos e durienses que votar na CDU é votar diferente e novo. Não é enterrar o voto silencioso numa urna é torná-lo vivo e actuante ao longo dos anos, seja na Assembleia da República ou no Parlamento Europeu, para que finalmente possamos sair da situação de estrangulamento a que as forças de direita, antes e depois do 25 de Abril de 1974, nos quiseram remeter, apesar de promessas e demagogias a rodos.

O voto na CDU é um voto eficaz que decide de facto e que ajudará a resolver os grandes problemas e desafios que se colocam ao Nordeste transmontano, às populações trabalhadoras, aos regressados de África e aos emigrantes que agora regressam. Todos juntos libertaremos ainda mais a nossa terra de jugos velhos e novos, rumo à liberdade e ao futuro.

■ **A. Modesto Navarro**
(candidato à AR)

Carlos Ramildes no Pinhal Novo: O alçapão cavaquista

«O que Cavaco Silva diz ter feito é tanto, ainda que sem corresponder minimamente à realidade, e é tanto o que promete fazer, ainda que saiba ter politicamente os dias contados, que demagogia já é pouco para caracterizar a sua conduta política. Mais do que fazer demagogia, Cavaco Silva falta à verdade e apenas faz publicidade. Publicidade sem escrúpulos pois Cavaco Silva é um produto requeentado que há muito ultrapassou o seu prazo de validade» — lembrou Carlos Ramildes, membro suplente da Comissão Política do CC do PCP e candidato da CDU à Assembleia da República pelo círculo de Setúbal, no âmbito da Festa Amiga, no passado fim-de-semana no Pinhal Novo.

Mais adiante o dirigente comunista afirmaria:

«Para o distrito de Setúbal dizem apostar no desenvolvimento e que criarão 50 mil novos postos de trabalho. Mas ainda recentemente criaram um chamado sistema de estímulos de base regional e no que diz respeito à criação de emprego colocaram os treze concelhos do distrito de Setúbal na última prioridade.

E isto não são tiradas propagandísticas da nossa parte — está preto no branco do Diário da República (Dec. Lei número 283-A/86 e portaria número 495-A/86).

Entre as palavras e os actos de Cavaco Silva há um enorme alçapão. É preciso avisar os portugueses em

geral, mesmo os trabalhadores que enganados votaram PSD. O caminho para a resolução dos problemas de Portugal e dos portugueses não é pela direita, não é o indicado pelas setas do PSD.

É com democratas que se resolverão os problemas do Portugal democrático. É na convergência de todos os democratas que está a chave do problema. É na CDU que há maiores garantias da solução ser construída. É na CDU que há maiores garantias da solução ser construída.

Cavaco Silva diz que criou 136 mil postos de trabalho mas que «felizmente a oposição não viu». O pior é que, infelizmente, os desempregados também não viram.

Aliás são as próprias estatísticas oficiais, do INE, que confirmam — pela mão de Cavaco Silva tem-se acentuado a dependência de Portugal em relação ao estrangeiro.

Nos primeiros quatro meses deste ano as importações continuaram a crescer mais que as exportações — perto de 5 pontos.

E nas exportações o que mais aumentou foi a pasta de papel (subiu 66,6 por cento), ou seja, confirma-se o que vimos dizendo — cada vez mais temos de comprar no estrangeiro o que consumimos, cada vez mais a produção nacional se vai limitando ao que os outros países da CEE não querem produzir nas suas próprias terras.

Festa CDU em Ponta Delgada

Realizou-se no último sábado uma festa nas portas da cidade, em Ponta Delgada, com a presença do cabeça de lista da CDU pelos Açores à Assembleia da República, José Decq Mota. Os candidatos Aurélio Bento e Paulo Jorge Bernardo e ainda o candidato ao Parlamento Europeu, Mário Abrantes, também participaram na iniciativa.

Largas dezenas de pessoas assistiram à festa CDU, na qual actuou Francisco Ceia e seu grupo.

Francisco Ceia, pela primeira vez nos Açores, conseguiu prender a atenção das pessoas presentes na Praça Gonçalo Velho e de muitas outras que se encontravam a passear na avenida marginal.

Numa curta intervenção, José Decq Mota salientou que «a luta pelo desenvolvimento da democracia nos Açores, dentro do quadro da autonomia constitucional, tem permitido grandes conquistas na região, entre as quais se pode referir esta própria festa, pois seria de todo impensável realizá-la há quatro anos atrás.

José Decq Mota, actual-

mente deputado na Assembleia Regional dos Açores, referiu-se ao descontentamento existente entre os açorianos afirmando que é «necessário transformar este descontentamento em força política democrática e de oposição ao actual poder regional».

O cabeça de lista da CDU — membro suplente do CC do PCP — realçou ainda «a necessidade que há em ser eleito um deputado açoriano pela CDU para levar uma voz verdadeiramente democrática à Assembleia da República, que defenda os reais interesses dos Açores e dos açorianos e contribua para que se introduzam sérias e positivas transformações na vida política da região».

Nacional

Atletas, sindicalistas, artistas, dirigentes associativos, etc.

Jovens solidários com a CDU

O movimento de apoio juvenil à CDU na Grande Lisboa reforça-se, como o demonstram as múltiplas manifestações, quer individuais, quer colectivas, que têm chegado ao nosso conhecimento.

De entre os apoiantes, salientamos hoje: Maria da Luz, membro do Conselho Nacional da CGTP; António Pedro, membro do Conselho Distrital da USL; Ana Goulart, da Rádio Imprevisto; Pedro Pinheiro, membro da Ass. de Estudantes da António Arroio; Paula Sanches, presidente da Ass. de Estudantes da Patrício Prazeres; Rui Pereira, campeão nacional de karaté; Fernando Cruz, ultramaratonista; Óscar Santos, atleta do Sporting, maratonista; Isabel Lopes, jovem em-

presária; Guilherme Correia, investigador científico; Pedro Duarte, campeão e recordista nacional de halterofilia; Filipe Paulo, membro da comissão de jovens de Sacavém para a defesa do rio Trancão; Jorge Pereira, coordenador da Ass. de Trab.-Est. de VF de Xira; Ana Silva, estudante universitária, católica; Maria do Carmo Santos, jogadora de andebol

do Sport Lisboa e Benfica; José Duarte, halterofilista, campeão nacional de juniores; Sara Duarte, halterofilista, recordista nacional de juniores; Domingos Boieiro, da direcção da Ass. de Est. da Fac. de Letras; Helena Lopes, da direcção da Ass. de Est. do IS Economia; Carlos Pires, da Associação Juvenil de Ciência; João Lucas, músico; Paulo Jorge Sousa, do

grupo «Essa Intente»; Vítor Rua, guitarrista dos Telectu; Carmo Silvestre, vocalista dos Melleril de Nenbutal; Lúcia Maria, actriz do Teatro Nacional; Argentina Rocha, actriz do Teatro Aberto; Henrique Cayate, artista plástico; Manuel Sampayo, pintor; Pedro Cavalheiro, artista plástico; José António, coordenador nacional de jovens desempregados.



Apoio de intelectuais

Continuam a chegar aos serviços de candidatura da CDU/Lisboa numerosos apoios dos meios intelectuais. Um recente *telex* do gabinete de Imprensa da Coligação anunciava o apoio dos escritores Vasco Riobon,

Yolanda Morazzo e Teresa Horta; dos arquitectos Manuel Tainha, Raul Hastenes Ferreira, Leopoldo de Almeida, Carlos Roxo; dos profissionais da rádio Cândido Mota, Maria José Dionísio,

Edite Sombreiro, Manuela Nobre, Carlos Hacheman, Gil Montalverne; dos médicos Álvaro Luz e Sil e Joaquim Seabra Dinis; dos músicos Anabela Gonçalves e Mateus Jubilot e do economista Armando Caeiro.

Carlos Brito em Monchique:

Eles têm medo da verdade

Falando numa sessão de esclarecimento em Monchique, o cabeça de lista da CDU pelo Algarve, Carlos Brito, afirmou: «Cavaco Silva enfeitou-se com penas de pavão. São penas falsas. A campanha eleitoral vai revelar que o rei vai nu».

Prosseguiu, perguntando: «Já repararam que estas foram as primeiras eleições em que não houve debates nem na televisão nem na rádio? E não houve porquê? Porque o PSD e Cavaco Silva têm medo da verdade. O PSD é um partido e um governo de monólogo. Eles propagandearam que graças ao Governo os salários foram aumentados. Nós sabemos que é falso. Nós sabemos que o Governo de Cavaco Silva quis impedir os aumentos dos salários impondo tectos salariais. A luta dos trabalhadores é que rebentou os tectos salariais. Os salários foram aumentados não por vontade do Governo, mas contra a vontade do Governo».

«Eles também se gabavam de que o Governo aumentou as reformas e pensões. É falso também. A decisão para o aumento das reformas e das pensões foram tomadas pela Assembleia da República e o Governo não fez mais que executá-las. E nem todas. Ainda não cumpriu os aumentos estabelecidos pela Assembleia da República quando aprovou em Dezembro o Orçamento de Estado para 1987. É necessário dizer, no entanto, continuou Carlos Brito, que são ainda tantas as reformas e pensões de miséria que não há motivo para que ninguém gabe os aumentos que se têm verificado. Repare-se que 750 mil reformados ainda recebem pensões e reformas de 7500 e 8500 escudos. Mais que gabarolices estes números exigem que as forças políticas se comprometam a modificar razoavelmente esta situação. A CDU assume o compromisso

quando inscreve entre as medidas urgentes que defende em relação aos reformados, que as reformas e pensões mínimas não possam ser inferiores a 55% do salário mínimo nacional e que aumentem automaticamente sempre que este for aumentado».

Depois de enumerar outros aspectos da propaganda do PSD e de Cavaco Silva, Carlos Brito observou:

«Infelizmente não é só Cavaco Silva que se enfeita com penas falsas. Vítor Constâncio, que tanto se quis enfeitar com as penas da alternativa, mostra afinal que em quase todos os pontos fundamentais está de acordo com Cavaco: na revisão da Constituição, na revisão da legislação laboral, na revisão da legislação eleitoral. À medida que fala vai perdendo as penas. Até lembra a famosa redondilha de Camões: «Perdigão perdeu as penas, não há mal que lhe não venha».

«Com penas falsas se enfeita também o MDP que só agora, já muito adiantado nos anos, pretende passar por partido ecologista, quando a verdade é que sempre se afirmou como defensor do uso da energia nuclear. É caso para dizer: verduras seródias».

Finalmente, o cabeça de lista da CDU pelo Algarve apelou a uma grande votação na CDU dizendo que o «povo deu já grandes votações a outros partidos e tudo ficou na mesma. O voto na CDU é o voto que decide a mudança, que ponha termo aos governos da direita e crie as condições para a viabilização de um governo democrático».

Universitários de Lisboa com a Coligação Democrática Unitária

Cento e dezasseis estudantes do Ensino Superior de Lisboa, empenhados nos movimentos associativo, estudantil, cultural e científico, tornaram público o seu apoio à CDU, subscrevendo uma breve declaração em que afirmam a dado passo:

• *Unidade e democracia na Universidade significam uma escola mais aberta e participada. Significam fundamentalmente encarar hoje os problemas que, agora e no futuro, se irão colocar ao universo estudantil português: as questões do emprego e da li-*

gação Universidade-mundo do trabalho; do (in)sucesso escolar; das novas tecnologias e formas de produzir conhecimento.

• *Nós defendemos a unidade e a democracia e apoiamos a CDU porque pensamos ser este o espaço*

mais indicado para dialogar e agir sobre aqueles grandes temas da Universidade.

• *Apoiar a CDU significa participar numa campanha eleitoral que se afirma pelo diálogo e discussão daquelas questões.*

Entre estes estudantes, que se distribuem por 27 escolas, encontram-se 35 actuais dirigentes associativos de 10 escolas de Academia, membros da Comissão Nacional Coordenadora dos es-

tudantes de Letras, vários representantes estudantis nos órgãos de gestão das escolas: Conselhos Pedagógicos, Directivos e Assembleias de Representantes, bem como malta que toca, dança, faz teatro e participa de alguma forma na vida cultural e associativa da Universidade.

É de salientar, ainda, que mais de metade destes apoiantes não se encontram inseridos em qualquer organização política partidária.

Candidatos visitam norte do distrito

A Coligação Democrática Unitária organiza hoje, 9 de Julho, uma visita ao norte do distrito de Lisboa em que participarão os candidatos João Paulino (agricultor), Florival Lança (dirigente da União de Sindicatos de Lisboa) e Blasco Hugo Fernandes (engenheiro, candidato ao Parlamento Europeu).

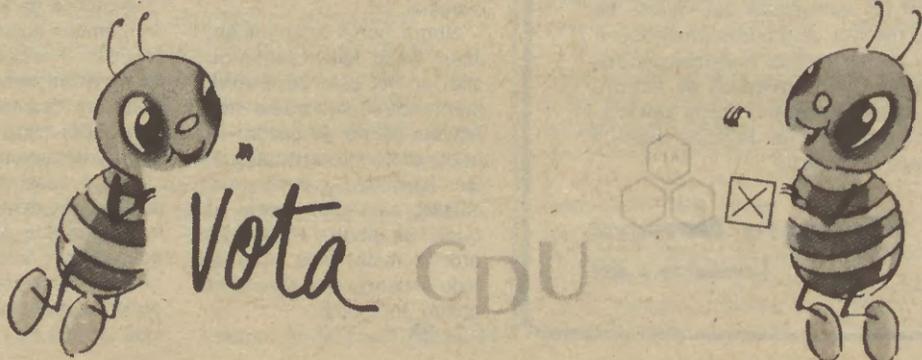
Esta iniciativa iniciar-se-á com um almoço em Torres Vedras, seguido de visitas a empresas e a uma cooperativa vinícola e terminará com um encontro com agricultores da região.

A partida de Lisboa está prevista para as 11 horas, com saída do centro Vitória, sendo assegurado transporte aos jornalistas.

Encontros de amigos no Vitória

Encontro de Amigos — assim se intitula o conjunto de iniciativas de convívio que a comissão de intelectuais de apoio à CDU em Lisboa está a promover no terraço do Vitória, com a participação do jornalista e escritor **Baptista Bastos** e de um convidado especial para cada um dos encontros.

Assim, depois de **Lia Gama** (na passada segunda-feira), estará no Vitória amanhã a partir das 22 horas **Maria Guinot**. Depois no dia 14 será a vez de **Carlos Mendes**.



Nacional

Ilegalidade à solta estimulada pelo Governo 8 exemplos significativos

Os abusos do Governo demitido, que ultrapassa constantemente as suas funções de mero executivo de gestão e que se tem lançado numa escandalosa acção de propaganda eleitoralista, com inaugurações, visitas de ministros e secretários de Estado, distribuição de subsídios, etc., etc.; a destruição de propaganda eleitoral por arruaceiros ao serviço da direita; os entraves, as ameaças e as atitudes antidemocráticas de responsáveis de autarquias; as agressões físicas de elementos reaccionários contra democratas e nomeadamente activistas da CDU na via pública — são faces de uma mesma moeda: a ilegalidade.

Ilegalidade que a Coligação Democrática Unitária tem combatido, levando-a ao conhecimento da opinião pública e das entidades competentes, exigindo o cumprimento rigoroso das disposições constitucionais e das leis em vigor no regime democrático português. Os oito exemplos que deixamos já de seguida — recolhidos entre tantos outros possíveis, que têm chegado ao nosso conhecimento — dão uma ideia do que tem ocorrido no campo da ilegalidade, utilizada e estimulada pelo Governo minoritário de Cavaco Silva.

1.

CML e Abecasis

O Juiz do 4.º Juízo Civil da Comarca de Lisboa sentenciou hoje que seja ordenado à CML que se abstenha de remover a propaganda eleitoral da CDU afixada na cidade de Lisboa.

Esta decisão judicial surge na sequência da providência cautelar requerida pela CDU face a acções praticadas pela Câmara Municipal de Lisboa de destruição de materiais de propaganda CDU, designadamente painéis e faixas, e a afirmações do respectivo presidente, constantes de ofício enviado ao mandatário distrital da CDU no passado dia 27 de Maio, segundo as quais «... V. Exaª poderão apresentar as queixas judiciais que entenderem, mas não poderão estranhar que esta Câmara, dentro dos mais rigorosos critérios da ética política, actue como se lhe impõe.»

A decisão do Tribunal confirma devidamente fundamentadas as disposições constitucionais e legais em vigor e vem confirmar por um lado a razão da CDU quanto à plena legitimidade para o exercício «sem impedimentos nem discriminações», dos seus direitos de informação e divulgação e, por outro lado, condenar a atitude ilegal e ilegítima do Município de Lisboa e do seu presidente contra o normal exercício das liberdades democráticas. (...)

(Gabinete de Imprensa da CDU/Lisboa; 9.06.87)

2.

A actuação do governador civil de Évora

(...) Nas iniciativas já realizadas o apoio, o entusiasmo,

a aproximação à CDU e às suas propostas tem sido muito largo, ampliando o capital de confiança de que a APU já desfrutava. Essa aproximação chega inclusivamente a militantes e tradicionais apoiantes de outras forças democráticas (...)

Mas, apesar de muitas, a nossa influência não se mede só pelas iniciativas realizadas ou a realizar, com base no planeamento distrital. Elas são multiplicadas por muitos apoiantes que nos seus locais de trabalho, de residência, de convívio, estão a formar comissões de apoio, a recolher fundos, a promover abaixo-assinados, a estender o apoio a camadas e sectores cada vez mais largos da população.

E tudo isto, apesar da escandalosa actuação do Governo demitido, que abusando das funções de Governo de gestão, utilizando ilicitamente o aparelho de Estado para fins eleitorais, realizando inaugurações e visitas por tudo quanto é sítio (em curto período atingiram já as 75), manipulando despidoradamente os órgãos de Comunicação Social, compromete a democraticidade do processo eleitoral.

Esta actuação também já está a estender-se ao nosso distrito.

Queremos aqui denunciar o facto de o sr. governador civil estar a tentar intrometer-se no livre exercício da actividade eleitoral de partidos e coligações democráticas para favorecer o partido de que é militante — o PSD. Assim, o governador civil não quer que a CDU realize uma sessão/convívio, no próximo dia 2 de Julho, às 21 horas, no Teatro Garcia de Resende, em Évora, com Maria Santos, dirigente nacional do Partido Os Verdes, com o pretexto de que nesse dia se encontra em Évora o presidente do PSD, Cavaco Silva. Mas a verdade

é que Cavaco Silva está em Évora, horas antes, às 19 horas, em local bem diverso, sem possibilidade de haver interferência entre as duas iniciativas. Donde se pode concluir que o sr. governador civil confundindo as suas funções oficiais com as de militante do PSD quer ter a cidade por sua conta nesse dia, impedindo qualquer outra força política de realizar a sua campanha na cidade.

Face ao comportamento claramente ilegal do Governo Civil, a CDU vai participar da actuação do governador civil à Comissão Nacional de Eleições, ao mesmo tempo que declaramos manter a iniciativa.

A Comissão Eleitoral da CDU do distrito de Évora leva ao conhecimento da população o seu protesto e repúdio por esta inqualificável atitude do sr. governador civil, que procura assim restringir as liberdades dos partidos e coligações concorrentes às eleições.

Esta tentativa de criação artificial de um incidente por parte do governador civil não vai, contudo, afectar a larga dinâmica de esclarecimento e mobilização dos cidadãos do nosso distrito, que vêem na CDU a força que melhor se identifica com os seus anseios, a força democrática que melhores garantias dá de, na Assembleia da República e fora dela, lutar pela defesa do regime democrático, pelo desenvolvimento económico e pela valorização e aproveitamento dos recursos nacionais e do nosso distrito, pela defesa da melhoria das condições de vida e do bem-estar material e cultural do nosso povo, pela defesa da independência nacional e da Paz (...)

(Encontro com os órgãos de informação no pavilhão da CDU da Feira de S. João; 27.06.87)

3.

Gaia: eleitoralismo, desrespeito pelo Poder Local democrático...

1. Depois de o Presidente da República ter informado que não aceitava o convite para inaugurar a «Gaiamostra», por se estar no período de campanha eleitoral, o presidente da Câmara Municipal de Gaia propôs que se convidassem membros do Governo.

2. A maioria da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia (vereadores do PS e do

PCP) opuseram-se, considerando «inadmissível que quaisquer membros do Governo, contra a deliberação maioritária da Câmara, venham participar na inauguração da Gaiamostra, partidariando e aproveitando com fins eleitoralistas uma actividade que toda a Câmara e Município de Gaia apoiaram».

3. Entretanto, foi oficialmente anunciada a presença de um membro do Governo na inauguração da Gaiamostra.

4. A população de Gaia não pode deixar de repudiar esta provocação aos órgãos autárquicos eleitos pelos gaianos e o desprezo que o PSD e o Governo demitido de Cavaco Silva demonstram pelas decisões do Poder Local democrático.

(Gabinete de Imprensa da CDU/Porto; 27.06.87)

4.

... e violência à PSD!

1. Na noite de ontem, 26 de Junho, cerca da meia-noite, um grupo de militantes do PSD de Gaia que procedia à colocação de propaganda eleitoral na Avenida da República, ameaçou populares que chamavam a atenção para a necessidade de não destruir a propaganda da CDU existente no local, quando colocavam os pendões do PSD por cima da propaganda da CDU.

2. Foi então que um militante do PSD já devidamente identificado, conhecido por filho do sr. Marques, da confeitaria de St. Ovídio, agrediu violentamente à cabeçada um activista da CDU, que teve de receber tratamento hospitalar, levando 12 pontos no rosto. Foi já apresentada queixa da CDU contra o energúmeno.

3. Entretanto, esse grupo do PSD ameaçou os populares ali presentes e os activistas da CDU, tendo mesmo um deles afirmado: «Isto não fica assim. Esta campanha vai acabar aos tiros».

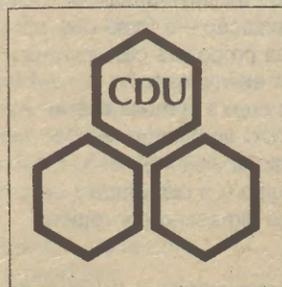
4. Os democratas e a população de Gaia não podem deixar de repudiar acções deste tipo que põem em causa a democracia e a liberdade.

(Gabinete de Imprensa da CDU/Porto; 27.06.87)

5.

Manique (Alcabideche)

Ontem à noite, cerca das 23 horas, em Manique (Alca-



bideche) um activista da CDU foi agredido por um grupo de indivíduos, alguns dos quais conhecidos drogados, que destruíram também propaganda que estava a ser afixada pelo agredido.

A CDU apresentou queixa na GNR local.

(Gabinete de Imprensa da CDU/Lisboa; 29.06.87)

6.

Destruição de propaganda na zona da Praça de Espanha (Lisboa)

Um grupo de militantes/simpatizantes do PSD procedeu hoje à destruição de propaganda eleitoral da CDU na zona da Praça de Espanha/Avenida Santos Dumont, em Lisboa.

Na sequência de tal acção ilegal, a CDU apresentou, na esquadra da PSP do Rego, queixa-crime contra o PSD na pessoa de Eduardo Martins Barbosa que, na altura se identificou, exibindo o cartão de membro do PSD, perante as autoridades como sendo o militante número 110514634 daquele partido, exercendo funções de primeiro oficial na Junta de Freguesia de Fátima, de maioria afecta ao PSD/CDS.

Esta acção desenvolvida pela CDU fundamenta-se no disposto na Lei Eleitoral para a Assembleia da República que, expressamente prevê no seu artigo número 139, número 1, que aquele que destruir material de propaganda afixado será punido com prisão até seis meses e multa de mil a dez mil escudos.

Esta acção do PSD, conjugada com anteriores acções de destruição e vandalismo daquele partido contra a propaganda da CDU é bem elucidativo do espírito antidemocrático que anima as suas hostes, é demonstrativa da necessidade de derrotar a direita e os seus projectos contra as liberdades democráticas, nas eleições do próximo dia 19 de Julho.

(Gabinete de Imprensa da CDU/Lisboa; 30.06.87)

7.

CDU em Portimão «danifica» a relva!...

Martim Gracias, que se tem evidenciado durante doze anos em Portimão, como principal agente da degradação de uma cidade transformada em selva de betão armado, mostra-se agora muito incomodado com a propaganda da CDU.

O chefe de jardins municipais arrancou todo o material de propaganda que a CDU tinha implantado nos jardins da cidade, alegando que as faixas plásticas que os circundavam danificavam a relva.

Contactado pelos responsáveis de Portimão da CDU, o autarca portimonense manifestou-se co-responsável pela atitude tomada pelo chefe de jardins, estranha atitude, numa terra onde os espaços verdes se podem procurar à lupa, onde todos os vestígios de património histórico têm estado ao abandono, sem que isso nunca pareça ter incomodado o autarca.

É intenção da CDU repor todas as faixas, visto que as estacas que as prendem à relva na ponta dos canteiros não danificam de qualquer modo a relva dos jardins (...)

(Gabinete de Imprensa da CDU/Algarve)

8.

Agressão selvagem em Odivelas

Fernando Salgueiro, activista da ex-«AD» agrediu barbaramente com uma enxada o cidadão José António Roque Nunes, simpatizante da CDU, quando este último participava na pintura de um mural daquela coligação.

Esta agressão verificou-se no passado dia 30 de Junho, pelas 21 horas no Bairro de Arofa, em Odivelas, dela tendo resultado ferimentos graves na barriga e no peito do agredido.

A actuação deste activista do PSD/CDS, conhecido localmente pelas suas ideias salazaristas, surge na sequência de anteriores agressões a democratas e, concretamente, ao cidadão José António Nunes.

A CDU apresentou queixa contra o agressor na esquadra da PSP que serve a freguesia.

(Gabinete de Imprensa da CDU/Lisboa; 2.07.87)

Nacional

Ainda é cedo para balanços, mas...

A iniciativa e a mobilização estão na CDU • O exemplo de Coimbra

Ainda é cedo para balanços. No entanto, em várias regiões do País, a CDU já começou a divulgar alguns apontamentos sobre o trabalho de esclarecimento e propaganda eleitoral e a movimentação em torno das iniciativas das candidaturas e das propostas da Coligação. Assim aconteceu, por exemplo, em Coimbra. No encontro realizado com a comunicação social, num hotel da cidade, a CDU apresentou assim um primeiro apanhado da campanha eleitoral (estávamos então no dia 2 de Julho e o camarada Álvaro Cunhal iniciava uma longa digressão por regiões do Centro e Norte do País).

Os candidatos deslocaram-se a fábricas (13), a feiras e mercados (23), participaram em acções de porta-a-porta (26) e em caravanas nas diferentes localidades (19). Todos os concelhos do distrito viveram já iniciativas da CDU e centenas de localidades foram já visitadas pe-

los candidatos e activistas da CDU.

Simultaneamente, os mais diversos sectores da população dão o seu apoio à CDU, a que a generalidade da imprensa não tem dado o devido relevo.

Assim, deram já o seu apoio à CDU:



• 73 dos mais destacados dirigentes sindicais do distrito, dos quais salientamos: Bernardino Correia Gonçalves (médico); Carlos Cidade (empregado de escritório); Carlos Ferro (médico); Fátima

ma Januário (professora); Fernando Serra (gráfico); Isabel Hipólito (educadora de infância); Manuel Palrinha (serenheiro); Manuela Súcena Mira (médica); Joaquim Calhau (empregado bancário); José Braga (bilheteiro); José Gaspar (fiscal); José Jorge (torneiro).

• 372 agricultores que, ao apoiarem a CDU, escrevem uma carta aos seus companheiros, explicando as razões de tal apoio.

• São, por outro lado, os pescadores de Buarcos e da Figueira da Foz que dirigem carta a Álvaro Cunhal e à CDU, expondo as suas dificuldades mais prementes, afirmando o seu apoio à CDU se esta se comprometer a defender os seus interesses na Assembleia da República. O compromisso ficou selado.

• É o Poder Local Democrático, através do apoio de inúmeros eleitos dos órgãos municipais e de freguesia, a que se juntam 8 presidentes de juntas.

Lisboa Manifesto dos jovens candidatos da CDU

A criação de novos empregos através da dinamização da indústria e da construção civil, o fim dos contratos a prazo e do trabalho precário, a aplicação do subsídio aos jovens à procura do 1.º emprego, de acordo com a lei aprovada na AR, o fim das discriminações salariais e do trabalho infantil, a alteração do sistema de crédito jovem à habitação, a construção de novas escolas, medidas urgentes de combate ao insucesso escolar, fim do «numerus clausus», generalização da medicina preventiva e das consultas de planeamento familiar, a proibição do trânsito e estacionamento de armas nucleares no Tejo, e a despoluição das «praias da linha» contam-se entre as propos-

• São destacados quadros do sector bancário e da EDP.

• São 205 professores e 182 profissionais de saúde, alguns com destacadas funções na Universidade.

• É também José da Ressurreição Seixas, ex-dirigente Nacional da Juventude Socialista.

• Igualmente dois subscritores do Movimento «Coragem» (Rui Carrington e Joaquim Calhau) apoiam publicamente a CDU.

Ainda na fase da pré-campanha, atingiram-se pontos altos de contacto com as populações com a deslocação do secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, à região do Baixo Mondego, com um comício em Coimbra para a apresentação pública dos candidatos (14 de Junho) que voltou a contar com a participação de Álvaro Cunhal e com a visita de Maria Santos, deputada de «Os Verdes», à Figueira da Foz e a Coimbra.

A CDU repôs a tradição das fogueiras dos Santos Populares na parte baixa da cidade de Coimbra, realizando-as no local onde durante anos a população de Coimbra as celebrava. Foram 5 noites de grande calor humano, de convívio alegre dos candidatos da CDU com a população, que ali ocorreu em número elevadíssimo.

Em seguida foram dados numerosos exemplos de iniciativas programadas pela CDU no distrito, envolvendo candidatos, artistas e apoiantes.

tas avançadas no manifesto dos jovens candidatos da CDU por Lisboa, divulgado recentemente aos jornalistas, em iniciativa realizada em Santa Catarina.

Ao encontro com os profissionais da Comunicação Social estiveram António Filipe, João Lázaro, Clara Cardoso, Mário Milhomens, Aristides Teixeira, Tomás Maia, Ana Alves e Rogério Moreira.

No maior círculo eleitoral do País, os jovens da CDU estão convictos de que é possível eleger três candidatos que na futura AR serão vozes e presenças firmes na defesa dos interesses, dos direitos e das aspirações da juventude. Que tem o direito de ser feliz!

Setúbal

Propostas concretas para o desenvolvimento do distrito

Através de diversificadas iniciativas, a Coligação Democrática Unitária tem divulgado em todos os distritos do País tomadas de posição, manifestos, programas e propostas que revelam a profunda identificação entre os candidatos e as situações reais que se vivem nas diferentes zonas e localidades. Em Setúbal, por exemplo, no desdobramento com a lista de candidatos que apresenta por este círculo eleitoral, a CDU avança também um programa para o desenvolvimento do distrito, que parte de dois dados fundamentais: por um lado, as dificuldades sentidas na região em virtude da política de direita; e por outro lado as enormes potencialidades do distrito, tanto ao nível dos recursos humanos como naturais. Vejamos então alguns tópicos deste programa:

Aspectos gerais

- Aproveitamento e valorização dos recursos da região, aumentando significativamente o número de postos de trabalho.
- Criação urgente das Regiões Administrativas.
- Melhoria das acessibilidades internas (redes viária e férrea, transportes públicos).
- Melhoria das ligações entre as duas margens do Tejo, definindo rapidamente um melhor aproveitamento da ponte «25 de Abril» (inclusive via férrea) e a eventual construção duma segunda ponte mais a norte (zona de Montijo).
- Constituição de grupo de trabalho da Administração central, regional e local e de outras entidades para o estudo dos efeitos positivos e negativos da eventual construção de ponte entre Setúbal e Tróia.
- Avanço no planeamento integrado do território a nível municipal e distrital.
- Defesa do património natural e cultural.
- Apoio ao movimento associativo no distrito, factor va-

rioso de dinamização e identidade cultural.

- Por fim à situação dos salários em atraso, redução acelerada da taxa de desemprego e combate ao abuso do trabalho precário.
- Intensificação das medidas para a preservação e protecção do ambiente e para o combate à poluição.

Juventude

- Mais apoio à ocupação dos tempos livres da juventude e ao intercâmbio juvenil. Concretização do projecto de Campo de Férias da Juventude e criação de Pousadas da Juventude.
- Intensificação da ligação da escola ao meio.
- Aumento das oportunidades de formação vocacional e profissional na região.
- Estimulo às iniciativas que possibilitem primeiro emprego aos jovens.

Serviços públicos

- Aproveitamento pleno das instalações e equipamentos de serviços de saúde pública, nomeadamente do Hos-

pital do Barreiro, e construção de novos, nomeadamente do Hospital Distrital de Almada.

- Implementação do projecto de criação da Escola de Enfermagem do Distrito de Setúbal.
- Criação de um Centro de Apoio e Documentação para os problemas das mulheres.
- Aumento da capacidade de creches, jardins de infância e centros de ocupação de tempos livres e maior apoio aos existentes.
- Reforço da rede escolar (preparatório, secundário, politécnico e superior), estabilização do corpo docente distrital e aumento da segurança das escolas.
- Criação de novos equipamentos culturais, desportivos e recreativos e estímulo permanente à sua fruição pelas populações.
- Construção de novos Lares, Centros de Dia e outros espaços de convívio para a terceira idade, inclusive abrindo o Lar e Centro de Dia da Moita.
- Construção dos Tribunais Judiciais de Setúbal, Barreiro, Seixal e Moita.

Indústria

- Aproveitamento optimizado da capacidade produtiva instalada.
- Medidas urgentes para o saneamento financeiro e a dinamização do sector empresarial do Estado e para o apoio a novos investimentos criadores de emprego dos sectores privado e cooperativo.
- Desenvolvimento e diversificação da estrutura industrial

regional, apoiando particularmente a pequena e média empresa.

- Viabilização da indústria agro-alimentar, designadamente a reactivação fabril da ECA e da TOCAN.
- Viabilização, renovação tecnológica e criação de novas indústrias de transformação de produtos agro-florestais, designadamente nos sectores da cortiça e das madeiras.
- Alargamento das facilidades aos investidores nos loteamentos industriais municipais.
- Incremento da construção civil, particularmente de habitação.
- Criação do Parque Regional de Exposições, em Almada.

Agricultura

- Apoio técnico e financeiro às cooperativas agrícolas, às UCP's e aos agricultores em geral.
- Defesa da Reforma Agrária, rependo a legalidade e fazendo cumprir os acordos do Supremo Tribunal Administrativo.
- Medidas que fomentem o aumento da produção e da produtividade agrícola e pecuária.
- Recuperação para o uso agrícola dos terrenos do Gabinete da Área de Sines e sua distribuição por pequenos agricultores e assalariados agrícolas.
- Aproveitamento das linhas de água e outras medidas pelo aumento e melhoria da área de regadio.

Pescas e Aquicultura

- Renovação e ampliação da frota pesqueira.
- Melhoria dos portos de pesca e da rede de frio existentes.
- Estabelecimento de acordos com outros países para a pesca artesanal longínqua e salvaguarda dos pesqueiros da Zona Económica Exclusiva.
- Incremento da piscicultura e da produção de bivalves, nomeadamente nos estuários do Sado e do Tejo.

Turismo

- Implantação de novos equipamentos turísticos, visando o aumento e diversificação dos fluxos e o aproveitamento racional dos recursos existentes.
- Defesa e ordenamento da faixa costeira e de outras zonas privilegiadas de turismo e lazer.
- Criação de um centro de promoção e divulgação do artesanato regional.

Candidato CDU pela Emigração

Um voto socialmente útil!

Os nossos emigrantes têm muitas razões de queixa e não tenho dúvidas em afirmar que tais razões se estão a virar principalmente contra as forças políticas que têm recebido a confiança e o voto do eleitorado emigrante e que, chegados ao Governo, têm faltado em absoluto ao cumprimento das promessas feitas em sucessivas campanhas eleitorais. Por isso não tenho dúvidas em afirmar igualmente que a CDU, como única força que sempre tem lutado pela real defesa dos interesses dos nossos emigrantes, está em condições de conquistar um lugar de deputado pelo círculo da Emigração na Europa.

Foi assim que Damião Costa Sequeira, natural do Porto, a viver na RFA desde 1975 e candidato independente na lista da CDU para o Círculo da Emigração da Europa, iniciou a entrevista que nos concedeu esta semana, durante uma breve deslocação a Portugal. Foi um diálogo curto mas suficiente para ilustrar com a confiança na vitória da CDU é um vento a soprar bem forte entre os nossos compatriotas espalhados pela Europa.

Confiança que tem razões objectivas a explicá-la: A CDU, legítima continuadora da tradição de trabalho, honestidade e competência da Aliança Povo Unido, é a única força política que não cai de pára-queadas na campanha eleitoral por essa Europa fora, a repetir promessas que ficam eternamente por cumprir; a sua campanha surge como um episódio apenas mais activo de um quotidiano de luta, esclarecimento e mobilização vivido desde sempre pelos seus militantes e simpatizantes nos consulados, associações, locais de trabalho, organismos oficiais quer dos países de origem quer portugueses, na defesa dos interesses dos nossos compatriotas a labutar no estrangeiro. Costa Sequeira, um homem formado em economia de empresas, que não tem qualquer filiação partidária e é actualmente chefe dos Serviços Sociais no Consulado Geral de Portugal em Dusseldorf, tem consciência disso e de mais ainda, explicando assim as razões por que aceitou candidatar-se pela primeira vez:

pensável para a harmonia de uma boa política de emigração.

O PSD, o PS e o CDS — partidos que têm partilhado em exclusivo o poder em Portugal há mais de 10 anos, são os rostos visíveis «e já bem identificados pelos nossos emigrantes» dessa má política, resumida, no fim de contas, por um evidente desprezo pelos nossos compatriotas a trabalhar no estrangeiro:

A responsabilidade pelo agravamento dos nossos



Distribuição de documentos CDU em Paris (na foto, o cabeça de lista pelo círculo da Europa)

problemas na emigração só pode ser assacada aos partidos que têm governado o País nestes anos todos — e têm sido sempre os mesmos. Após tanto tempo e tantas promessas não cumpridas é impossível não se começar a ficar imune às demagogias principalmente do PSD e do PS para com os emigrantes. Para não nos alongarmos, refiramos de passagem só alguns problemas herdados e agravados: são os cortes na assistência jurídica e nos serviços de apoio às actividades culturais e desportivas das nossas comunidades, são as deficientíssimas estruturas de assistência no ensino complementar do português, é o escândalo do despedimento de dezenas de professores nessa matéria, é a ameaça do encerramento de representações

cos, com que o governo da RFA lhes acenou. Tal miragem transformou a maioria desses regressos em verdadeiras situações de desespero. E a concluir: Com tantos problemas — e tão cruentamente sentidos na pele — a opção pela CDU surge, na emigração, com uma clareza directamente proporcional à irrupção da consciência dos malefícios que a política do PSD, PS e CDS tem feito desabar sobre as comunidades portuguesas na Europa capitalista. Sobre tudo para aqueles que têm acreditado nas promessas deste partido, que agora vêem a CDU como uma espécie de voto socialmente útil. Estamos confiantes na vitória e, após ela, na alteração das coisas em relação aos nossos emigrantes!



Damião Costa Sequeira

consulares (em Osnabruck, na RFA, o Governo de Cavaco só ainda não fechou o Consulado devido à luta persistente da comunidade local), é, sobretudo, o impossível regresso a Portugal para a esmagadora maioria dos nossos emigrantes, dada a dura realidade económica portuguesa, ficando o emigrante cada vez mais dependente da única esperança possível: o regresso após atingir a idade da reforma.

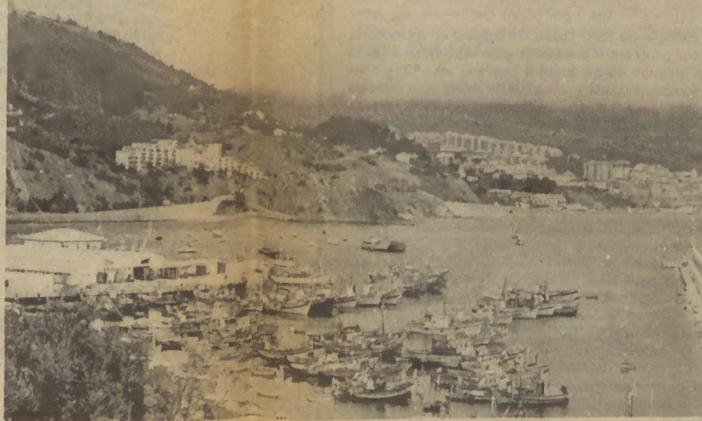
E Costa Sequeira pormenoriza:

Até Outubro de 1984, registou-se um regresso massivo a Portugal de emigrantes, que fizeram contas demasiado apressadas à possibilidade de poderem viver no seu País na base das «indemnizações», postas a render nos ban-



Portugal, fins do séc. XX. No sector da Habitação os nossos problemas estão ao nível do descalabro do pós-Guerra...

O País continua a precisar de cerca de 700 mil habitações, salientou a CDU em recente conferência de Imprensa realizada em Lisboa e na qual foram divulgadas as propostas concretas da Coligação para este grave problema social, considerado «uma prioridade para o Governo democrático que se venha a formar após as eleições». Carlos Costa, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP, candidato à AR, foi um dos participantes neste encontro com os jornalistas. Das propostas avançadas pela CDU, às quais nos referiremos em pormenor na próxima semana, saliente-se desde já um Plano Nacional de Habitação mediante um grande esforço de investimento que habilite a administração central, regional e local, as instituições de crédito habitacional, a indústria, os trabalhadores do sector, o movimento cooperativo e os cidadãos, a um esforço mobilizador. Na próxima AR os deputados eleitos pela CDU irão apresentar um conjunto de iniciativas legislativas que visem responder aos maiores bloqueios e impedimentos na resolução dos problemas da habitação.



Distrito de Setúbal: uma população esclarecida e participante, excelentes condições naturais, infra-estruturas, acção valiosa do Poder Local democrático, (na foto: Sesisimbra)

Trabalhadores

Siderurgia Nacional EP contra os despedimentos

● A empresa podia criar 3300 postos de trabalho e o País podia poupar 33 milhões de contos

Para protestar contra os dois mil despedimentos previstos na Siderurgia Nacional e contra a política de destruição premeditada desta empresa pública, deslocaram-se a Lisboa, à sede da SN e à residência oficial do Primeiro-Ministro, trabalhadores das fábricas da Maia (Porto) e do Seixal. Viajaram de bicicleta e receberam pelo caminho muita solidariedade, nomeadamente dos presidentes das CM da Marinha Grande e de Vila Franca de Xira, da população de S. João da Madeira, Águeda, Coimbra, Leiria e Alverca. Em Lisboa os responsáveis da Siderurgia recusaram-se a dialogar e o Primeiro-Ministro deu às de vila-diogo a pretexto da campanha eleitoral. O alerta, esse, ficou: **com uma política que aponte para o aproveitamento dos recursos nacionais, a Siderurgia pode manter o actual nível de emprego e criar mais 3300 postos de trabalho directos e poupar ao País milhões de contos de divisas.**

Quarta-feira de manhã partiram da Maia (Porto) oito ciclistas e dois corredores da meia maratona. Chegaram à tarde a Coimbra. Voltaram a sair quinta-feira cedo; em Sacavém juntaram-se-lhes mais nove ciclistas da fábrica do Seixal. Pouco depois das 16 horas chegaram à Rua Braamcamp, em Lisboa. Uma delegação foi impedida de entrar na sede da Siderurgia Nacional, EP. Prosseguiram para S. Bento, para falar ao Primeiro-Ministro.

Recebeu-os a polícia, com o aparato habitual nestas ocasiões: muitas fardas na rua, intercomunicadores na mão, alvoroço, umas revistas muito ilustradas para disfarçar o nervosismo, grades de ferro na estrada e no passeio.

Como também se vai tornando comum, ali estavam dois agentes da PSP com máquinas fotográficas, uma

câmara de vídeo e, certamente, ordens superiores. Fotografaram, pelo menos, três jornalistas.

O Primeiro-Ministro? Segundo disseram à delegação dos trabalhadores que foi autorizada a chegar à entrada da residência oficial de Cavaco Silva, ele já tinha saído para a campanha eleitoral...

Foi assim a 14.ª tentativa que os trabalhadores da Siderurgia fizeram para serem recebidos pelo Governo. Isto sem contar outros 78 pedidos de audiência, para discutir a situação da Siderurgia Nacional, apresentados pela Federação dos Metalúrgicos (FSMMMP).

«Carta aberta ao Primeiro-Ministro»

Na portaria da residência oficial de Cavaco Silva foi

entregue uma «carta aberta dos trabalhadores da Siderurgia Nacional ao Primeiro-Ministro», na qual recordam que o governo de gestão do PSD deveria «limitar-se às medidas elementares que assegurassem o normal funcionamento dos assuntos correntes do Estado».

Não é isso que se passa. O Governo, acusam, «pretende avançar com medidas de fundo altamente lesivas do futuro da Siderurgia Nacional, EP e do futuro dos seus trabalhadores». E enumeram essas medidas:

— pretende despedir 2 mil trabalhadores (37% do pessoal que a SN hoje emprega), intensifica o aluguer de mão-de-obra e o recurso às horas extraordinárias;

— tem intervenção activa na contratação colectiva, mas com o fim expresse de impedir a normal actuação dos serviços de conciliação do Ministério do Trabalho. A este propósito, recorda-se na carta que «estão os técnicos do MT expressa e superiormente impedidos de exercer as suas funções na contratação e de assegurar aos trabalhadores o direito de negociação, razão do actual impasse na revisão do acordo de empresa».

A carta aberta, assinada pelos organismos representativos dos trabalhadores da Siderurgia Nacional, denuncia também o encerramento de instalações da fábrica do Seixal e a venda, a preços



extremamente baixos de equipamentos adquiridos para a expansão da empresa em 1981 por 40 milhões de contos e ainda encaixotados.

A CEE diz e o Governo faz

Em 1986 a fábrica do Seixal da Siderurgia Nacional, EP alugou em média 387 trabalhadores por mês e as horas extraordinárias realizadas corresponderiam a 399 postos de trabalho permanentes, de acordo com um comunicado da Assembleia de Delegados Sindicais.

Mas a Federação dos Sin-

dicatos da Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal acrescenta mais alguns traços da situação social que hoje se vive na Siderurgia:

— desde 1982 não são admitidos trabalhadores efectivos. Os trabalhadores que saem são substituídos, fundamentalmente, por trabalhadores alugados à hora;

— só em 1986 o trabalho efectuado por trabalhadores contratados à hora correspondeu, em média, a 700 postos de trabalho;

— desde 1983 mais de mil trabalhadores foram objecto de processos disciplinares;

— de 1978 a 1986 o poder de compra dos trabalhadores baixou 21%.

Unidos contra os despedimentos: uns vieram do Porto, de bicicleta, alertar a opinião pública para o facto de já estar em marcha o processo de despedimento de 300 trabalhadores da Siderurgia Nacional na fábrica da Maia. Pelo caminho receberam a solidariedade das populações. Em Sacavém juntaram-se-lhes camaradas da fábrica do Seixal. Todos contra os despedimentos e contra a destruição da Siderurgia que este Governo, a mando da CEE, quer levar a cabo

Entretanto, Portugal produz apenas 50% do aço que consome, embora haja no País recursos de minério de ferro suficientes para abastecer durante um século uma siderurgia que produza um milhão de toneladas/ano.

Quanto aos acordos de adesão à CEE, a FSMMMP lembra que eles «são hoje pretexto, não só para travar, mas sobretudo para reduzir drasticamente o aproveitamento integral dos nossos recursos naturais e o desenvolvimento da indústria siderúrgica portuguesa, para que a CEE possa colocar em Portugal os seus excedentes de produção».

AIP alerta: a CEE traz problemas à metalurgia e metalomecânica



Os representantes dos trabalhadores da Siderurgia Nacional perto da residência oficial do Primeiro-Ministro, na passada quinta-feira, dia da 14.ª tentativa para serem recebidos pelo chefe do Governo

Extinção de 3500 postos de trabalho só na indústria de componentes e acessórios para automóveis e ainda este ano, um défice, também este ano, de 150 milhões de contos na balança comercial do sector de metalurgia e metalomecânica e o encerramento «irreversível» de 20 por cento das unidades produtivas são algumas das previsões apontadas num seminário que a Associação Industrial Portuense realizou e onde foram discutidas as consequências da adesão de Portugal à CEE.

O comunicado final do seminário exige que seja negociada «a prorrogação do período de transição por mais cinco anos», entre outras medidas «que permitam, no futuro próximo, a rentabilização e a sobrevivência das empresas do sector». Recorde-se que, segundo o Tratado de Adesão, o período de transição, em que vigoram algumas disposições de salvaguarda da produção nacional de componentes e acessórios para automóveis, termina em Dezembro.

No seminário participou o director-geral da CEE para a divisão de medidas de protecção, que considerou as posições assumidas pelos representantes do governo português como «de total cooperação e compreensão».

Trabalhadores

Centros comerciais falsa modernização

No seguimento de outras tomadas de posição que os sindicatos do sector têm trazido a público sobre os centros comerciais, que convém distinguir desde já dos supermercados, minimercados e outro tipo de instalações do ramo, o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul, com sede em Setúbal, acaba de distribuir, em conferência de imprensa, uma inusual contribuição para o estudo desse tipo de exploração comercial no nosso país. Partindo da análise dos centros comerciais na «península de Setúbal», o CES/SUL afirma, nomeadamente, num estudo sobre o assunto, que «nos 55 principais centros comerciais» daquela península, «apenas 45,9 por cento se apresentam com condições mínimas de segurança para utentes e trabalhadores», ostentando, pelo contrário, uma «falsa modernização».

Conforme foi afirmado na conferência de imprensa do passado dia 1, desses 55 centros comerciais só 36 têm mais que uma saída para o exterior, apenas 28 possuem extintores ou bocas de incêndio e só 22 têm casas de banho separadas (utentes/trabalhadores). Desses 55 centros comerciais, ou assim chamados, só 15 têm ar condicionado. «Na generalidade, não existem indicadores de saída».

Sobre este aspecto da segurança, conclui o Sindicato que as condições são «deveras insuficientes», em caso de «cataclismo, incêndio ou outras situações geradoras de pânico».

Especulação imobiliária

Quem conhece, por pouco que seja, alguns desses pe-

quenos ou grandes labirintos do consumismo, feitos à pressa, rapidamente se dá conta de que é acertada a opinião do CES/SUL, segundo a qual a preocupação dos responsáveis reside apenas em «manter e valorizar a especulação imobiliária e os arrendamentos dos estabelecimentos comerciais».

No entanto, 22,58 por cento do total das lojas a funcionar (1399) estão «vazias, falidas ou em trespasse» (316), conforme dados referidos a 15 de Junho de 1987.

Segundo o CES/SUL, «esta situação deve-se ao engano a que a pequena poupança está sujeita. Ao pensar ter descoberto o seu filão de ouro, não só gastou o que conseguiu amealhar, como o que não tinha», adianta o Sindicato, que trata apenas neste aspecto do caso de Setúbal, onde mui-



Pequenos comerciantes: razões de queixa fundamentadas contra grande parte dos centros comerciais

tas vezes, acrescenta, as pessoas detentoras de pequenas poupanças são levadas «a desfazerem-se de bens pessoais para fazer face às dívidas contraídas».

Enquanto que a lei é ostensivamente desprezada no que respeita a normas de segurança, sublinha o CES/SUL que o que se procura é instaurar a «falsa moderniza-

ção, fomentar a especulação quanto aos artigos que neles (nos centros comerciais) se comercializam».

Ao mesmo tempo, frisa o Sindicato de Setúbal, desenvolve-se nesses centros a precaridade do emprego, a exploração desenfreada dos jovens e de outros trabalhadores, desrespeitando tudo o que é lei, nomeadamente no que respeita ao vínculo contratual, salários, categorias profissionais e o próprio contrato colectivo de trabalho.

Designação abusiva

«Salvo raras excepções, o CES/SUL considera abusiva a designação de centro comercial, quando se trata de prédios com um dado número de lojas, viradas fundamentalmente para o consumo supérfluo, com uma política de preços especulativa, primando pela ilegalidade a todos os níveis».

Quanto às condições de trabalho, verifica-se, por outro lado, que nas 1083 lojas a funcionar laboram 312 trabalhadores por conta de outrem. Além disso, destes 312, 93 por cento são contratados a prazo, «classificados com as categorias profissionais mais modestas».

Ainda segundo o estudo divulgado pelo CES/SUL, «os restantes 771 postos de trabalho existentes para o regular funcionamento das lojas» são preenchidos por trabalhadores por conta própria, ou sem qualquer vínculo contratual: «recibo verde, requisitados ao dia, à hora, sem folgas, se quaisquer direitos, trabalhando clandestinamente a troco de uns miseráveis escudos», salienta o Sindicato dos Trabalhadores do Comércio, Escritórios e Serviços do Sul.

Balço de Setúbal — Numa conferência sobre emprego e desenvolvimento, promovida no passado dia 4 pelo União dos Sindicatos de Setúbal, foi referido que «são mais de 20 000 os postos de trabalho perdidos, nos últimos cinco anos, nesta região». Falando de «uma situação especialmente crítica», em alguns dos sectores analisados, incluindo a agricultura, a indústria alimentar e a cortiça, a siderurgia, a indústria naval, a metalurgia e a metalomecânica pesada, a USS salienta que «grande parte do desemprego» é absolutamente injustificado. «Apenas faz sentido numa óptica de precarização forçada do emprego». Depois de referir, sector por sector, o número de desempregados, a USS afirma que «o desaproveitamento premeditado dos nossos recursos, o abandono de projectos de interesse nacional, o esvaziamento de carteiras de encomendas e os contratos de exploração com empresas sem património constituem peças da política governamental, especialmente agravada pelo Governo de Cavaco Silva, que leva à destruição da nossa indústria de base». Os números indicados pela USS referem-se ao sector agrícola (3000 postos de trabalho destruídos, correspondendo a 75 por cento dos efectivos de 1975), indústria alimentar e cortiça (2303 empregos desaparecidos entre 1981 e 1983), Siderurgia Nacional, do Seixal («desde 1983 foram destruídos cerca de 700 postos de trabalho»), na Setenave 2044, na Lisnave 5304, na Parry & Son 928, na Sociedade Reparação de Navios (SRN) 641, e na Companhia Portuguesa de Pescas (CPP) 520. Depois de referir o total das perdas neste sector «até Dezembro de 1986» (9437 postos de trabalho), a USS sublinha que, no entanto, em 1986, a Lisnave e a Setenave tiveram ao seu serviço mais de mil trabalhadores alugados à hora, e as horas extraordinárias corresponderam à ocupação durante um ano de 1000 trabalhadores.

Greve na hotelaria — Os trabalhadores da Enatur anunciam greve por aumentos salariais para os dias 12, 18 e 26 de Julho. O pré-aviso de greve foi entregue pela Federação dos Sindicatos da Indústria Hoteleira e Turismo de Portugal (FESHOT), segundo a qual em cada um daqueles dias entrarão em greve «uma parte dos trabalhadores». Ainda segundo a FESHOT, a greve realiza-se porque os administradores «mantêm a posição de intransigência nas negociações». O impasse negocial, sublinha a Federação, deve-se «aos 11,9 por cento encomendados por Cavaco, propostos pelo conselho de administração da Enatur, assinados pela UGT e rejeitados pelos trabalhadores». A FESHOT responsabiliza o Governo de gestão, o CA da empresa e a UGT pelas greves no sector hoteleiro.

Manifestação da Cometna — Os trabalhadores da Cometna voltaram à rua na passada segunda-feira para exigir junto da administração em Lisboa o pagamento dos salários atrasados respeitantes ao mês de Junho e para protestarem contra o desmantelamento daquela empresa de metalomecânica pesada e posterior entrega ao capital privado. Expressamente, os trabalhadores da Cometna gostariam de ficar esclarecidos, entre outras matérias de protesto e luta, acerca do destino dado aos 500 mil contos que o IPE (Investimentos e Participações do Estado) pôs à disposição da empresa, que como se sabe pertence ao sector empresarial do Estado, e mais do que isso, segundo um membro das ORTs, gostariam de saber «para onde vai o dinheiro que nós, com o nosso esforço, metemos nesta empresa». Também não se entendem, segundo o mesmo elemento das organizações representativas dos trabalhadores, as numerosas dívidas que a gestão da Cometna contraiu com a Segurança Social e a EDP, quando «não há razões para isso».

Greve dos corticeiros — Se não resultar uma reunião entretanto marcada, os trabalhadores corticeiros do Norte voltam hoje, dia 9, à greve. De acordo com informação obtida junto do Sindicato, a greve do passado dia 1 «constituiu um grande êxito». De facto, acrescenta o Sindicato dos Corticeiros do Norte, «no início da greve, às 13 horas (a paralisação prolongou-se até às 18) milhares de corticeiros abandonaram os seus postos de trabalho e dirigiram-se em imponente desfile para a sede da associação patronal, em Santa Maria de Lamas — Feira, num percurso de cerca de quatro quilómetros». Aí, segundo o Sindicato, os dirigentes sindicais entregaram uma moção em que se repudia o abandono das negociações pelo patronato, exigindo o seu recomeço. Os trabalhadores em greve dirigiram-se depois para a sede sindical onde se concentraram. O patronato, em consequência da luta, concordou em reiniciar as negociações do CCTV (contrato colectivo de trabalho vertical).

O que é um centro nos termos da lei

O estudo sobre os centros comerciais da península de Setúbal, da responsabilidade da direcção do Sindicato dos Trabalhadores dos Escritórios, Comércio e Serviços do Sul (CES-SUL), com sede naquela cidade, contrariando a tese da «inovação» e considerando «falsa» a modernização supostamente ligada ao aparecimento das 1399 lojas, 316 das quais «vazias, falidas ou em trespasse», nos 55 centros comerciais existentes no distrito, chama a atenção para o que é, segundo a lei vigente, um centro comercial.

Nos termos da Portaria 424/85, para poder usar legalmente esse nome, o empreendimento comercial tem que reunir, segundo aquele diploma de 5 de Junho de 1985, da responsabilidade da Secretaria de Estado do Comércio Interno, os seguintes requisitos:

1. Possuir uma área bruta mínima de 500 metros quadrados e um número mínimo de 12 lojas de venda a retalho e de prestação de serviços, devendo essas lojas, na sua maior parte, prosseguir actividades diversificadas e especializadas;

2. Todas as lojas deverão ser instaladas em continuidade num único edifício ou em edifícios ou pisos contínuos e interligados, de molde a que todas usufruam de zonas comuns privativas do centro pelas quais prioritariamente o público tenha acesso às lojas implantadas;

3. O conjunto do empreendimento terá

de possuir unidade de gestão, entendendo-se por esta a implementação, direcção e coordenação dos serviços comuns, bem como a fiscalização do cumprimento de toda a regulamentação interna;

4. O período de funcionamento (abertura e encerramento) das diversas lojas deverá ser comum, com excepção das que pela especificidade da sua actividade se afastem do funcionamento usual das suas actividades instaladas.

Pelo volume da documentação distribuída pelo CES-SUL, não é possível nesta primeira abordagem, reproduzir todas as razões e motivos aduzidos pelo Sindicato para considerar a proliferação dos centros comerciais no distrito uma «falsa modernização».

Sem prejuízo de outra oportunidade para voltar ao assunto, refira-se, no entanto desde já, que, segundo o CES-SUL:

«Em nome da modernização, inovação, falta de abastecimento, etc., tem-se vindo a assistir à abertura ilegal de estabelecimentos do comércio retalhista tradicional, situados nestes empreendimentos (centros comerciais) sem qualquer justificação. Esta situação tem vindo a ocasionar concorrência desleal, e mesmo desemprego, nos estabelecimentos que respeitam os parâmetros de funcionamento fora dos chamados centros comerciais e, por estranho que pareça, mesmo dentro destes».

TV O Programa

Quinta

RTP1

- 10.00 - Às Dez
- 12.15 - Telenovela: «Cambalacho», 132.º epis.
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Desenhos Animados
- 14.00 - Foi Êxito na TV - «Os Jovens Heróis de Shaolin»
- 15.00 - Matinée: «O Espadachim»
- 16.20 - Documentário
- 17.00 - Brinca Brincando
- 17.30 - Estádio
- 18.30 - Sumário
- 18.35 - Série: «A Família Bellamy»
- 19.30 - Telejornal
- 20.00 - Bolsa Dia-a-Dia
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da República
- 20.40 - Telejornal: «Dona Santa», 8.º epis.
- 21.25 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
- 22.00 - Série: «ALF - Uma Coisa do Outro Mundo»
- 22.30 - Série: «Primeiro Entre Iguais»
- 23.30 - 24 Horas.

RTP2

- 17.15 - Telenovela: «Os Imigrantes», 15.º epis.
- 18.00 - Countdown
- 19.00 - Simon Show
- 20.00 - Série: «Modelo e Detective»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Montra de Livros

- 21.35 - Série: «O Tempo e o Vento»
- 22.30 - Série: «Soldados».

Sexta

RTP1

- 10.00 - Às Dez
- 12.15 - Telenovela: «Cambalacho»
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Desenhos Animados
- 14.00 - Foi Êxito na TV - «Os Jovens Heróis de Shaolin»
- 15.00 - Seja Bem Vídeo
- 17.00 - Brinca Brincando
- 17.30 - Estádio
- 18.30 - Sumário
- 18.35 - Série: «A Família Bellamy»
- 19.30 - Telejornal
- 20.00 - Bolsa Dia-a-Dia
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da República
- 20.40 - Telenovela: «Dona Santa»
- 21.40 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
- 22.00 - A Arte de Bem Cozinhar
- 22.15 - O Programa das Festas
- 22.45 - 24 Horas
- 22.50 - Pela Noite Dentro: «A Violação», real. John Hough.

RTP2

- 17.15 - Telenovela: «Os Imigrantes»
- 18.00 - Countdown
- 19.00 - Simon Show
- 20.00 - Série: «Modelo e Detective»

- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Montra de Livros
- 21.35 - Série: «Sarilhos com Elas»
- 22.00 - Troféu
- 22.30 - Série: «Aventura e Paixão».

Sábado

RTP1

- 10.00 - Juventude e Família
- 11.00 - Série: «He Man»
- 11.30 - Série: «David o Gnomo»
- 12.00 - Série: «Os Amigos do Tejo»
- 12.25 - Série: «O Tempo e o Vento»
- 13.00 - Jornal de Sábado
- 13.10 - Lucky Luke
- 13.35 - Supertrinta
- 14.20 - Recreio dos Lisboetas
- 16.20 - Gala dos Pequenos Cantores da Figueira da Foz
- 17.30 - Vamos Dançar
- 18.05 - Série: «O Ano das Bestinhas»
- 18.35 - Quem Te Viu e Quem TV
- 19.45 - Totoloto
- 20.00 - Jornal de Sábado
- 20.50 - Boletim Meteorológico
- 21.00 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da República
- 21.40 - 7 Folhas
- 22.15 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
- 23.00 - Série: «Hill Street»
- 23.55 - Cinema da Mela-Noite: «Tiro de Aviso», real. Buzz Kulik.

RTP2

- 09.00 - Compacto Countdown
- 13.00 - Compacto Cambalacho
- 16.00 - Troféu
- 20.00 - Série: «Quem Sai aos Seus...»
- 20.25 - Série: «O Século Americano»
- 21.15 - RTP/Ano 30
- 23.00 - Troféu.

Domingo

RTP1

- 10.00 - Juventude e Família
- 11.00 - Terra Santa Maria
- 11.15 - Missa
- 12.07 - 70x7
- 12.30 - TV Rural
- 13.00 - Jornal de Domingo
- 13.10 - Série: «Portugal de Garto e Faca»
- 13.35 - Série: «Os Roberts»
- 14.00 - O Som do Som
- 14.30 - Série: «Love Joy»
- 15.30 - Gala dos Pequenos Cantores da Figueira da Foz
- 17.00 - Primeira Matinée: «Vida da Minha Vida», real. Robert Wise
- 18.55 - Série: «O Justiceiro»
- 20.00 - Jornal de Domingo
- 20.30 - Boletim Meteorológico
- 20.35 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da República
- 21.05 - Série: «A Orquestra»
- 21.30 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
- 22.05 - Série: «Dallas»
- 23.00 - Domingo Desportivo.

RTP2

- 10.00 - Troféu
- 12.45 - Caminhos
- 13.15 - Novos Horizontes
- 13.45 - Entre Barreiras
- 14.15 - Troféu, Automobilismo: Grande Prémio de Inglaterra de Fórmula 1
- 16.15 - Série: «Bulman»
- 17.00 - Troféu
- 19.00 - Série: «Palavras Ditas»
- 19.30 - Music Box
- 20.30 - Série: «E Se Estiver a Chover?»
- 21.30 - Cine-Clube: «A Viúva Alegre».

Segunda

RTP1

- 10.00 - Às Dez
- 12.15 - Telenovela: «Cambalacho»
- 13.00 - Jornal da tarde
- 13.30 - Desenhos animados
- 14.00 - Série: «Os Jovens Heróis de Shaolin»
- 15.00 - Seja Bem Vídeo
- 17.00 - Brinca Brincando
- 17.30 - Estádio
- 18.30 - Sumário
- 18.35 - Série: «A Família Bellamy»
- 19.30 - Telejornal
- 20.00 - Bolsa Dia a Dia
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da República
- 20.40 - Telenovela: «Dona Santa»
- 21.10 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
- 21.40 - Ópera: «Tosca»
- 23.50 - 24 Horas.

RTP2

- 17.15 - Telenovela: «Os Imigrantes»
- 18.00 - Countdown
- 19.00 - Simon Show
- 20.00 - Série: «Modelo e Detective»

Quarta

RTP1

- 10.00 - Às Dez
- 12.15 - Telenovela: «Cambalacho»
- 13.00 - Jornal da tarde
- 13.30 - Desenhos animados
- 14.00 - Série: «Os Jovens Heróis de Shaolin»
- 15.00 - Clipomanias
- 17.00 - Brinca Brincando
- 17.30 - Estádio
- 18.30 - Sumário
- 18.35 - Série: «A Família Bellamy»
- 19.30 - Telejornal
- 20.00 - Bolsa Dia a Dia
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da República
- 20.40 - Telenovela: «Dona Santa»
- 21.25 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
- 22.00 - Vamos Jogar no Totobola
- 22.10 - Lotação Esgotada: «O Prisioneiro de Zenda», real. Richard Thorpe
- 23.50 - 24 Horas.

RTP2

- 17.15 - Telenovela: «Os Imigrantes»
- 18.00 - Countdown
- 19.00 - Simon Show
- 20.00 - Série: «Modelo e Detective»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Montra de Livros
- 21.35 - Série: «Sarilhos com Elas»
- 22.00 - Série: «Paródia»
- 23.30 - O Som da Surpresa: «Jazz».

Jornal das Nove

- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Montra de Livros
- 21.35 - Série: «Sarilhos com Elas»
- 22.00 - «Os Anos da Amargura».

Terça

RTP1

- 10.00 - Às Dez
- 12.15 - Telenovela: «Cambalacho»
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Desenhos Animados
- 14.00 - Série: «Os Jovens Heróis de Shaolin»
- 15.00 - Estádio
- 18.00 - Brinca Brincando
- 18.30 - Sumário
- 18.35 - Série: «A Família Bellamy»
- 19.30 - Telejornal
- 20.00 - Bolsa Dia a Dia
- 20.05 - Boletim Meteorológico
- 20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da República
- 20.40 - Telenovela: «Dona Santa»
- 21.25 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
- 22.00 - Série: «O Detective»
- 23.00 - 24 Horas.

RTP2

- 17.15 - Telenovela: «Os Imigrantes»
- 18.00 - Countdown
- 19.00 - Simon Show
- 20.00 - Série: «Modelo e Detective»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Montra de Livros
- 21.35 - Série: «Sarilhos com Elas»
- 22.00 - Cinemadois: «Macunaíma».

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Vota CDU

por uma viragem democrática



Reforçar a organização, a actividade e a influência do Partido

União 1987 - N.º 146 - Preço: 40\$00

DOSSIER

edições *Avante!*

segunda guerra mundial



Internacional

Chile

Unidade de esquerda contra Pinochet

A oposição chilena cerra fileiras contra a ditadura de Pinochet dando vida a uma nova coligação política, a «Esquerda Unida» (IU), enquanto o terror volta a sair à rua no Chile na tentativa cada vez mais desesperada das forças repressivas para manter e perpetuar o regime fascista.

Após o assassinato de doze patriotas chilenos em meados do mês passado, acto de terrorismo de Estado vivamente repudiado tanto a nível interno como externo, o Chile vive num clima de tensão onde a revolta ultrapassa o medo e as forças políticas mais consequentes desenvolvem todos os esforços para criar uma alternativa política à ditadura fascista.

A criação da «Esquerda Unida», nos finais de Junho, insere-se nesse esforço de unidade que, embora difícil, todos reconhecem indispensável para o derrube da ditadura. Substituindo o Movimento Democrático Popular, a IU apresenta-se com uma base de apoio mais ampla, coligando sete partidos: o Partido Radical, o Partido Socialista Histórico, o Partido Socialista, o Partido Comunista, o Movimento dos Cristãos de Esquerda, o Movimento de Acção Popular Uni-

tária e a Esquerda Revolucionária.

A nova coligação é presidida por Clodomiro de Almeida, secretário-geral do Partido Socialista do Chile e ex-ministro do governo de Salvador Allende. Recordar-se que Clodomiro de Almeida regressou ao Chile no passado dia 25 de Março, depois de doze anos de exílio, tendo desde então sido forçado pelo regime a viver confinado na localidade de Chile Chico. Passados os 90 dias previstos pela legislação em vigor

para esta espécie de medida preventiva de exílio interno, desconhece-se a situação do dirigente socialista que tem recebido a maior solidariedade internacional para que lhe seja permitido permanecer no país livre do perigo de expulsão.

Em idêntica situação encontram-se Mireya Baltra e Julieta Campusano, membros do Comité Central do Partido Comunista do Chile, desterradas no norte do país desde o seu recente regresso ao Chile.

O desterro, a expulsão, as perseguições, as torturas e a morte tornaram-se parte integrante da vida dos democratas chilenos desde o golpe de Estado fascista que derrubou o governo de unidade popular de Salvador Allende, assassinado em 11 de Setembro de 1973. Resistir e combater a ditadura tornou-se desde então a tarefa principal de todas as forças progressistas.

Intensificar essa luta, como



Um assassino às ordens de Pinochet tapa o cadáver de Ignacio Valenzuela Pohorecy, morto em plena rua de Santiago às 12.10 no dia 15 de Junho de 1987

foi recordado no passado dia 27 nas manifestações que por todo o país assinalaram o 79.º aniversário de Allende, é o melhor contributo para honrar a memória do presidente assassinado e para garantir a restauração dos direitos e liberdades democráticas no Chile.

Consciente dos perigos da unidade democrática para a sua sobrevivência, o regime fascista intensifica a repressão. As forças policiais chilenas, apoiadas por agrupamentos paramilitares, têm vindo nos últimos dias a levar a cabo a chamada «Operação Condor», que visa a eliminação das figuras mais

destacadas da resistência e a criação de um clima de terror e intimidação que impeça as acções contra o regime.

Segundo notícias provenientes do país, tornaram-se constantes as rusgas, buscas casa a casa e prisões a pretexto da mínima suspeita de «actividades subversivas». Ao mesmo tempo, os bandos paramilitares fazem inscrições nas paredes ameaçando de morte os marxistas (designação que engloba todos os que não apoiam Pinochet), assaltam manifestantes, espancam pessoas indefesas, enquanto viaturas blindadas patrulham dia e noite as ruas da capital

e helicópteros sobrevoam a cidade.

Uma situação que exige cada vez mais a solidariedade activa de todos os democratas, a nível internacional. No início do mês, um numeroso grupo de intelectuais portugueses juntou-se aos protestos que se têm feito sentir um pouco por toda a parte, entregando na embaixada do Chile, em Lisboa, uma carta dirigida a Pinochet. Nela se expressa o protesto pelas atrocidades cometidas pela ditadura chilena, bem patentes no recente assassinato de doze patriotas, e se exige o respeito pela vida e o fim da violação dos direitos humanos.

Argélia comemora 25 anos de independência

A Argélia comemorou, de 3 a 7 deste mês, o 25.º aniversário da sua independência, conquistada após oito anos de luta armada contra a ocupação francesa. A luta de libertação do povo argelino, sob a direcção da Frente de Libertação Nacional (FLN), continua hoje como há um quarto de século a constituir um marco importante na história da luta dos povos pelo direito à independência, sendo uma referência estimulante para quantos, quer no complexo árabe e africano quer mesmo a nível mundial, se batem pela liberdade das suas pátrias, pela justiça e pela paz.

Se o prestígio alcançado pela Argélia no plano internacional se deve, sobretudo, à política de paz desenvolvida pela FLN e ao seu importante papel de moderador na tentativa de resolução de conflitos regionais, não é menos relevante o esforço desenvolvido a nível interno para vencer as dificuldades e avançar no caminho do progresso.

A importância dada pelas autoridades argelinas à saúde pública, por exemplo, constitui um indicador significativo da vontade de melhorar cada vez mais as condições de vida de uma população que é hoje de 23 milhões de habitantes e que, a manter-se a tendência actual, duplicará nos próximos vinte e dois anos.

A preocupação tem razão de ser. Antes da independência, a mortalidade infantil era de 160 por mil; apesar de todos os esforços feitos para reduzir um valor tão elevado, a mortalidade infantil é actualmente de 80 por mil, o que está longe de ser satisfatório. Em Dezembro de 1980 o assunto foi debati-

do pela FLN que, em 1984 adoptou uma nova estratégia sanitária para o país, assente sobretudo na prevenção. O «programa nacional de luta contra a mortalidade infantil» como foi designado, passa designadamente pela vacinação de todas as crianças, um maior intervalo entre os nascimentos, a melhoria da alimentação e do abastecimento de água, um melhor acompanhamento das grávidas, o combate às doenças tradicionais infantis.

O programa tem vindo a



Argélia, 25 anos de independência e luta pelo progresso

ser posto em prática. De Novembro de 1985 a Abril de 1986 realizaram-se as jornadas nacionais de vacinação, graças às quais se passou de uma taxa de cobertura inferior a 30% para mais de 60%; o esforço foi prosseguido já este ano, em Abril, sendo o objectivo conseguir que a vacinação passe a estar integrada em todas as actividades de prestação de serviços médicos.

Ao propor-se baixar a taxa de mortalidade infantil para 50 por mil em 1990, ao mesmo tempo que a esperança de vida continua a aumentar devido às melhores condições de que dispõe a população (é actualmente de 63 anos), a Argélia enfrenta a curto prazo um outro problema: o excessivo aumento demográfico. As dificuldades económicas do país, cuja resolução passa, como a luta pela independência há 25

anos atrás, pela unidade, organização e determinação do povo argelino, implicam necessariamente a ponderação deste problema e o desenvolvimento de medidas, em estudo, para controlar a mortalidade. Como noutros domínios, a unidade de acção entre as autoridades, a FLN e o povo argelino saberá encontrar o caminho para o desenvolvimento da Argélia na senda do progresso e da paz.

Ideais que a FLN e o PCP partilham, como se salienta na mensagem enviada àquele partido pelo Comité Central do PCP, que se fez representar nas comemorações do 25.º aniversário da independência da Argélia por Domingos Lopes, membro suplente do CC do PCP.

Defendendo a necessidade do esforço da unidade de acção de todas as forças democráticas para assegurar o futuro da paz e progresso para a humanidade, a mensagem do PCP recorda que «os ideais de paz, independência nacional, de progresso e justiça social são comuns» aos dois partidos. «Agimos, refere o documento, para o desenvolvimento das relações de solidariedade e cooperação entre o PCP e o Partido da FLN e consideramos que elas poderão constituir uma contribuição para o desenvolvimento das relações de amizade entre o povo português e o povo argelino e entre a República Democrática Popular da Argélia e Portugal».

OLP recebe comunistas do Parlamento Europeu

A convite da Organização de Libertação da Palestina (OLP), deslocou-se à Tunísia a direcção do Grupo Comunista do Parlamento Europeu, que integrou o deputado do PCP ao PE, Joaquim Miranda, vice-presidente do Grupo.

A delegação reuniu-se com Yasser Arafat, Presidente do Comité Executivo e outros dirigentes da OLP, tendo sido sublinhadas as análises e propostas do último Conselho Nacional Palestino e, particularmente, a necessidade de concretizar uma Conferência Internacional sobre o Médio Oriente sob a égide da ONU e com a participação da OLP, única e legítima representante do povo palestino.

A direcção do Grupo Comunista do Parlamento Europeu reafirmou a sua total solidariedade para com o povo palestino e a sua luta pela edificação do seu Estado independente e soberano e o seu empenhamento na realização da referida Conferência.

Escritores contra o apartheid

Cerca de cento e cinquenta escritores sul-africanos fundaram no passado domingo o primeiro movimento nacional de intelectuais anti-apartheid da África do Sul. Após uma conferência de dois dias, romancistas, dramaturgos e poetas decidiram organizar o Congresso dos Escritores Sul-africanos, cujo objectivo é empenhar «todos os seus recursos criadores no avanço da luta pela criação de uma África do Sul não racial, unida e democrática».

O Congresso, cujo presidente é o romancista negro Njabulo Ndebele, propõe-se desenvolver todas as formas de arte e promover a escrita em línguas africanas.

Entretanto, na passada segunda-feira, iniciou-se em Dakar um encontro que constituirá mais um motivo de preocupação para as autoridades racistas de Pretória. Trata-se do encontro de meia centena de personalidades brancas da oposição ao regime de Botha com dirigentes do Congresso Nacional Africano (ANC). Durante três dias, homens de negócios, professores universitários, políticos e religiosos, quase todos membros da comunidade afrikaners, analisaram com os dirigentes do ANC as propostas desta organização para todos os sectores da vida sul-africana pós derrube do apartheid.

Este desafio ao governo de Pretória, que proibiu todos os contactos com o ANC, reveste-se de particular importância, sobretudo tendo em consideração que surge na sequência de outros efectuados por representantes dos principais sectores económicos do país, cada vez mais convencidos de que não existe alternativa viável para o regime de apartheid sem a participação do Congresso Nacional Africano.

Internacional

Ofensiva de Pretória contra Países da Linha da Frente

A concentração de tropas sul-africanas em nove municípios da província do Cunene, em Angola, e a intensificação das manobras de desestabilização em Moçambique, Zâmbia, Zimbabué e Lesoto com o apoio de Pretória estão a provocar de novo um aumento da tensão na África Austral que a todo o momento pode degenerar num confronto generalizado de consequências imprevisíveis para a paz mundial. De acordo com as mais variadas fontes a situação inscreve-se na estratégia política de Pretória de desestabilização e tentativa de controlo total da África Austral, como forma de sobrevivência do odioso regime de *apartheid* e de manutenção da influência imperialista na região, em particular norte-americana, que directa ou indirectamente apoia os planos sul-africanos.

A recente denúncia de manobras visando o derrube do actual governo do Zimbabué permitem levantar uma ponta da intrincada teia tecida pela África do Sul contra os seus vizinhos. Segundo afirmou Emmerson Mnanghwa, ministro estatal para a Segurança do Zimbabué, um político (Ndabangingi Sithole) ligado ao antigo regime rodesiano de Ian Smith, está a recrutar mercenários e a preparar, com a Renamo, o derrube do governo daquele país.

As actividades conspirativas de Sithole datam pelo menos de Agosto passado, altura em que estabeleceu em Washington um acordo de cooperação com os dirigentes da Renamo e recebeu a garantia do apoio activo da África do Sul, como foi noticiado pela «Africa News Organization». A implicação sul-africana foi de resto abertamente reconhecida pelo chefe do departamento da Defesa da RSA, Magnus Malan, que recentemente afirmou a disponibilidade do regime racista para ajudar todos os grupos pró-ocidentais da África Austral dispostos a bater-se contra os governos nacionalistas dos países africanos que defendem uma posição de independência nacional.

As declarações de Malan deixaram claro que as autoridades de Pretória apoiam não apenas a Renamo e a Unita, mas também o chamado «Exército de Libertação do Lesoto» e as organizações contra-revolucionárias que actuam na Zâmbia e no Zimbabué, o que confirma as crescentes suspeitas de que estão na forja novos ataques contra aqueles países. Ataques em que participam mercenários das mais diferentes origens (incluindo portugueses) sob a direcção dos sul-africanos.

As mesmas fontes revelam que ainda recentemente foi criado em Katima Mulilo, no nordeste da Namíbia ocupada, uma unidade secreta de «comandos» cuja tarefa é levar a cabo acções contra os Estados da «Linha da Frente» e inclusive ataques contra os acampamentos de refugiados, de forma a semear a destruição e o terror simultaneamente em várias frentes.

Como sempre, Angola en-

contra-se na primeira linha dos ataques racistas. Enquanto nos Estados Unidos a administração Reagan aprova a concessão de novos auxílios militares à Unita (no mínimo, segundo a imprensa norte-americana, idênticos aos do ano passado), no terreno a África do Sul faz avançar as suas tropas para garantir o «sucesso» dos bandos de Savimbi.

Não é certamente por acaso que a concentração de tropas racistas no Cunene é acompanhada na Europa Ocidental de uma campanha de propaganda da Unita anunciando para breve mais uma ofensiva contra os interesses económicos e sociais angolanos.

Reduzidos pela sua incapacidade e falta de apoio popular a puras acções de terrorismo — como a emboscada do passado dia 1 na província do Bié que provocou a morte de 23 civis e ferimentos em outros 33, vivamente repudiada pela população — os bandos da Unita são cada

vez mais um puro instrumento das autoridades da África do Sul.

Ao contrário do que se procura fazer crer através de manobras de propaganda devidamente orquestradas por certos meios de informação, os bandos da Unita não ocupam vilas ou municípios do Sul do país, como repetidamente afirmam as autoridades angolanas. A realidade é a ocupação por unidades do exército sul-africano de território de Angola, a partir do qual protegem os fantoches da Unita nas suas acções de banditismo.

O que se passa na província do Cunene é o exemplo disso. Nos últimos dias, cinco batalhões do exército da África do Sul têm atacado posições das FAPLA e atemorizado as populações da zona, com o apoio sistemático da aviação.

Aquela província tem sido a principal vítima dos racistas, como recorda um despacho da Angop; em 1981 e 1983 as invasões sul-africana-

nas destruíram quase totalmente o centro administrativo da província do Cunene e muitas outras cidades e povoações, deixando desalojadas milhares de pessoas. Ainda hoje, apesar dos esforços desenvolvidos pelas autoridades angolanas, apenas funcionam sete dos 14 postos de assistência médica e só se encontram abertas 23 das 96 escolas municipais. Estes alguns dos alvos «estratégicos» preferenciais dos inimigos da revolução angolana.

A situação que se vive actualmente na África Austral não deixa margem para dúvidas de que a África do Sul se prepara para uma grande ofensiva contra os Países da Linha da Frente. A comunidade internacional não pode ficar indiferente a isso; mais do que nunca é necessário conjugar esforços para isolar o regime de *apartheid* e contribuir para a sua liquidação, condição indispensável para a paz na região.

Ditadura sul-coreana liberta opositores

A ditadura sul-coreana libertou na passada segunda-feira 117 das pessoas presas durante as manifestações antigovernamentais de Junho, aguardando-se a todo o momento a libertação de centenas de outras.

Aquela decisão não é estranha, a par da importância inegável do movimento de massas contra a ditadura, a intervenção dos Estados Unidos, na Coreia do Sul, receosos de que uma agudização dos conflitos internos acabasse por pôr em causa a presença norte-americana no país estimada em 40 mil soldados, 40 bases militares e diverso armamento atómico.

Se por um lado semelhante força militar é uma garantia de que os interesses norte-americanos não serão afectados na Coreia do Sul, por outro lado é evidente que aos EUA interessa sobretudo um aliado dócil mas livre de convulsões políticas, com a aparência democrática necessária para evitar a radicalização de posições.

Assim se explica que o sucessor indigitado do ditador Chun Doo Hwan, o

nista dos presos políticos, liberdade de imprensa, liberdade de organização política.

A recente libertação de opositores, entre os quais se encontrava o vice-presidente do Partido Democrático da Reunificação, Yang Sun-Jik e onze membros da Coligação Nacional para uma Constituição Democrática, bem como o anúncio pelo ministro da Justiça de que outros 2100 presos serão abrangidos pelas «medidas de graça», representa uma manifesta tentativa de acalmar as tensões sociais enquanto o regime prepara a sua pró-

pria reorganização. Uma tentativa que apesar de tudo é uma vitória da oposição na medida em que força a ditadura a reconhecer a sua impotência perante o crescente movimento de massas.

A moderada «abertura» na Coreia do Sul está no entanto ainda longe da verdadeira democracia. A carga policial sobre os estudantes que se preparavam para desfilar em Seul em protesto pela morte de um jovem (em consequência de ferimentos provocados por uma granada de gás lançada pela polícia), prova-o bem.



Confrontos entre manifestantes e a polícia, uma realidade que se repete diariamente em Seul

Festa do «Avant!»

A convite do Partido dos Comunistas da Catalunha, participou na Festa do «Avant!», na qualidade de observador, a camarada Manuela Bernardino, membro da Secção Internacional do PCP.

A festa do órgão do PCC, de cariz popular e com grande participação da juventude, realizou-se em Barcelona, nos dias 26, 27 e 28 de Junho. Nela se desenvolveram diversas iniciativas e actividades que foram desde o espectáculo rock à música catalã, ao desporto e gastronomia da região, passando pelo debate político de temas da actualidade, manifestações de solidariedade internacionalista e um comício em que usaram da palavra dirigentes do PCC e do PCPE.

O acolhimento dispensado ao observador do PCP foi particularmente caloroso.

«Aproveitámos a hora do almoço para conversar com um dos operários desta empresa, onde cerca de 500 homens trabalham diariamente.

— Então, que tal vão as coisas por cá?

— Ora, pior do que nunca!

— Porquê? Tem havido despedimentos?

— Não, nada disso. A coisa é bem pior, porque trata-se de nos matar lentamente. Já ouviu falar de barómetros, ou cronómetros, ou lá o que é? Pois agora andam cá uns senhores com esses relógios em punho e querem que a gente trabalhe até rebentar. Numa secção onde estavam 11 a trabalhar tiraram 5. Ficaram 6 a fazer o mesmo trabalho que onze!

Não podemos deixar de dizer:

— Então o que fizeram aos 5? Foram postos na rua?

— Por enquanto não. O que eles querem é produzir o dobro com o mesmo pessoal. E está a ver, fazendo o dobro vendem o dobro e ganham o dobro. Assim é que eu vejo as coisas.» (...)

«A Fábrica Portugal sob o peso da produtividade» — «Avante!», VI série, n.º 239, 2.ª quinzena de Julho de 1957)

AVANTE!

«Na Emissora Nacional calou-se finalmente a voz catequética e roufenha do senhor Ogando dos Santos, que o governo fascista de Salazar, em má hora para o seu próprio prestígio, pôs a dizer umas tantas bobagens que ninguém ouvia a não ser o seu autor...

Segundo o próprio jornal «O Século» de 17.06.64, «a rubrica **Moscou não fala verdade**, em vez de servir os propósitos para que foi criada, tinha, devido à sua irritante e popularucha apresentação, o dom de afastar todos os ouvintes, sem distinção de cores». Pobre senhor Ogando... depois dos nazistas e dos salazaristas, a quem mais poderá servir neste mundo?» (...)

«Vozes de burro não vão longe...» — «Avante!», VI série, n.º 344, Julho de 1964)

AVANTE!

«Após uma intensa agitação, no dia 15 de Abril, um grupo de 40 pescadores de Lagos reuniu-se na capitania do porto em Portimão exigindo melhores condições de matrícula. Em face da recusa em aceitarem as suas reivindicações, os pescadores recusaram-se a assinar as matrículas pelas condições antigas e, conjuntamente com os pescadores de Portimão, decidem recorrer à greve (...). A greve foi logo geral em ambas as terras.

No dia 17, a PIDE prendeu alguns pescadores em Lagos, o que provocou em toda a cidade uma onda de indignação. Surgem então apelos à luta pela libertação dos presos. No dia 19, uma enorme multidão encabeçada por algumas centenas de mulheres, organizaram uma marcha de protesto (...). Entretanto, a cidade já havia sido ocupada por forças da GNR que, armadas de capacetes e metralhadoras, tentam impedir a manifestação. Os manifestantes não se deixam atemorizar e prosseguem a marcha até junto do posto da guarda, gritando sempre: «Temos fome! O que se ganha não chega! Soltem os nossos maridos! Apenas queremos melhores condições de vida!» A estes gritos das mulheres e do povo a GNR respondia: «Se avançam mais disparamos! Fazemos o mesmo que se fez em Aljustrel!» (...)

«Ainda a greve dos pescadores do Algarve» — «Avante!», VI série, n.º 344, Julho de 1964)

Em Foco

Avante!

Ano 57 - Série VII
N.º 706

9 de Julho de 1987

3.º Caderno

Não pode ser vendido
separadamente



**Álvaro Cunhal
no Centro e Norte**

**Mil quilómetros
de diálogo
e festa!**

Foram mais de mil quilómetros, não contando com a viagem a partir de Lisboa, que o secretário-geral do Partido Comunista Português, percorreu no Centro e no Norte do País, numa visita de quatro dias aos distritos de Coimbra, Viseu, Vila Real, Viana do Castelo, Braga e Porto. Mais de mil quilómetros de diálogo e de festa, numa campanha que cada vez mais demonstra que cresce e se fortalece o apoio popular às propostas da CDU. Lugares diversos, diversas gentes, influência variada. Mas uma grande vontade expressa em quase toda a parte de contar os problemas, de ouvir propostas, de lutar por soluções.

Em quase meia centena de iniciativas e outros tantos lugares, o dirigente comunista teve oportunidade de contactar pela primeira vez muitos deles, de visitar outros. Encontros, comícios, passagens, festas. E não foi raro que o comício se transformasse em diálogo, a passagem num contacto mais demorado, a festa num comício, o encontro num convívio, o convívio numa verdadeira manifestação de apoio à CDU.

Operários e agricultores, intelectuais e empregados, mulheres, jovens ou idosos, milhares e milhares de portugueses com opinião formada ou sem ela, participaram, Portugal acima, nas iniciativas deste prolongado fim-de-semana. Nas serras e nos vales, nas aldeias, vilas, cidades.

Vieram ao de cima problemas que são comuns a todas as regiões do País, contados na sua especificidade. E que exigem soluções gerais e específicas que só um governo resultante do entendimento entre os partidos democráticos poderá tomar. Veio ao de cima a consciência que se alarga pelo País, de que o voto na CDU é o voto que decide para esse entendimento. A pouco tempo do termo da campanha, o facto de a juventude vir em massa e participar entusiasticamente nas iniciativas dos comunistas e dos seus aliados, mostra que a CDU está no bom caminho. Um caminho que, durante mais de mil quilómetros, uma equipa do «Avante!» seguiu e conta como foi. ■

Mil quilómetros de diálogo e festa!

Quinta-feira

O tempo foi pouco

Tudo começou em Coimbra. Foi lá que, no Hotel Avenida, Álvaro Cunhal iniciou esta volta a vários distritos do Centro e do Norte do País, num encontro com a Imprensa logo pela manhã. Depois a caravana dirigiu-se a **Canas de Senhorim**. O secretário-geral do PCP, acompanhado pelo camarada Jaime Serra, membro da Comissão Política do CC, encontrou-se com os trabalhadores de um dos turnos da Companhia Portuguesa de Fornos Eléctricos. Cerca de duas centenas de trabalhadores que entram no turno das 13 horas, tiveram oportunidade não apenas de ouvir o dirigente comunista mas também de tomar a palavra e de relatar a sua experiência amarga — a empresa encara o futuro com muita apreensão, após a anunciada intenção de o Governo de Cavaco, através da EDP, cortar a energia à fábrica que tem uma avultada dívida àquela empresa pública. O tempo aqui foi pouco...

Muita gente nova

«Falando com franqueza, a minha ideia é a de que, ao mesmo tempo que vejo uma grande desmotivação política em relação a todos os partidos, vejo que as pessoas estão mais do que nunca receptivas à nossa propaganda». Estas são as palavras de Orciano dos Santos Pereira, candidato CDU por Viseu, operário químico. E a conversa foi tida durante o almoço convívio que reuniu em **Santar** umas dezenas de pessoas — representantes da autarquia, bombeiros, colectividades e personalidades da terra e do distrito, antes de acompanharem Álvaro Cunhal a uma visita a obras da Junta de Freguesia, composta por comunistas e independentes. Aqui no distrito há muito mais gente nova a trabalhar e a participar na campanha e a aceitação às iniciativas da CDU é muito maior, disse-nos ainda Orciano Pereira, que referiu que só na pré-campanha e no início da campanha já se haviam realizado 300 acções de propaganda e se programavam mais de cem ainda!

Ganhar tempo

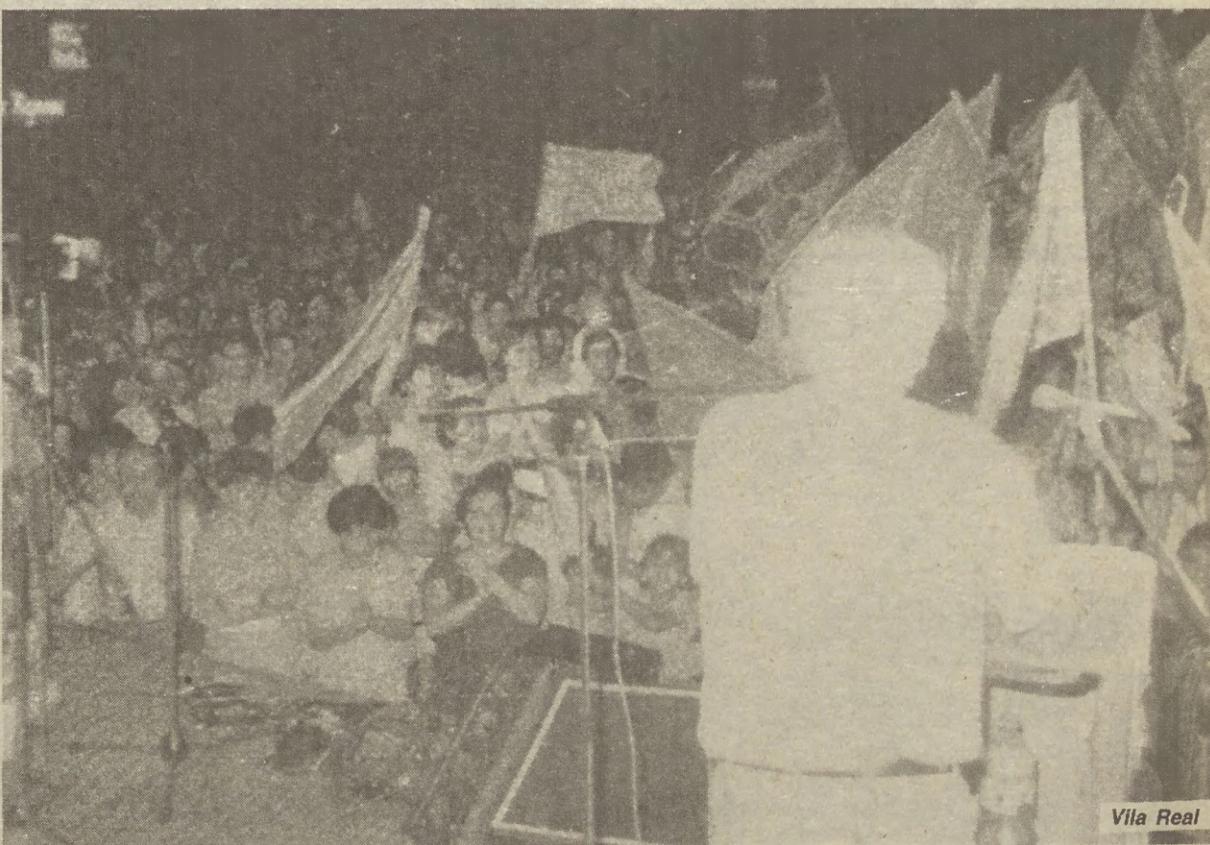
À chegada a **Viseu** o calor sufocante que nos acompanhava desde Coimbra desfez-se em grossas gotas de chuva. Ali perto, um carro de som do PSD diz, em jeito de anunciante de pasta de dentes, que «nestas eleições, mais do que eleger deputados, vamos eleger um Primeiro-Ministro». Nas imediações do Centro de Trabalho, as pessoas aglomeram-se. Nas varandas, portas dos prédios, cafés. Esperava-se a visita do secretário-geral do PCP ao Centro de Trabalho de Viseu. Com optimismo, recebe-o Carlos Fraião, membro suplente do CC, «as coisas aqui são difíceis mas vão andando». Depois de uma breve visita, a conversa. O camarada Fraião pede desculpa do atraso devido ao almoço em Santar. Álvaro Cunhal diz que não, «ganhámos tempo com a visita à obra que a Junta de Freguesia está a fazer». E acrescentou que, importante é, neste momento, «procurar a unidade com os democratas, os que estão na CDU e os que não estão, estendendo pontes para o entendimento».

Casa aberta para todos

Na esplanada desfruta-se das delícias do Verão. Mais acima é o novo Centro de Trabalho do PCP em **Lamego** que o secretário-geral do PCP visita pela segunda vez no espaço de dois meses. Pela instalação sonora diz-se que quem quiser pode entrar «a casa está aberta para toda a gente». Perto de meia dúzia de jovens aparentando quinze anos com autocolantes do PSD aproveitam para subir as escadas e ir mordiscar uma fatia de bolo. Ao lado, alguém diz que «havemos de aumentar em Viseu». «Aqui na avenida no domingo que passou fizemos uma festa e veio muita gente que ficou para depois da música ouvir as intervenções e muita gente já me disse que gostou. O medo ainda é grande mas as pessoas estão a vencê-lo».

Terra do Vinho do Porto

E chegamos à grande terra do Vinho do Porto. Na **Régua**, diz o programa, é um jantar-convívio. Um sagrado néctar trabalhado com muito sacrifício, amassado com tamanhas injustiças. «Andar ali oito horas e tantas vezes mais e receber 500 escudos, isso não há direito nenhum, nunca tivemos um governo que olhasse por isto». E a segurança social? «Eu sou delegado sindical e olhe, os patrões nunca passam folha, nunca sabemos quanto é que descontamos, e se descontamos alguma coisa ou se metem o dinheiro ao bolso». E os estrangeiros, o vinho do Porto escrito em outras línguas que a falada na terra que o produz. «Aí está uma coisa mesmo grave. Já não é só eles entrarem no negócio, porque agora eles estão aí a assenhorar-se dos terrenos todos. Isto está



Vila Real jornada memorável

A festa vai continuar. Mas proponho que no próximo dia 20, depois da derrota da direita, a festa seja ainda maior. As palavras são de Álvaro Cunhal. O entusiasmo atinge o rubro. Dezenas de bandeiras ondulam vigorosamente. Milhares de vozes gritam CDU. São 11.30 horas. É a apoteose de uma jornada memorável. Estamos em Vila Real. Iniciada várias horas antes, a festa prolongar-se-á ainda por mais de duas horas, desta feita ao som dos Mler If Dada.

Com esta vibrante manifestação de apoio concluiu-se o primeiro dia desta grande maratona de esclarecimento iniciada logo pela manhã em Coimbra e que levaria nos três dias seguintes o dirigente comunista a percorrer ainda centenas de quilómetros por terras de cinco distritos do Centro e Norte do País.

Mas se o comício terminou em ambiente de indiscriminado entusiasmo e alegria, a verdade é que desde muito cedo, mesmo antes do início do comício, eram claros os sinais de prenúncio de festa. Uma agradável e porventura inesperada surpresa estivera desde logo reservada no nosso primeiro con-

tacto com a cidade. Uma presença forte de azul e branco da jovem coligação sobressaía da propaganda partidária que enchia o eixo central da cidade. Zés Pereiras e gigantes percorriam as ruas. O movimento era incomum. A música inundara a Praça.

Resultado de um apreciável trabalho de massas de uma corajosa e persistente acção política, estávamos em presença de uma grande realização no coração transmontano, de um magnífico testemunho do alargamento da influência e prestígio do PCP.

Disso mesmo se fez eco Agostinho Lopes, do Comité Central, ao recordar no comício o combate sereno e firme

dos comunistas contra o subdesenvolvimento de Trás-os-Montes e Alto Douro, atraso antigo que todavia se tem vindo a acentuar nos últimos anos por força da acção dos governos de direita. A este propósito recordou o aumento das assimetrias regionais, sublinhando o facto da região continuar «subalternizada ao nível dos investimentos públicos e privados» enquanto que, por outro lado, «continua a ser sangrada da riqueza nela produzida e das remessas dos seus próprios emigrantes».

Depois de classificar o Governo de Cavaco Silva como «o pior desde o 25 de Abril» e de o responsabilizar pelo acentuar das desigualdades Agostinho Lopes chamou a atenção dos presentes para as manobras eleitoralistas e promessas do Executivo, para as visitas de ministros e secretários de Estado num autêntico rodopio de inaugurações, frenesim que chegou ao ponto de o Secretário da Juventude se deslocar a Vila Real para assinar apenas um protocolo da cedência de terrenos camarários para um Centro de Juventude, enquanto outro secretário de Estado se deslocou para inaugurar um parque infantil, porventura mais barato que a despesa efectuada com a sua própria deslocação.

Atrás do palco, antes do comício, instado pelos jornalistas presentes a comentar o clima que se estava a viver Álvaro Cunhal afirmou ter encontrado em Trás-os-Montes o mesmo ambiente que «já se vira nas Beiras». Considerando que se rompeu as «dificuldades de aproximação» e se «venceu o muro de massas», o dirigente comunista atribuiu ainda este facto à «verdade da mensagem do PCP e seus aliados».

No decorrer da sua intervenção, atentamente acompanhada por milhares de pessoas, o secretário-geral do PCP passou em revista os aspectos centrais do momento presente, detendo-se nomeadamente em torno da importância do voto democrático na CDU, da batalha de esclarecimento em curso, das posições dos restantes partidos democráticos, das consequências da política de direita e da adesão à CEE, dos objectivos eleitorais da CDU e dos resultados necessários para garantir o afastamento da direita do Poder e a convergência democrática que dê suporte a um governo que resolva os problemas do povo e do País. ■



Mil quilómetros de diálogo e festa!



Viseu



Lamego



Régua

Na TABOPAN Falem vocês

Quem vai de Vila Real no sentido de Vila Pouca de Aguiar, encontra, pouco antes de chegar a esta terra, no lugar chamado de Telões, ao seu lado direito, um grande fábrica. Em grandes letras pode ler-se «Tabopan». No meio de montes escarpados, naquele quase planalto, a grande fábrica ergue a sua silhueta fantasmagórica. Lê-se nas paredes, «Ó Abreu dá cá o meu», «3 meses de salários em atraso». Espreitam por um vidro partido. Lá dentro é o abandono. A fábrica de laminados de madeira encontra-se parada desde Abril de 1986, e os seus trabalhadores, na sua maioria pequenos agricultores da região, recebem um pequeno subsídio na ordem dos 23 mil escudos que para alguns cessa já em Novembro. O patrão, o Abreu diz que o Governo lhe deve 1 milhão e oitocentos mil contos prometidos por Marcelo Caetano.

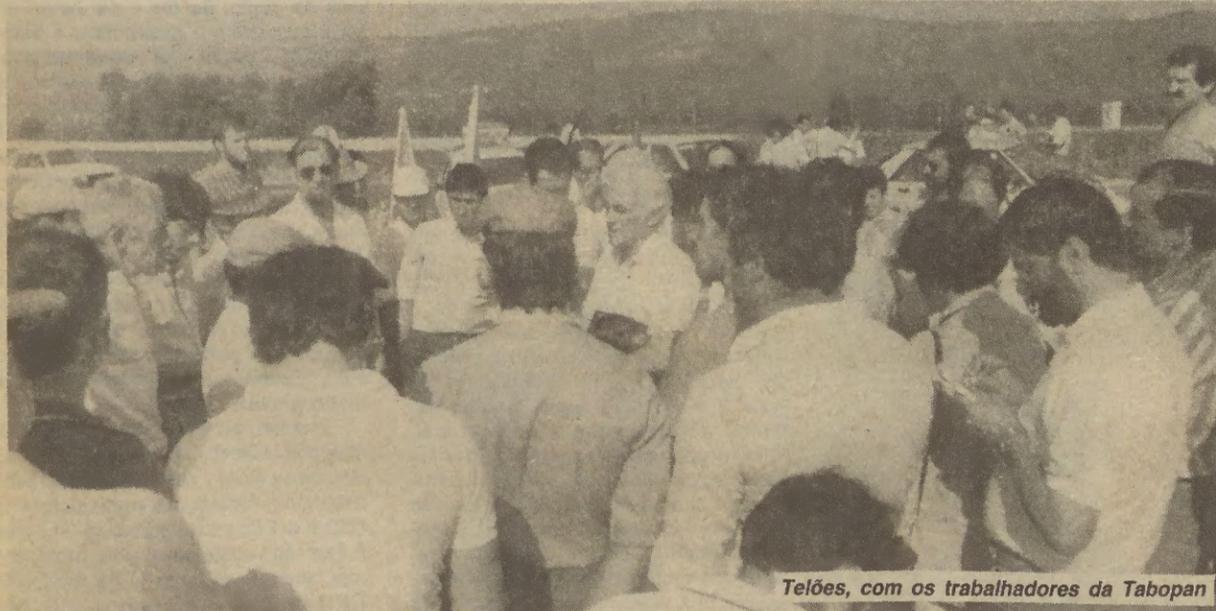
Ali mesmo, os antigos trabalhadores começam a juntar-se. Uma pequena interrupção nos trabalhos do campo começaram logo quando o sol raiava («trabalho enquanto se vê e é a família toda»). Esperava-se a visita do secretário-geral do PCP. E enquanto se

esperava a conversa ia surgindo, primeiro timidamente, como que a medo, depois a língua solta-se, e a raiva sai lá do fundo.

A história desta empresa conta-se em poucas palavras. «O facho que é hoje presidente da Câmara (PSD), na altu-

ra, antes do 25 de Abril, promoveu a venda destes terrenos que aqui vedes à volta. Terrenos de primeira vendidos a 7 escudos quando valiam, na altura, nunca menos de 100. Diziam que era para construir oito fábricas. Acolá aquela casa que ali vê é do engenheiro-chefe que é sobrinho do patrão, foi ele que ocupou o resto da terra. Aí nas alturas em que nós vínhamos para aqui para garantir o posto de trabalho, o gajo obrigava-nos a trabalhar nas terras dele. A vacaria estava fechada e foi a malta que a abriu.»

As falas sobrepõem-se, em vão procura o jornalista pôr ordem na conversa, anotar tudo. «Isto nunca teve problemas de encomendas. Da Inglaterra pediam encomendas semanais e só



Telões, com os trabalhadores da Tabopan

mesmo a ficar feio». O secretário-geral do PCP ouve e tala, das eleições e do que, com elas, é preciso mudar. «Isto é que é democracia, estar aqui como você, um dirigente de um partido a falar com o povo».

A Festa em Vila Real

Pelas ruas de Vila Real, cabeçudos e Zés Pereiras chamam o povo para a Festa. Fernando Tordo no espectáculo que antecedeu o comício canta que «estamos na Praça da Primavera». Ainda que seja Verão e bem quente. Mas era um espectáculo primaveril aquele comício. As flores, as bandeiras tremulando à brisa calma, os risos, a música. Pena que a instalação sonora não fosse a condizer. Ao nosso lado, um casal a passar a casa dos vinte aproxima-se, «vamos para a frente que isto aqui não se ouve e nós viemos foi para ouvir». Só a equipa de reportagem da RTP estava fora de tom. Virava as costas à «Primavera», aos sorrisos e abraços frescos dos muitos jovens que se encontravam na praça, e filmava insistentemente o Outono da vida nos idosos fruindo naturalmente a festa nos bancos de jardim. Para arquivo talvez dirão alguns, ou então para dizer que com a CDU só o passado.

■ CA

Sexta-feira

Estranho silêncio

Vila Real ficara para trás. Marcados ainda pelo ambiente de festa e entusiasmo vivido no magnífico comício da véspera — para alguns inesperado e surpreendente — inicia-se verdadeiramente o percurso por terras de Trás-os-Montes. Cortando a paisagem rural, um gigantesco pavilhão de cimento e lusalite ergue-se no vale. Escassos minutos nos separam das nove horas. Estamos junto às instalações da Tabopan, em Telões, Vila pouca de Aguiar. Não há movimento, nem ruídos, nem motores de máquinas a trabalhar. Um estranho e pesado silêncio só interrompido pela chegada espaçada de um número crescente de pessoas. Operários, na sua grande maioria, estão hoje sem trabalho e sem qualquer hipótese de o vir a conseguir a breve prazo na região. Com o encerramento da fábrica, vai para ano e meio, sem sustento ficaram cerca de 130 trabalhadores e suas famílias. Não fosse a courela, onde se trabalha «enquanto se vê», de sol a sol, de onde se tira um «bocadito de batata, milho ou feijão» e tudo seria dramaticamente pior. Resultado das ambições especulativas do patrão e da indiferença das autoridades, o caso Tabopan constitui um exemplo paradigmático da política do Governo e das suas orientações em matéria de política económica e social. Às denúncias e desabafos dos presentes seguem-se palavras de solidariedade e confiança.

Conversa franca

«Venha aqui à minha adega. Passo cá várias horas por dia». Aceite o convite, depressa se descobre a ironia escondida na expressão. Encontramo-nos numa sala de ordenha. Tratava-se naturalmente de leite e não de vinho. Leite que de resto, segundo nos garantiram, é o melhor da região. Estamos na casa de Joaquim Pipa, em Parada de Aguiar, local escolhido para um breve encontro com agricultores.

Às palavras de boas-vindas sucede-se o diálogo. Sem tibiezas, surgem as perguntas. «É verdade que o PCP se se apanha no governo nunca mais de lá sai?» Nada fica por esclarecer. A conversa anima. Dos baldios ao encerramento dos matadouros.

Nada com os pêpêds

Com largos minutos de atraso a caravana retoma o trajecto em direcção à paragem seguinte. Trata-se de Dornela, Vila Grande, local para onde está anunciado um almoço convívio com a população e um encontro com jovens agricultores. É de novo a festa a aguardar os visitantes. Há flores, muitas, como muitos são os jovens presentes. «São eles que vão dar a volta a isto. Aqui, os jovens não querem nada com os pêpêds».

«Cavar para a Suíça»

Subindo e descendo esventradas estradas, chegamos às minas da Borralha, no concelho de Montalegre. Casas degradadas (algumas mesmo a cair), ruas com buracos e sem



Mil quilómetros de diálogo e festa!

Sexta-feira

asfalto são desde logo a impressão mais forte que se retém do bairro operário. Com as minas fechadas desde Janeiro do ano passado, também por aqui se acentuaram as dificuldades e problemas, muito especialmente para os 600 mineiros e suas famílias. «Arrancar da terra», para a maioria, constitui a única alternativa. «Estou só à espera de fazer os 18 anos para cavar logo para a Suíça», diz-nos um jovem, opinião corroborada por outro, da mesma idade, com os quais estabelecemos breve conversa.

No pequeno largo, faixas e pendões de onde sobressai o branco e o azul, dão animação e cor ao escuro conjunto do casario. Interessadas, centenas de pessoas escutam o dirigente comunista. Há gestos e comentários exprimindo acordo quanto ao conteúdo da afirmações. «Não se pode aceitar uma política que delapida as riquezas nacionais para as entregar a interesses estrangeiros».

Respeito pela Igreja

A paisagem modifica-se. A cordilheira da serra, escarpada, rochosa, ora coberta de floresta ora «careca», dá lugar a um manto de diferentes tons de verde. Retalhado, em pequenas leiras com excelente aptidão agrícola, todo o solo é laborioso e minuciosamente trabalhado. Entramos no Minho. Muda o cenário mas o acolhimento, o entusiasmo, a adesão popular, esses, mantêm-se. **Vieira do Minho**, primeira paragem em terras minhotas, tratou de o confirmar. Depois, foi a vez de **Póvoa de Lanhoso**, terra de Maria da Fonte, acolher no Largo em frente aos bombeiros, com uma calorosa recepção o secretário-geral do PCP. As relações com a Igreja vêm a lume. «O PCP respeita com todo o rigor a crença, as convicções religiosas e a prática do culto de cada um. Somos contrários a qualquer ofensa. É uma posição firme do PCP. Nas aldeias, por exemplo, se a missa é às dez horas procuramos marcar as nossas iniciativas para outras horas. Há localidades em que os nossos militantes de

se mandava de quinze em quinze dias. Chegávamos às vezes a trabalhar aos fins-de-semana para satisfazer os pedidos. E quando a fábrica fechou, eles levaram a madeira que estava aí armazenada para a fábrica de Amarante que continua a trabalhar.»

Com a chegada de Álvaro Cunhal, os que se tinham abrigado na sombra da fábrica juntam-se à roda. Diálogo franco, aberto, tratando os problemas de frente com a simplicidade de quem os vive todos os dias, e de quem os conhece porque é com o povo que vive. Álvaro Cunhal diz da solidariedade do PCP com a luta dos trabalhadores da Tabopan, da forma como os comunistas apreciam a combatividade e a coragem dos trabalhadores. «Falem vocês que pouco mais vos posso dizer.

Falam da fábrica, «daquele malandro do Abreu que escrevia cartas aos trabalhadores a tratar-nos por filhos e a dizer que dividia o lucro com todos no fim do ano. Aquele desgraçado até falava em Deus», sublinha aquele homem. Mas não só da fábrica. Bem presente a luta pelo posto de trabalho, a fábrica é apesar disso qualquer coisa que passou. Há famílias para alimentar e o recurso é, de novo o trabalho do campo. Por isso se fala da «ganda que chamoscou o milho e o seguro veio cá e não me deu nada, o trabalho do camponês não vale nada», «qual vender, então o milho nem dá



Póvoa de Lanhoso

para consumo, senão fossem umas batatas e uns feijões, não sei o que comíamos», o gado é que ainda vai dando algum dinheiro», e da falta de água, «os poços estão todos secos».

Lá do fundo da estrada vislumbram-se duas mulheres caminhando pela estrada. A meio cortam em direcção ao grupo. Falava um delegado sindical candidato da CDU quando a voz fresca da mais jovem das duas se sobrepõe. «Olhe lá, era preciso um Governo que olhasse mais para o trabalho das mulheres, somos as mais exploradas. Tenho 21 anos e ganho 11 contos por cinco horas. Só tenho dinheiro para o leite do meu filho. Vou à boleia para Vila Real para ver o meu homem, que lhe fizeram uma injustiça... está lá na prisão. Vivo com o meu pai e ele está-me sempre a dizer que não pode ser. Pronto, agora dei-

xe-me cumprimentá-lo e oxalá que isto melhore. Eu gosto de si porque está aqui assim, vestido como eu, a falar com a gente. Agora vou andando.» O abraço, o beijo e aí vai ela, dedo estendido pela estrada fora.

O encontro estava a acabar. Mas as perguntas, as queixas não paravam. «Os deficientes aqui são tratados como animais, as pessoas não sabem tratá-las e não há centros, há muito mongolismo, o alcoolismo nas escolas é terrível.» Um professor do ensino primário fala das condições em que trabalha. Diz que «tenho 35 alunos e ocupo uma sala a meias com uma colega. Quando ela fala eu calo-me e vice-versa.»

A imagem deste encontro com os trabalhadores da Tabopan não se apagou nunca, durante estes dias, da memória de quantos a ele assistiram. ■



Parede de Agular



Dornelas

São iguais só mudam as cores

O sol estava quente. Depois do verdadeiro safari que foi a viagem até Dornelas, o almoço regado com bom vinho ou em alternativa água fresca de uma nascente ali próxima convidava ao descanso. Numa pequena sombra o camarada Álvaro Cunhal fala com dois camponeses. Aproximamo-nos mas apanhamos o diálogo já no fim. Procuramos a conversa com os camponeses e a história que nos contam é de pasmar. Oíçam só.

António Pereira é (ainda) membro da Assembleia de Freguesia de Vilar do Povo, uma povoação ali próxima, eleito nas listas da CDS. Hoje integra a comissão de apoio à CDU.

«Havia ali um baldio com 132 mil metros quadrados que, deixe-me ver... em 1943 foi entregue ao povo. Em 1982, a Junta de Freguesia e mais os Serviços Florestais sem autorização, ocuparam aquilo e fizeram pastagem para gado. Prometeram ao povo que era para todos, mas ao segundo ano dividiram aquilo em três talhões para os três lá da Junta. Aí o povo levou para lá o gado e ocupou a terra. A seguir o administrador dos Serviços Florestais e a Junta de Freguesia deitaram fogo às pastagens, mas nós metemos lá dois tractores e semeámos lá centeio. A Junta e os serviços, depois, puseram uma ac-

ção contra seis do povo, nós contestámos e o juiz despachou a favor dos compartes. Eles (Quem? Os da Junta!) foram para diante e puseram um processo-crime contra quatro compartes. O juiz tornou a dar-nos razão dizendo que a Junta não tinha direito a administrar os baldios. Formámos o Conselho Directivo e os tais membros da Junta, no dia 4 de Junho de 1986, invadiram a Assembleia a bater em toda a gente. Daí nasceram quatro processos. Um dos compartes já foi absolvido e no dia 7 de Julho vai sair outro. Dos processos contra os da Junta ainda não se sabe de nada. Agora veja bem, olhe aqui a Direcção-Geral de Vila Real escreveu-nos uma carta a pedir uma declaração da Junta a confirmar o processo, quando nós já lhes mandámos tudo e quando a Junta se recusou a dar-nos os cadernos eleitorais e nós fomos de porta em porta reconhecer as pessoas. Escreva lá isto que é um caso muito grave.»

E então na CDU agora?, perguntámos nós. «Claro». Então mas como foi isso, insistimos, perante a segura da resposta. «Então, os outros dois (o PSD e o CDS) são iguais, só as cores é que são diferentes. Por mim vou-me pôr fora daquilo lá na Junta. Na CDU é que é. Só eles é que nos apoiaram.» ■

Braga

«Com esta garra ninguém nos segura!»

Eu Fernão Mendes não minto/no que escrevo e no que sinto, diz a canção cantada por Carlos Alberto Moniz no palco montado na Avenida Central de Braga. Um jornalista escreveu a letra da canção — foi o José Jorge Letria — e o jornalista que vai tomando notas da campanha também escreve agora, sem mentir que a noite de sábado, em Braga, era uma grande festa, animada e aplaudida por uma grande multidão onde se destacavam as vozes dos jovens. E, se as canções se interromperam para dar lugar ao comício, não se interromperam os aplausos nem o entusiasmo que saudou a apresentação dos candidatos pelo distrito. E, é claro, Álvaro Cunhal, vibrantemente saudado.



Começava então «a parte falada desta nossa festa», como disse o camarada que apresentava os participantes e que, correspondendo ao entusiasmo demonstrado pela multidão, comentou: «Com esta garra ninguém nos segura!»

A palavra coube em primeiro lugar ao camarada Casais Batista que sublinhou a necessidade de continuar a batalha do esclarecimento: «É necessário demonstrar à população menos esclarecida que a culpa do agravamento dos problemas do povo não é de Abril», disse. Para que a data de 19 de Julho possa vir a representar «algo de novo para todos nós».

Fidalgo Martins, dos «Verdes», começaria por recordar que tal como em 1976 todos se mascaravam de socialistas «e logo se lhes viu a careca», também hoje todos se querem apresentar como ecologistas. Que os «Verdes» não levam a mal que todos defendam a ecologia, estranham apenas que o façam apenas nas campanhas eleitorais.

O camarada António Lopes, suplente da Comissão Política do CC, comentaria o grande êxito que era o grande comício: «Estamos aqui sem ter necessidade de camionetas de Cortegaça para encher uma praça para a TV filmar. É pena que a TV que lá esteve não esteja hoje aqui...»

«Cavaco teve a coragem de dizer», afirmou António Lopes num vibrante improviso, «que tinha resolvido o problema do desemprego em Braga, que tinha resolvido o emprego para a juventude, que tinha resolvido o problema dos reformados e pensionistas!», recordou por entre as vaias da multidão ao Governo PSD.

Mais adiante, o dirigente comunista do distrito falou das tarefas que se colocam à CDU — pôr de novo em minoria as forças de direita. E disse: «Queremos passar de certa maneira esta responsabilidade. O distrito de Braga pode dar um contributo fundamental com a eleição de mais um deputado CDU!» António Lopes referiu o facto de o distrito ter direito a mais um deputado, passando de 16 para 17, e de haver oportu-

tidade de nas próximas eleições se desequilibrar a favor da democracia o número de deputados, cabendo mais um deputado à CDU, tanto mais que nas últimas eleições houve 17 mil votos nos comunistas e seus aliados que não conseguiram eleger mais um deputado. E perguntou:

«Não é justo que aqueles que confiam em nós para defender os seus interesses nas fábricas confiem também em nós para os defender na Assembleia da República?»

Por fim, o camarada Álvaro Cunhal tomou a palavra.

«A CDU tem muita força à partida», disse. «Tem o PCP. Mas também tem outras forças. Os «Verdes», jovem partido que luta para que Portugal respire. Os democratas da Intervenção Democrática, com destacados antigos dirigentes do MDP/CDE que não seguiram a linha da divisão. Democratas independentes, pessoas generosas e valiosas, sem filiação partidária, que estão conosco. A Juventude Comunista Portuguesa. E uma novidade — a Juventude CDU!»

Como já ouvimos antes nesta grande jornada de quatro dias e como ouvimos depois, um grande clamor de aplauso, da parte dos jovens, vibrou no ar quente da noite.

«Temos portanto boas razões para confiar que vai engrossar o número dos que, em 19 de Julho, vão dar o seu apoio à CDU!»

O secretário-geral do PCP caracterizou depois, como tem feito ao longo da campanha, o tipo de votos possíveis: o **voto errado** no PSD e no CDS (de todos os que não são grandes capitalistas, agrários, especuladores); o **voto do engano** no PS, porque enquanto que a CDU defende um entendimento entre os partidos democráticos após as eleições, o PS tem aberto o fogo contra os outros partidos democráticos e abre a possibilidade de um entendimento com o PSD; o **voto da incerteza** no PRD, que não se sabe o que vai fazer; o **voto inútil e desnecessário** noutros partidos do campo democrático — UDP, MDP, — que se apresentam em todos os distritos e sem possibilidades de eleger deputados. E por fim, o **voto seguro e certo para a defesa dos trabalhadores, dos agricultores, dos jovens e de todos os que têm sofrido a política da direita — o voto na CDU**. «Todos os que votarem na CDU podem estar certos», assegurou Álvaro Cunhal, «que na Assembleia da República os seus deputados defenderão os seus interesses e os de Portugal!» ■



Mil quilómetros de diálogo e festa!

manhã vão à missa e à tarde ao Centro de Trabalho». Dois dias depois, em Recarei, no distrito do Porto, Álvaro Cunhal confirmava na prática as suas palavras ao abreviar a intervenção por forma a que alguns dos presentes pudessem ir à missa.

Vocações antidemocráticas

Ao contrário do que sucedera durante todo o percurso, em Fafe, pela primeira vez, encontramos uma distribuição diferente da propaganda das diversas forças políticas. Até aí, a presença dominante, pertencia indiscutivelmente à CDU e ao PSD. De maioria PS, a Câmara tem evidenciado, porém, vocações pouco próprias para democratas e muito menos para socialistas. Gestão antidemocrática, destruição de propaganda, não cedência de luz para iniciativas, perseguição aos municípios pela Polícia Municipal, eis algumas das facetas que lhe são atribuídas. O Hospital concelhio, a exemplo do que sucede noutros por todo o País, está a degradar-se, faltando os médicos, os serviços de urgência e instalações condignas. De tudo isto se falou no comício realizado no centro da vila, em plena Praça António Saldanha.

Mar de cor

Estamos no Jardim público, no centro de Guimarães, em frente ao coreto. São 19 e 15. Passa mais de uma hora sobre o anunciado momento previsto no programa para o encontro de Álvaro Cunhal com a população da cidade. Longe de desmobilizar a inesperada espera fizera crescer a expectativa. O jardim é um mar de cor. Para alguns é a curiosidade. Muita gente, mesmo de outros partidos, quer ver de perto, e se possível contactar, com o dirigente comunista. Chega o momento do discurso. Há assentimento quanto à mensagem, compreensão pelas propostas, apoio aos objectivos. «A luta do povo é forte. Na medida em que haja pressão popular e bons resultados eleitorais, maior probabilidade haverá de conseguir uma solução democrática que responda aos problemas do povo e do País».

Banho de massas

Antecedido por um jantar-convívio em Taipas, o comício à noite em Braga com Álvaro Cunhal constituiu sem dúvida um dos momentos mais altos da jornada. Um gigantesco banho de massas que naquela noite invadiu por completo a Avenida Central. Presença destacada, aos jovens pertenceram as honras da noite, quer pela sua presença massiva quer pela sua animação, alegria e combatividade. ■ JC →

Mil quilómetros de diálogo e festa!

Sábado

Trabalho e miséria

E voltamos a **Gulmarães**. Uma visita a dois bairros próximos um do outro. O da **Conceição** e o de **Atouguia**. Enquanto Álvaro Cunhal tomava um café na Associação dos Moradores de Conceição, damos uma volta pelo bairro. Na Atouguia, muitas mulheres carregam jarros de plástico azul, formam bicha para a água. Estranhámos — não há água canalizada num bairro construído pelo Fundo de Fomento em 1978? Há canalizações, claro. A água é que não chega lá no Verão. Os belos prédios estão degradados, o lixo não recebe atenção da Câmara. Habitados por trabalhadores da construção civil, do têxtil, da metalurgia, que antes moravam em barracas, estes prédios novos são outras tantas colmeias onde enxameiam famílias muito pobres, em pequenos apartamentos onde os muitos filhos se aglomeram. Há aqui muita criança de 8 ou 9 anos a trabalhar. Crianças e jovens que não podem usufruir das elegantes e modernas instalações desportivas onde só os ricos vão. No encontro com a população — enquanto às janelas assomam mulheres que interrompem as lidas, Álvaro Cunhal lembra que há muitos milhares de portugueses que nem estas condições de habitação, já degradadas, possuem. Uma situação que não é de aceitar num regime democrático. E sublinhou a importância das eleições para mudar de política, para que um novo governo dê resposta às necessidades do país.

«Eu vou falar-lhe»

De repente, o granito substitui-se ao cimento. **Creixomil**. Na Nossa Senhora da Luz, à sombra, gente que aguarda. Os pendões e as faixas da CDU não têm com quem rivalizar. Drapejam pendurados nas mesmas árvores onde roupa se estende a secar. É a maior freguesia do concelho, com o PSD à frente, mas uma grande influência da CDU que está representada na Junta. Na aglomeração que se forma, ouvi-se já um enumerar de problemas que esperam expor ao secretário-geral do PCP. A falta de água, de esgotos. «Eu vou falar-lhe da reforma que não tenho», diz uma mulher idosa. Já se torna uma rotina neste país de Abril. Onde quer que vá, diz o dirigente comunista, contam-me problemas. Problemas graves. Que os sucessivos governos de direita não querem resolver. Para os grandes capitalistas há tudo, para os trabalhadores não há nada...

Ganhar não chega

O calor vai apertando com o subir da manhã. Mas o Jardim da Feira, em **Pevidem**, é um manto de sombra fresca, sob o qual se fazem as compras de sábado. As compras do possível — chinelos de plástico, cenouras e couves, camisetas com variedade de dizeres estrangeiros, cassetes piratas, roupa interior. O pacífico mercado torna-se num bulício à chegada da caravana. Gente com os cestos de compras, mulheres, jovens,



Pevidem

aproximam-se. Para cumprimentar. Até as vendedeiras se distraem. Nesta zona operária com grandes tradições de luta, onde a esquerda tem sido maioritária desde o 25 de Abril, sentem-se já os malefícios da integração na CEE, e a mono-indústria têxtil encontra-se ameaçada. Também aqui abundam os casos de trabalho infantil, de trabalho clandestino, de contratos a prazo. E o facto de haver confiança de que em Pevidem, a CDU venha a ser a força mais votada não chega. Diz Álvaro Cunhal que maiorias democráticas tem havido. Mas o que é necessário é um entendimento entre os partidos democráticos. Por isso é preciso que a CDU reforce em todo o país a sua votação.

Duas eleições

A zona têxtil continua aqui. Estamos no bairro da Emboladoura, em **Gondar**. Enquanto se espreita a estrada



Serzedelo



Gondar



Barcelos

Viana do Castelo precisa um deputado CDU

Estamos em Viana do Castelo. Uma espessa neblina, sobre o Lima, refresca a cidade. Um permanente vai-vém de pessoas circunda a zona central do Jardim Público, local previsto para o comício. Faixas e pendões da CDU, em grande número, davam um renovado colorido ao belo jardim. Em frente do palco, um túnel formado pelas copas das árvores cria um espaço de acolhimento, simultaneamente atraente e mobilizador.

Chega a caravana. Rodeado de imediato por dezenas de pessoas, sucedem-se as habituais manifestações de carinho em torno do secretário-geral do PCP. Um a um, são chamados para o palco candidatos e dirigentes locais do Partido, de «Os Verdes» e da Associação de Intervenção Democrática.

Coube a António Santos, independente, abrir o período de intervenções. A necessidade de todas as forças democráticas identificarem o adversário comum constituiu o seu apelo. «Não há vitória sobre as forças retrógradas sem o entendimento dos democratas», disse.

«Estamos onde sempre estivemos. Estamos para ajudar a derrotar a direita». As palavras são já de Domingos Bezerra, da Intervenção Democrática, ex-membro do MDP que, como muitos outros dos seus mais destaca-

dos militantes e fundadores, não acompanhou os novos rumos de divisão deste partido.

Numa aplaudida intervenção, o orador salientou estar com a CDU para «defender as conquistas de Abril, para impedir que se desvirtue a Constituição, para ajudar na luta contra as injustiças e a fome».

«Viana precisa de eleger deputados da CDU porque os problemas do distrito têm sido esquecidos e continuam por resolver. Há que sair do marasmo», concluiu por fim aquele membro da Intervenção Democrática.

A anteceder a intervenção de Álvaro Cunhal interveio ainda Maurício de Sousa, cabeça de lista pelo distrito de Viana do Castelo. As constantes visitas de ministros ao Alto Minho — «um doloroso desfilar de promessas e mais promessas», como lhes chamou — constituíram

a nota de abertura da sua intervenção a que se seguiu a desmontagem de uma ideia do PSD posta a circular na região de que o «o desenvolvimento do distrito depende exclusivamente da sua posição forte».

Abordando depois a problemática da região, o orador lembrou alguns dos seus numerosos problemas, detendo-se nomeadamente na situação dos jovens à procura do primeiro emprego, na falta de infra-estruturas de transportes, de habitação, saúde e energia.

Definindo a regionalização como a preocupação prioritária da lista da CDU, aquele candidato lembrou que ela deverá assentar em dois objectivos: em primeiro, na implementação e reforço do poder regional e, em segundo lugar, no incremento da capacidade económica do distrito.

Depois de considerar a eleição do primeiro deputado pela CDU como uma necessidade cada vez mais sentida, Maurício de Sousa acentuou ainda que é «melhor para a democracia a CDU eleger o seu primeiro deputado do que ser o PS ou o PRD a eleger o segundo». ■



Viana



Porto

Porto A juventude foi vedeta

Uma leve cacimba caía no Porto. De todas as ruas, gente encaminhava-se para a baixa. Jovens dão corpo a «lagartas» com panos da CDU que percorrem a cidade. Um conjunto de tambores e gaitas de foles percorre várias ruas chamando para a festa que está a começar na Praça da Liberdade.

Por toda a grande baixa do Porto, vai a fanfarras de Oliveira do Bairro, e um rancho folclórico Flor de Fânzeres (Gondomar). As pessoas que aqui chegam integram-se nos cortejos. No palco, os músicos ensaiam, a vibração é cada vez maior. A juventude é vedeta maior desta festa-comício. Toma conta da praça, sobe ao palco em primeiro lugar. A juventude e a abelha, que anda no peito das gentes, e também no palco alguém se veste com uma cabeça enorme e risonha de abelha.

O comício vai começar. Sobem os candidatos ao palco. Apresenta-se o primeiro orador, neste caso mulher, de seu nome Maria José Costa, trinta e cinco anos, sindicalista. «Dia após dia ao longo dos últimos dez anos tenho-me confrontado com os graves problemas que afligem os trabalhadores.» (...) Por isso, a experiência de cada dia que passa só deixa um caminho seguro aos trabalhadores, Votar na CDU. (...) Vamos todos votar. Da praia, do trabalho, de casa, do campo, todos a caminho. Que ninguém se deixe adormecer pelas férias, pelo calor, pelo descanso.»

Apresenta-se de seguida Paulo Sousa, candidato pelo Partido Ecologista «Os Verdes». Diz que «Os Verdes» de-

dicam-se à «apreciação de questões que continuam a ser silenciadas em Portugal: o direito à diferença e a todas as diferenças; os problemas das minorias cuja existência e vivências também devem ser problema; a rejeição de todas as formas de censura e de todos os censores, a humanização da vida». Pergunta de seguida, «onde estava o governo demitido e em especial o secretário de Estado do Ambiente, quando o subsídio para a construção do cemitério nuclear foi aprovado na CEE?».

O terceiro orador é Alberto Andrade que foi membro da Comissão Executiva do PS e que hoje na qualidade de independente apoia a CDU. Em sua opinião, «com o fortalecimento da CDU será mais fácil defender a Constituição dos ataques que lhe estão a ser preparados».

Raul de Castro, prestigiada figura que foi do MDP/CDE, deputado na anterior Assembleia da República, disse que «não se poderia compreender que aqueles que, durante 10 anos, na APU, defenderam a unidade dos democratas e as vantagens da concentração dos seus votos, pudessem agora fazer a apologia do concurso isolado às eleições».

O camarada Carlos Costa cabeça de lista pelo círculo do Porto falou de seguida. Afirmando que «no distrito do Porto, diariamente, nos chegamos notícias de que pessoas que, nas últimas eleições apoiaram o PS, o PRD, a UDP, o PSR, apoiam agora a CDU e vão votar na CDU. Coisa idêntica se passa com ex-simpatizantes de Lurdes Pintasilgo e do MDP», alertou depois para o facto de haver ainda «muitos descontentes e desiludidos que não decidiram ainda o seu voto», para acrescentar que «a fase final da campanha pode ser decisiva para o combate em que estamos empenhados».

Falou por fim Álvaro Cunhal. Saliendo que, perante o ascenso e a força com que a CDU se apresenta nesta campanha, a «direita tem que modificar os seus serviços de sondagem que nos atribuem percentagens baixíssimas, o camarada Álvaro Cunhal afirmou: «Já que falamos no voto útil, então tem de afirmar-se que o voto útil da democracia é o voto naqueles que defendem firmemente os interesses do povo e do País, o regime democrático e a independência nacional, tudo fazem e tudo farão para que se estabeleça o indispensável entendimento dos democratas com vistas à formação de um governo democrático após as eleições. Isto é, o voto útil da democracia é o voto na CDU. E não apenas útil. É o voto certo. É o voto seguro. É o voto que decide.» ■

Mil quilómetros de diálogo e festa!

que passa ao lado deste bairro do FFH, se distribui e lê os jornais da CDU e se monta a aparelhagem sonora, as pessoas vão-se chegando.

Estamos numa freguesia que elegeu a APU para a Junta. Por isso é o próprio presidente desta autarquia, João Dias, que é ao mesmo tempo dirigente da Associação dos Pequenos e Médios Comerciantes, que vai ao encontro de Álvaro Cunhal. O qual toma a palavra depois de uma curta intervenção do candidato ao Parlamento Europeu pela CDU, Óscar Pires que fala das consequências da adesão à CEE não apenas para a indústria têxtil como também no plano agrícola onde os malefícios também se fazem sentir. O secretário-geral do PCP, por sua vez, esclarece sobre a importância das duas eleições — para a AR e para o PE — no próximo dia 19 de Julho.

A confiança e o prestígio

É uma estrada. E à sua beira, de repente, música. Paramos em Serzedelo, correndo à frente da caravana. Das parcas sombras surgem pessoas e então já não é uma estrada, mas um lugar de encontro. Fala Adão Mendes, candidato independente, dirigente têxtil e da União dos Sindicatos de Braga, explicando porque aceitou a CDU — a única força que está em condições de defender aquilo por que lutamos durante todo o ano nas empresas. Outros vêm agora às empresas dizer que vão resolver os problemas e ainda há pouco queriam que trabalhássemos 50 horas por semana... Álvaro Cunhal sublinha a seguir que a confiança e o prestígio da CDU encontram razão na luta que os seus membros travam todos os dias em defesa dos interesses das populações e dos trabalhadores.

Esclarecer todos

Depois de um almoço num restaurante de Riba D'Ave, em que participaram centenas de pessoas da freguesia e dos arredores a caravana arrancou para Calendário, um lugar de Castela, Famalicão, onde a força da CDU é grande e se viu, com dezenas de pessoas aguardando a passagem do dirigente do PCP. Depois, ala para Barcelos, onde o sol torrava já. Dois candidatos estavam lá — José Manuel Mendes, do PCP, e o independente Francisco Cunha, que fez a apresentação do breve encontro com Álvaro Cunhal. O dirigente comunista apontou a necessidade do esclarecimento, não só dos que já estão hoje conosco, mas de todos aqueles que sofrem com a política de direita do governo — trabalhadores, reformados, jovens — cujos interesses e aspirações a CDU defende.

A Festa

A partir de Darque vai ser uma festa. Desde Barcelos. Formara-se uma extensa caravana, bandeiras azuis e brancas por centenas de metros. Festa também em Viana do Castelo, no Jardim Público, para onde está marcado o comício. Jovens cantam num palco. E sombra já não é necessária, que a neblina já cobre o litoral e veio para ficar. Um grande entusiasmo saúda os nomes dos candidatos e a presença de Álvaro Cunhal. Maurício de Sousa, cabeça de lista da CDU é aplaudido como se já estivesse eleito... Saímos de Viana em direcção a Esposende, enquanto a tarde demora a cair filtrada a luz pela névoa intensa. Muitas pessoas aguardaram mais de hora e meia a passagem da caravana e ainda houve tempo para um breve comício. Comício a valer — e apenas estava marcada «passagem» na esplanada do Carvalho, foi na Póvoa de Varzim. Gente, bandeiras, entusiasmo. Depois, Vila do Conde, junto ao mercado. Só o tempo foi curto. De resto, à CDU, sobra força, confiança, luta, festa.

O melhor que há

A jornada culminou no Porto. E podemos dizer que acabou em beleza. Num entusiasmo transbordante, numa festa calorosa. Enquanto durava o jantar com intelectuais e outros democratas, tivemos oportunidade de, em breve volta pela cidade, ver como a cidade preparava o seu comício e a sua festa. Num bairro treinava um grupo de tambores, jovens agitavam bandeiras da CDU e marchavam para o centro. Noutras ruas e avenidas, bandeiras ao ombro, jovens sobretudo mas também os menos jovens tomavam a direcção da Praça da Liberdade. Cá em baixo era a Festa. Não apenas porque um belo espectáculo se desenrolava no palco, não apenas porque as fanfarras, os bombos e as gaitas faziam um valente chinfrim. Mas porque a festa vinha do entusiasmo anónimo da multidão, milhares e milhares de pessoas e um mar de bandeiras. Olé, olé, a CDU é o melhor que há, cantava-se. Álvaro Cunhal juntou a sua voz à da multidão. E explicou porque.



Darque

Mil quilómetros de diálogo e festa!

Domingo

Cavaco foi mau para o povo

Estamos em **Recarei**, freguesia do concelho de Paredes. Aqui começa o último dia da ronda do camarada Álvaro Cunhal pelo norte do País. É um lugar de forte concentração operária, dormitório do Porto e de Valongo. Grande parte dos trabalhadores da CIFA vivem aqui. Mas um dormitório com graves problemas de transportes. Velha aspiração da população residente é a ligação por estrada com os grandes centros. Aqui nesta terra, prova provada da fraude que constituem as estatísticas oficiais sobre o desemprego feminino, Álvaro Cunhal diz que «Cavaco Silva e o seu Governo foi muito mau para o povo e muito bom para os capitalistas».

Servir o povo

Rebordosa é terra da indústria do mobiliário. Na estrada abundam as placas publicitárias das empresas, na sua maior parte familiares. Os salários são baixos, em alguns casos trabalha-se à peça, a falta de água uma constante. Os jovens aqui são obrigados a deslocarem-se a grandes distâncias devido à falta de escolas. Como em Recarei, os transportes são outro grande problema. Começou a construir-se uma estrada que liga esta povoação a Gandra, mas não se acabou porque as prometidas verbas da CEE ficaram pelo caminho. A conversa foi curta mas clara.

A chuva ajudou

Em **Freamunde**, a chuva fez a sua apresentação neste domingo. Praça 1.º de Maio junto ao Coreto. Palmas, abraços, saudam a chegada do secretário-geral do PCP. No final de uma curta intervenção sobre a situação política em que foi tónica a crítica do «voto útil» no PS, os trovões anunciam a chuva que aí vem. E quando tudo parecia indicar que o encontro com a população de Freamunde iria acabar de forma mais ou menos abrupta, eis que a chuva cai. Toda a gente procura o abrigo mais próximo, o coreto. E aí a conversa continuou por mais algum tempo sobre a nova política que é necessária e as importações de madeira que ameaçam a pequena indústria local. Ao contrário de estragar, pode dizer-se que aqui, a chuva ajudou à Festa.

A ameaça da CEE

É em **Felgueiras**, a paragem seguinte. Na sua terceira visita a esta terra, o camarada Álvaro Cunhal fala dos problemas que aqui afligem o povo. A indústria do calçado e a produção do vinho verde ameaçadas pela CEE, este último porque o teor alcoólico é inferior ao exigido por Bruxelas, a precariedade de trabalho (60% de contratos a prazo na indústria do calçado) e os despedimentos, os salários em atraso (numa empresa metalúrgica, a MIT são quinhentos), o trabalho infantil (aqui generalizado). «Compreendemos que muitas famílias, às vezes em último recurso para garantir o sustento, obriguem as crianças a trabalhar, mas não podemos aceitar é que governos como o de Cavaco Silva assistam passivamente a este espectáculo. Só os patrões estão contentes com esta situação». É urgente a convergência dos partidos democráticos para pôr fim a esta situação. Na nossa frente, olhinhos fixos nas palavras do secretário-geral do PCP, uma criança veste uma camisola onde pode ler-se «vá lá Vitinho, toca a dormir».

Tantos os abraços

O almoço foi em **Amarante**, nas margens do Tâmega. Sítio aprazível, de grande beleza, que merecia melhor tempo. Mas em **Livração** de novo o sol brilhou e a que altura, com que força. Aqui havia festa, as pessoas, concentradas no largo, não escondiam a emoção e a expectativa da espera. E com a chegada da caravana foi o extravasar da alegria a custo contida. Foram muitos os abraços, difícil de dizer por palavras o que ia na alma daquela gente. Um camponês aproxima-se. Mãos trementes, fala dos problemas, «a feira de gado nunca mais abre senhor doutor, as guias nunca mais acabam, isto está muito mau para o agricultor». Ao lado dizem-lhe, «então Manel calma, fala devagar senão o dr. não te percebe». «Olhe pelos deficientes! Pois isto está tudo mal e o que temos é que votar na CDU, não há mais nada a fazer».

Símbolo da liberdade

Era no jardim da Feira o encontro com Álvaro Cunhal em **Penafiel**. Na avenida sobranceira ao jardim, pendões das



Felgueiras



Amarante



Livração



Santo Tirso



Trofa



Vizela

Um apoio comovente e empolgante

Qualquer um que no passado domingo fosse a Vizela e soubesse da jornada CDU e da visita de Álvaro Cunhal, não deixaria de esperar que qualquer coisa de importante fosse acontecer. Mesmo os jornalistas, habituados ao imprevisto, não escaparam à sensação de que iriam ali gastar alguma tinta. Mas o que aconteceu excedeu todas as expectativas. Apoteose, ponto alto da campanha, apetece-nos dizer. Ou, como o secretário-geral do PCP caracterizou, uma manifestação «comovente e empolgante». E um apoio à CDU sentido e vivido por muitos milhares de pessoas. Muitas das quais, certamente, não partilham completamente das ideias dos comunistas e dos seus aliados, mas encontraram razões bastantes para manifestar à CDU uma consideração muito especial.

Gente até mais não nas ruas, passeando nas sombras frescas — jovens e mais jovens, bandeiras da CDU, autocolantes da abelhinha — e o coreto da Praça Humberto Delgado animado por música e canções. A abelhinha e os favos foram, de resto, os únicos símbolos que chegaram cá, pegados a camisas e vestidos claros. E de repente ouve-se que Álvaro Cunhal vai chegar. Rebenta a praça em aplausos, que duram sem esmorecer enquanto o dirigente comunista atravessa o jardim atravancado de abraços e de beijos, de velhos e de jovens, de crianças. O caminho é até a casa de um dirigente do MRCV, o Movimento para a Reconstituição do Concelho de Vizela, para onde o secretário-geral do PCP foi expressamente convidado.

Caminho difícil, por entre a multidão. Acompanhado por candidatos do distrito, Álvaro Cunhal sobe as escadas da casa de José Ribeiro Ferreira, onde o aguarda champante. Para brindar à unidade de pontos de vista entre os vizelenses e a CDU. O MRCV pensa, como os comunistas e os seus aliados, que para a reconstituição do concelho é necessário um entendimento entre os partidos democráticos e que, enquanto

o PS se aliar à direita, concelho não haverá...

«Quase que não precisamos de dizer nada», é assim que Manuel Campelo, dirigente do MRCV se dirige a Álvaro Cunhal. «O apoio da CDU nunca foi posto em dúvida. E a nossa convergência, que os factos comprovam, está absolutamente esclarecida».

O dirigente comunista concorda. E lembra alguns factos — que o PCP apresentara em 1983 um projecto da criação do concelho, que foi sucessivamente adiado até à aprovação de uma Lei Quadro que impediu a concretização das aspirações dos vizelenses. E sublinhou que a opinião dos comunistas é independente, respeitando as aspirações do povo da zona. Uma opinião que se tem mantido e que se mantém.

Depois de um brinde com champagne, enquanto a multidão aclamava cá fora a CDU, Álvaro Cunhal dispôs-se a descer, declinando com delicadeza o convite para «falar da janela», que lhe dirigiram. Ele não fala da janela. E por isso desceu, entre novos abraços, até ao jardim, demoradamente por entre o aplauso da multidão que tinha crescido.

Um camarada da Comissão Local de Vizela, que promoveu a iniciativa —

chamada «passagem» e que se transformou num dos maiores comícios da jornada — apresentou, por entre os aplausos, «o dirigente da única grande força política nacional que pode falar aqui, porque nunca teve duas caras, e porque o PCP sempre defendeu as aspirações do povo de Vizela».

Com efeito, reparámos que, tanto à volta como mesmo no interior de Vizela, a única propaganda que se impunha era a da CDU. E, apelando ao voto, o camarada Joaquim Bombeiro lembrou que os deputados da CDU serão os mandatários da vontade dos vizelenses.

Expressando ao povo «a admiração e o respeito pela sua luta», Álvaro Cunhal recordou que o PCP sempre apoiou e apoiará, «com todas as nossas forças e possibilidades» a aspiração de Vizela em voltar a ser concelho e lembrou com brevidade as diligências que desde Abril de 1983 o PCP eceitou na AR, nomeadamente o projecto de lei, e também as manobras dilatórias e a Lei Quadro que veio a impossibilitar a criação do concelho.

«Tereis sempre no PCP e na CDU defensores da criação do concelho de Vizela como mais um concelho da pátria portuguesa!» sublinhou Álvaro Cunhal, que lembrou as relações há muito estabelecidas com o MRCV. «E nunca perguntámos quais as opções políticas de cada um dos seus membros!».

Embora afirmando o respeito pela opção dos vizelenses sobre haver ou não eleições na terra, o secretário-geral do PCP deu a opinião dos comunistas e da CDU sobre a questão, sublinhando ser mais fácil lutar com sucesso pela criação do concelho «se o povo expressar o seu apoio a quem defende as suas aspirações». Não querendo desenvolver largamente outros temas da campanha eleitoral, Álvaro Cunhal não deixou, porém, de abordar muitos outros problemas gerais do país que tocam, também, a população de Vizela — trabalhadores, jovens, agricultores, reformados, mulheres — que sofre as consequências da política do grande capital.

«O que está em causa em 19 de Julho, para o povo de Vizela, também são os problemas dos outros portugueses».

No final, entre aclamações, a despedida foi de novo difícil. E, sentados à sombra, alguns idosos estranhavam: «Então e não levam o homem ao colo?» ■

Mil quilómetros de diálogo e festa!

cinco maiores forças políticas concorrentes às eleições de 19 de Julho, facto inédito neste dia, já que até ali apenas a CDU e o PSD tinham marcado presença significativa. Penafiel é um símbolo vivo da luta pela liberdade, em tempos recuados contra o absolutismo miguelista e mais perto de nós contra o fascismo. Pouco antes, os jovens que ocupavam os microfones tinham dito isso mesmo, na música, nas palavras recitadas. Depois foi o comício.

O autocross

Em Lousada, era dia de autocross, uma modalidade com muitos adeptos nesta região. Mas nem por isso o povo deixou de comparecer ao encontro. Porque «a campanha é como o autocross, é preciso andar em velocidade, fazer curvas apertadas e já fizemos algumas, não derrapar e chegar ao fim em boas condições, se queremos ganhar. Pelo nosso lado, os que estamos na CDU, vamos bem lançados».

Brinde à liberdade

Animação inusitada nas ruas. Quem entrasse em Vizela naquele momento seria essa a primeira impressão. Muita gente nas ruas, muitos jovens. Mas não ao acaso. O passeio dos vizelenses neste dia tinha um destino preciso, o jardim Humberto Delgado. Aí decorre uma festa da CDU, e o jardim está apinhado de gente. Aos microfones alguém diz que «acaba de chegar o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal», e os aplausos irrompem. Cabeças em volta, todos os olhares procuram-no, a maior parte ainda não o consegue vislumbrar entre o mar de gente, mas nem por isso as mãos se aquietam. À chegada, de imediato o convite para a visita à casa de um dos mais antigos membros do Movimento para a Reconstrução do Concelho de Vizela. Ali, com o povo vibrando «CDU! CDU! CDU!» nas ruas, brinda-se à «saúde e felicidade do povo ao sucesso das suas aspirações, à defesa da democracia, da liberdade, do 25 de Abril». Sobre o tinir dos copos e as vozes roucas do povo, pela aparelhagem o inesquecível Zeca Afonso canta a Grândola de todos nós. Sublinha-se a convergência de pontos de vista entre o PCP e MRCV. Ou, como pouco antes sublinhava aos jornalistas um camarada da direcção do Partido de Braga, «esta luta do povo de Vizela, as promessas que têm sido feitas e as traições de que tem sido vítima, provam a justeza da opinião da CDU, é preciso uma maioria democrática na AR, é preciso uma forte presença da CDU para tornar possível a convergência». A promessa cumpria-se. Álvaro Cunhal falava ao povo, no coreto do jardim.

Grande votação na CDU

Depois da inesquecível recepção em Vizela seguiu-se Santo Tirso. No Parque D. Maria II e a grande encosta de S. João do Carvalhinho em frente, com o Mosteiro de S. Bento à direita, muita gente ouve o secretário-geral do PCP, e ouve mal porque a aparelhagem é bastante deficiente. É a primeira vez que Álvaro Cunhal visita Santo Tirso, depois da sua elevação a cidade. «Do que estou a ver em Santo Tirso já quase podia garantir que vai haver uma grande votação na CDU no dia 19 de Julho».

Eu sou trabalhador

Em Trofa, no Parque Dr. Lima Carneiro, o camarada Álvaro Cunhal iniciou a sua intervenção expressando a solidariedade com a luta dos trabalhadores da PREH, empresa alemã de componentes de electrónica onde se vive uma situação de grande repressão. Depois da intervenção, o microfone é passado ao povo, para que fale dos seus problemas, as suas dúvidas e incertezas. O primeiro falante aproxima-se, disfarça mal o nervosismo, «eu queria perguntar ao dr. Cunhal porque é que nunca diz nada sobre os partidos do Leste, porque eu já lá vivi e posso mostrar-lhe o passaporte». «Estamos numa campanha eleitoral no Portugal Democrático — a resposta — e não cabe falar de países longínquos, mas se me pergunta sempre lhe digo que tomaram os trabalhadores portugueses terem as condições de trabalho que têm os trabalhadores nesses países». Torna o homem a pegar no microfone, «não pense que não, olhe que eu sou trabalhador, aquele ali conhece-mé, até tenho três meses de salários em atraso e quando fizemos uma luta e fizemos greve e tudo a televisão virou-nos as costas». O secretário-geral do PCP e todos os presentes naquele encontro sorriem, «agora também eu aplaudo, porque falou muito bem». Dali, a caravana seguiu para S. Pedro da Cova, o jantar reconfortante que acabou por ser uma grande manifestação e o fim da jornada do norte.



■ Henrique Custódio

Alfama visitada pela CDU

À espera, enquanto cai

O ponto de encontro foi o Miradouro de St.ª Luzia, quando o Tejo lá ao fundo ainda transpirava neblinas e o sol já batia de chapão em todo o bairro de Alfama. Os visitantes foram chegando em grupos à hora certa e ao baterem as 11.00, já tudo se organizara em comitiva.

Antes do arranque, uma breve introdução histórica, artística, social e patrimonial ali mesmo no Miradouro. Turistas estrangeiros, muito loiros e crestados, foram atraídos pela prelecção mas afastados pela barreira da língua.

A frustração subiu-lhes ao rosto quando se esforçaram por acompanhar, sem conseguir, as gargalhadas que entretanto agitaram o grupo. Acabaram por se afastar, desanimados e sem saber que Lisboa, em meados do século XVI e segundo o seu primeiro censo populacional, «**tinha ao seu serviço 620 tratantes**» o que, no aparte rápido dos visitantes, «**era uma bagatela comparado com os dias de hoje**». «**Tratantes**», é claro, significava outra coisa no século XVI — mais concretamente definia a actividade comercial. Mas não era para tratar disso que se estava ali: as três dezenas de intelectuais que responderam ao convite da **Comissão de Intelectuais de Apoio à CDU em Lisboa**, comparecendo no sábado passado no Miradouro de St.ª Luzia, preparavam-se para uma **visita guiada a Alfama sobre a sua história**, orientada por **José Pessoa**, membro da Direcção de Artes e Letras da ORL do PCP, e **Carlos Consiglière**, da célula do Património do mesmo organismo, «**ciceroneados**» pela camarada **Florinda**, a sempre dinâmica presidente da Junta de Freguesia de S. Miguel.



As explicações eram dadas em qualquer lado e sobretudo a qualquer momento, porque Alfama é um acervo ininterrupto de histórias e história. E de decadência patrimonial...

E a cidade começou a transfigurar ali mesmo em Alfama, sob o efeito mágico da explicação das coisas. Ora um, ora outro, José Pessoa e Carlos Consiglière começaram a levar os visitantes através do bairro e da sua memória, numa digressão encantatória onde os testemunhos vivos do presente — ora feridos por atentados arquitectónicos e a incúria pública, ora esbracejando vitalidades que as suas gentes trazem no sangue desde o fundo dos tempos — como que iam aparecendo a uma luz diferente. Um quase «era uma vez...» brusca e regularmente sacudido pela evidência da brutal degradação a que se deixou chegar aquele extraordinário património histórico, social e cultural:

Em 1554 Lisboa tinha 24 Freguesias e cerca de 100.000 pessoas, das quais 9950 escravos — 10% da população — que viviam no bairro Mòcambo, hoje Madragoa. S. Miguel e Santo Estevão (as Freguesias que constituem Alfama) possuíam respectivamente «295 casas com 515 vizinhos e 2898 almas (a primeira) e 553 casas, 954 vizinhos e 5314 almas (a segunda)». Nessa altura constroem-se novas casas, a corte desce do castelo de S. Jorge para um palácio mais em baixo, a expansão marítima força a criação

de novas casas. Na zona ribeirinha de Alfama erguem-se estruturas portuárias e grandes armazéns para receber as mercadorias e exportá-las para a Europa. São expulsas ou absorvidas à força, sob a designação de «**crístãos novos**», as comunidades árabes e judaicas que ocupavam Alfama desde a conquista da cidade por Afonso Henriques. O bairro (cujo nome — Alfama — é de evidente origem árabe) ganha grande importância socioeconómica, dada a sua situação geográfica privilegiada: ao lado da «**baixa**» — centro nevrálgico da vida de Lisboa — e junto aos cais. O acervo de produtos trazidos da África e da Índia impõem o aparecimento e a multiplicação exuberante de novas actividades e profissões, numa urgente divisão social do trabalho. Só de carpinteiros (e apenas como exemplo) constam do censo da época 40 especialidades especificadas nas oficinas de artesãos. E as coisas vão por aí fora, na tecelagem, na gravura, no comércio, na actividade bancária, na metalurgia, etc. Lisboa sofre uma brusca e espectacular alteração no século XVI, que se reflecte no século seguinte, altura da perda da independência. Entretanto o terramoto de 1755 qua-

se que arrasta também Alfama, que ressurgiu com um «**rosto**» essencialmente marcado pelos séculos XVIII e XIX. Mas não só, mas não só...

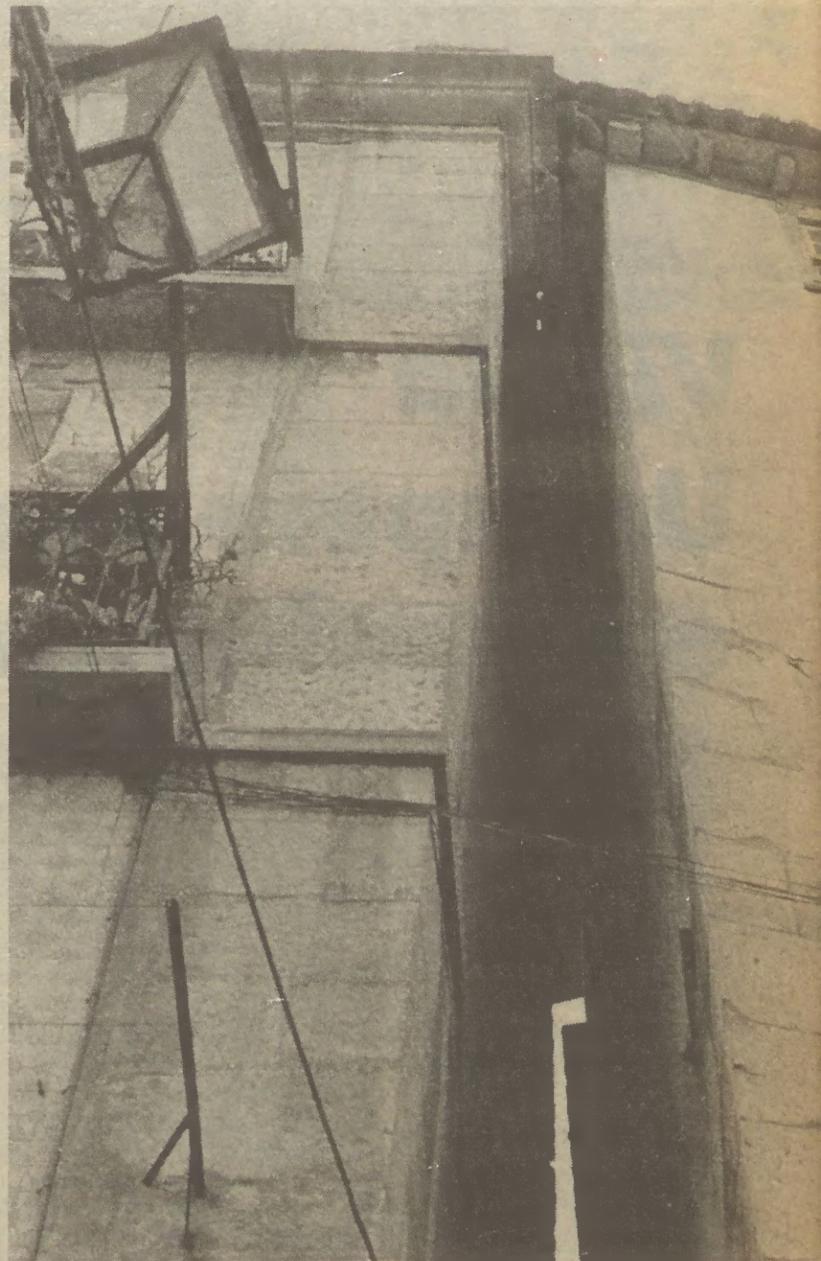
Da bica ao banheiro

Apontam-se edifícios e balcões: «**este é característico do século XVI. É, aliás, a partir deste século que chega a Portugal a influência renascentista "tresmalhada" — um maneirismo que muitos confundem com renascimento**». E de súbito a ferida aberta no quotidiano. Florinda, a presidente da Junta de Freguesia, sorri e aponta também, com amargura. Estamos na Rua da Adiça:

Esta casa não tem água, nem electricidade nem esgotos e está a cair de podre com todas as que, como ela, são propriedade da Câmara Municipal de Lisboa. Viveram aqui famílias amontoadas até há pouco, mas a ruína eminente expulsou-as. Agora a Câmara anda aí a recuperar uma parte, promete que realojará as famílias que foram forçadas a sair, mas estamos cá para ver...

As «**atenções**» da Câmara para com Alfama tinham sido, aliás, grotescamente referenciadas um pouco antes, através de um exemplo elucidativo: no próprio Miradouro de Santa Luzia está uma fonte incrustada na igreja do mesmo nome, propriedade da Irmandade de Malta. A bica avariou-se e a água passou a correr de um tubo na própria parede. Isto há três meses. A Junta de Freguesia avisou de imediato os serviços da Câmara e até hoje, nada se resolveu. Entretanto a mancha de humidade alastra, alastra...

Somos a Freguesia com mais habitantes por metro quadrado do País — retomou Florinda — o que complica ainda mais a recuperação do bairro. A nossa proposta, a da CDU, é no sentido de recuperar Alfama em todas as aspectos, incluindo o social. Há que salvar este precioso património e, ao mesmo tempo, manter os seus habitantes nele, realojando-os



O homem os fez, o terramoto de 1755 os juntou!

nas suas casas recuperadas. Entretanto, o projecto de recuperação que o Govrno alardela não tem nada a ver com o projecto que hoje existe e que não tem minimamente em conta os aspectos sociais da questão.

Olhamos ainda a Rua da Adiça. Descendo, estreitinha por ali abaixo, tem memórias arquitectónicas com séculos. E também sociais: o Grupo

Desportivo Adicense está lá a caminho de uns enérgicos 80 anos, glória associativista do Bairro. Foi a primeira colectividade a abrir em Alfama e só o 25 de Abril a convenceu a aceitar mulheres nos seus corpos gerentes. Estas colectividades, entretanto, têm intervenções sociais insuspeitadas. Florinda esclarece de novo:

Muitas casas do bairro ainda



A introdução à história de Alfama começou logo no Miradouro de Santa Luzia (ao centro, Carlos Consiglière).

hoje não têm banheiro, daí que a população recorra aos balneários das colectividades. Foi com o esforço conjugado da Junta e da população que as zonas de despejo – localizadas no exterior das habitações e viradas para as ruas e os pátios – foram cobertas e adaptadas a casas de banho improvisadas. Mas sem banheiro...»

Lá vimos de facto gente de toalha ao ombro a encaminhar-se – já não insolitamente, como se poderia achar antes desta informação – para o seu banho algures, na colectividade. A iniciativa popular a encontrar «saídas» do estado medieval em que os poderes públicos, literalmente, os querem manter. A eles e aos edifícios, que também não vêem melhoramentos desde a sua construção... Apesar de muitas delas serem propriamente da Câmara Municipal de Lisboa.

Do fado fascista ao Abril da Junta

A viagem prossegue. Memórias na pedra e nas portadas, nos balcões e varandins, nas fachadas e nas cornijas, no traçado das ruas e no remate dos telhados denunciavam a forte influência da cultura árabe e do gótico tardio. Explica-se que o manuelino – também presente – é uma arte imperial, característica de um rei com pouca força e muita necessidade de impor a sua marca. Apreciam-se azulejos, recordam-se outros entretanto saqueados, afirma-se que a azulejaria portuguesa é das melhores (se não a melhor) do mundo. O Tejo já refulge de vez em quando – exactamente as vezes em que, no cimo de uma



A casa à direita – propriedade da Câmara – «expulsou» os seus habitantes por ameaçar ruir. Entretanto nunca teve água, gás, electricidade ou esgotos, como aliás muitas no bairro. Como referência, situa-se junto à rua da Adiça (em primeiro plano, Florinda, presidente da Junta de Freguesia de S. Miguel, e José Pessoa).

escadinha, no dobrar duma ruela, no recuar dum beco e sempre quando menos se espera, se encontra um miradouro natural para o rio. Mas encontram-se outras coisas, de súbito despertadas e a falar como um livro aberto da história de Alfama e, no fim de contas, de todos nós. Os especialistas da jornada continuam o esclarecimento:

Temos aqui um cruzeiro. Há outros, como também há azulejos, lápides evocativas, etc. É obra do fascismo. O regime de Salazar necessitava desesperada-

mente de «raízes» populares que lhe coreografassem alguma legitimidade, por isso, através do SNI, virou-se particularmente para este bairro, fazendo estas «obras» e transformando o local em ponto de recreio, tipo bilhete postal, para os próceres do regime. Vinham para aqui comer sardinhada e ouvir o fado mais tradicionalista e reaccionário.

No entanto outras coisas surgem, também surpreendentemente, a testemunhar a história recente de Alfa-

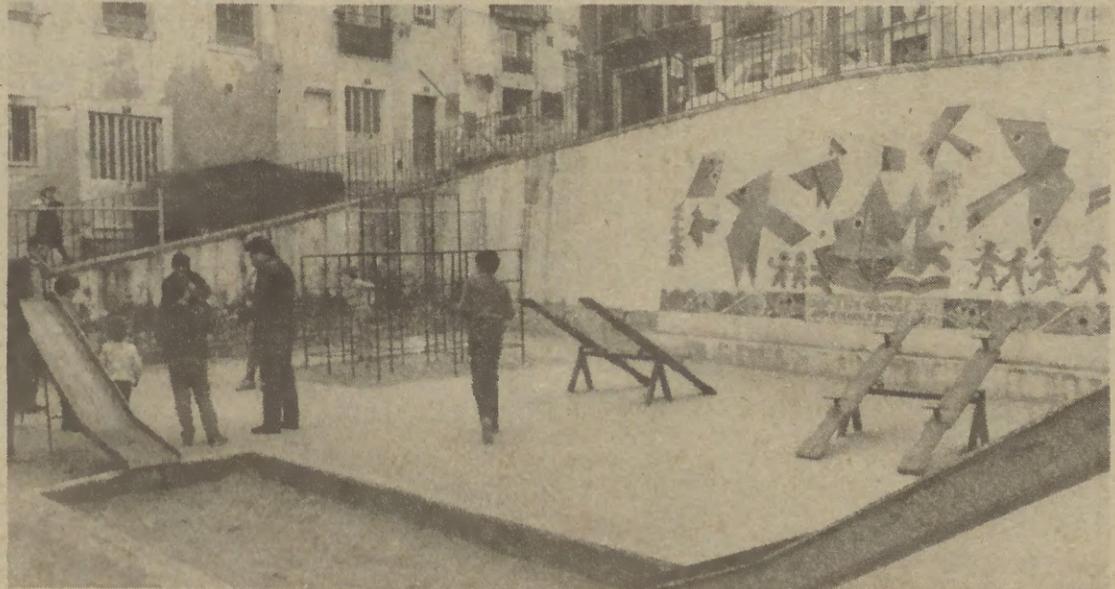
ma. Um parque infantil, por exemplo. Florinda explica-o:

Foi obra das nossas Juntas de Freguesia, de S. Miguel e de Santo Estevão, ambas da APU e desde sempre a trabalhar em estreita cooperação. As crianças de Alfama não tinham um único local exclusivamente seu – como não tinham creches, infantários, ocupação de tempos livres, oficinas de recreio e aprendizagem, etc. Tudo isso – como exemplifica este parque – tem sido feito pelas nossas Juntas de Freguesia e muitas vezes remando contra a indiferença e o boicote da Câmara Municipal de Lisboa.

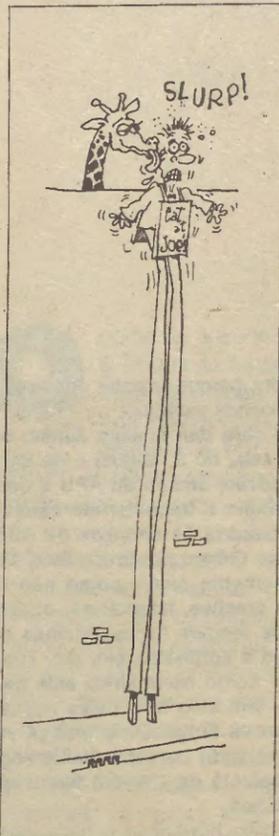
A visita prossegue e está quase no fim. Já é claro para toda a gente que Alfama – nascida na cerca mourisca da cidade, muito antes da conquista pelos exércitos de Afonso Henriques – é quase um mundo sem fim, um mundo apaixonante que apetece explorar por inteiro, de mansinho, sem tempo nem horários. E que urge salvar. E que é um crime nacional o que se está a deixar fazer em Alfama, desde a descaracterização das portas de alumínio ao ruir dos prédios que a Câmara de limita a sinalizar e a cercar com vedações, desde as condições miseráveis e ameaçadoras em que vivem muitos dos seus habitantes até à sua «expulsão pela derrocada», desde o património histórico-cultural que se degrada, é depredado ou simplesmente arrasado. Foi o caso das antigos balneários romanos vendidos a retalho a um particular que, entretanto, já os destruiu por completo, foi o caso da poluição da Fonte das Ratas feita pelo fascismo, ligando-lhe directamente os esgotos para garantir a venda da água do Vimeiro engarrafada, é agora a concessão, pela Câmara, do resto desse conjunto histórico à construção de um restaurante finaço, é o desprezo pelo Largo da Fonte dos Cavalos, palco de grandes lutas sociais contra o regime fascista. É o caso da degradação geral e acelerada do bairro.

É urgente recuperar Alfama – fazê-lo, é uma questão política nacional. É criminoso não o fazer. É, entretanto, claro, que com o PSD, PS ou CDS – quem, nos últimos 10 anos, tem tido a responsabilidade exclusiva do governo do País – o crime vai continuar.

Entretanto, Abril já lá entrou, com a APU. Resta-lhe desenvolver-se, com a vitória da CDU! ■



A presença do Portugal de Abril em Alfama: o parque infantil construído pelas duas Juntas de Freguesia.



Tempos Livres

O presidente da comissão distrital de Portalegre do PSD, delegado do FAOJ e candidato do PSD às próximas eleições, José Manuel Barradas, descobriu uma nova forma de ocupar os tempos livres dos jovens da região. Quem quer ter lugar na ocupação de tempos livres e receber o mísero salários correspondente (que sai dos cofres do Estado), tem de dar uma mãozinha à campanha do PSD. Levar bandeiras, participar em comícios, colocar faixas e até lavar a louça dos convívios daquele partido são actividades «promovidas» em Portalegre à categoria de actividades cívicas. Sem esquecer o «dever» de votar no PSD, claro, embora esta seja a parte mais difícil do programa, pelo menos de controlar. É que em Portalegre, com prepotência e tudo, o voto é tão secreto como em todo o País.

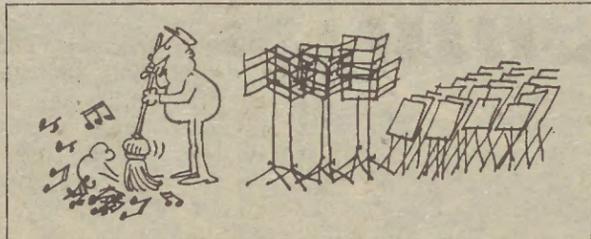
Sem o rei

O monárquico João Miguel Fernandes Jorge queixou-se da instabilidade e da mudança republicana. Estamos fartos, disse, garantindo que «sem o rei não haverá um Portugal maior». Afinal parece que o problema das hostes de Ribeiro Teles não é de segurança, mas de tamanho.

O homem do tártaro

Albarran, o tal do sorriso dentífrico, anda agora num frenesim a tentar desenterrar os «retornados» para a caça ao voto centrista. Vai daí não se lembrou de mais nada para dizer em abono do seu novo patrono senão que «Adriano Moreira foi o

Pontos Cardeais



melhor ministro do Ultramar que tivemos». A menos que na forja esteja alguma cruzada ultramarina com os cavaleiros da brigada do reumático, não se percebe a intenção. Mas tudo leva a crer que Albarran anda com tendências um pouco mórbidas. Para além do tártaro, de Adriano Moreira e do Ultramar, quer também ressuscitar a defunta «AD», à qual afirma pertencer. Deve ser por isso que tresanda. Não haverá por aí quem lhe diga que tal coisa «é tão feia»?

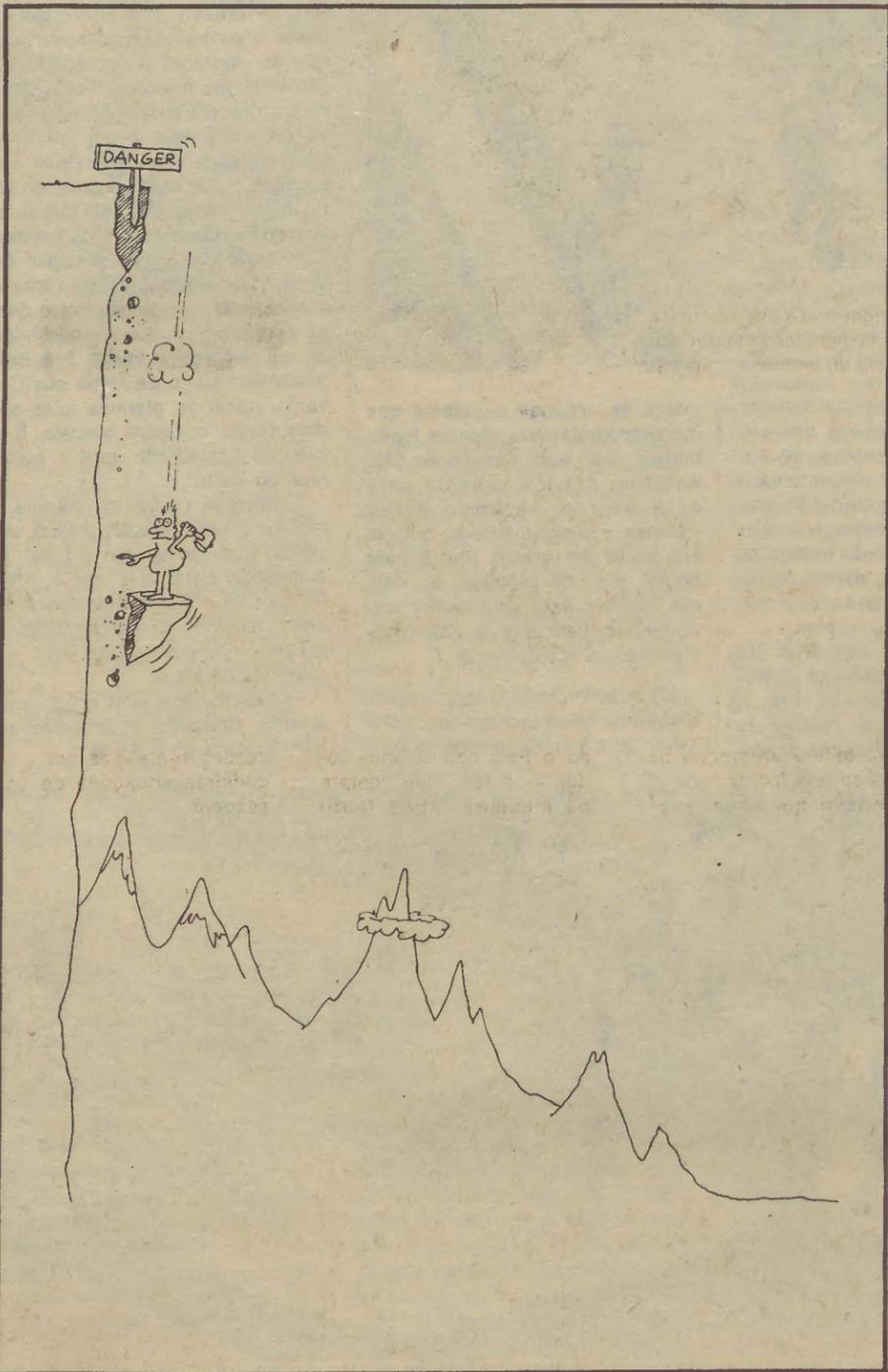


As palavras e os actos

Vítor Constâncio afirmou há dias que «em matéria de legislação laboral, o PSD revelou que só nas palavras é que é social-democrata». O dirigente do PS anda com memória curta, como parece convir a alguns dirigentes em tempo de campanha eleitoral. É que os trabalhadores portugueses, sabendo muito bem de quem é a responsabilidade da maior parte da legislação que tem permitido à direita lesar os trabalhadores (contratos a prazo, despedimentos, etc.) e agravar as condições de vida da população, têm razões de sobra para dizer que o PS nem nas palavras é socialista, quanto mais nos actos.

É de nascença

Ora até que enfim que alguém descobriu a receita para fazer vingar a democracia. Andam os povos do mundo há tanto tempo a bater-se por ela e nós aqui com a solução à mão de semear sem dar por isso. Se não fosse José Manuel Tengarrinha sabe-se lá quantos lustros mais passaríamos na ignorância: a solução está no Algarve, pois como afirmou o dirigente do MDP/CDE «o povo algarvio nasce democrata, cresce democrata, vive democrata». Só é preciso mais umas maternidades e a democracia está salva. Grávidas de todo o mundo para o Algarve, já!



Gazetilha

por *Ignotus Sum*

O tal acordo

Constâncio está disposto com todo o gosto a um «acordo de cavalheiros» com Cavaco. Negócio fraco. Como os trabalhadores «cavalheiros» não são esse acordo será para outros senhores para trabalhadores é que não...

As barracas

Nos tempos eleitorais tempos de quebra-cabeças lá chegam, fenomenais, perspectivas e promessas...

Nesta altura é sempre assim: «Se o partido Xis ganhar nos bairros de lata, enfim, barracas vão acabar...»

Foi agora assim também. A cavaquice lá está. Mas eu não entendo bem: quem leva as barracas, quem? Quem tanta barraca dá?...

Os maluquinhos

Kaúlza e outros que tais alguns mais que aparecem na Imprensa desta terra acham os esforços para afastar a guerra prejudiciais...

Não percebo lá bem o que esta gente tem na cabeça gotosa. Ah, com que então a paz é que é perigosa... Mas afinal para quem?

Pensam eles que havendo guerra, então morrem, morrem os outros e eles não?

Só um comentário vale: estão maluquinhos e a família não sabe...

O escândalo!

Lá vai a TV, lá vai, anda, siranda, desanda, tropeça, gagueja, cai na área da propaganda...

São congressos, são jantares, muito fumo, muito vinho, os ministros são aos pares aos tercetos, aos grupinhos...

Lá vão para reuniões, nos seus faustos do poder até há inaugurações do que ainda está por fazer...

Maleita de ou vai ou racha a televisão amanhã. O Zé-Povo paga a taxa e o Cavaco é que a arreganha...



Agenda

Avante!

Ano 57 - Série VII

N.º 706

9 de Julho de 1987

4.º Caderno

Não pode ser vendido separadamente



Alvaro Cunhal

Sexta, 10

Distrito de Setúbal

- 15.45 — Barreiro, encontro com reformados, na Casa da Cultura da Quimigal.
- 17.30 — Grândola, encontro com a população, no Largo da Câmara.
- 18.30 — Alvalade Sado, encontro com a população.
- 19.15 — Ermidas, encontro com a população.
- 20.00 — Arealão, jantar-convívio.
- 22.00 — Sines, comício, no Largo do Mercado.

Sábado, 11

Distrito de Faro

- 10.00 — Olhão, no Mercado, encontro com a população.
- 11.00 — Loulé, no Mercado, encontro com a população.
- 12.30 — Parchal, encontro com a população.
- 13.00 — Ferragudo, encontro com a população.
- 13.30 — Portimão, almoço-convívio, na Escola Secundária Manuel Teixeira Gomes.
- 16.00 — Silves, comício-festa, no Largo da Câmara.
- 17.30 — S. Bartolomeu de Messines, comício no Largo às árvores.
- 18.30 — Tunes, encontro com a população, na Estação.
- 21.30 — Faro, comício, no Jardim Manuel Bivar.

Domingo, 12

Distrito de Beja

- 10.00 — Monte Gordo, encontro com a população, no Largo, junto ao Pavilhão.
- 12.00 — Mértola, encontro com a população no Largo, junto ao Centro de Trabalho.
- 12.30 — S. João dos Caldeireiros, encontro com a população, no Largo junto à Casa do Povo.
- 13.10 — Almodôvar, almoço na Praça da República.
- 15.05 — Panóias, encontro com a população, no Jardim.
- 15.35 — Garvão, encontro com a população, no Largo Principal.
- 16.30 — Vila Nova de Milfontes, comício, no recinto junto ao Parque de Campismo da CGTP.
- 18.20 — Rio de Moinhos, encontro com a população, junto ao Centro de Convívio.
- 18.45 — Aljustrel, encontro com a população, no Largo frente ao Centro de Trabalho.
- 19.20 — Ervidel, encontro com a população, na Praça da República.
- 19.45 — Ferreira, encontro com a população, na Praça Comendador Infante Pessanha.
- 21.30 — Beja, comício, no Largo da Conceição.

Terça-feira, 14

Distrito de Lisboa

- 12.00 — Almoço-convívio com os trabalhadores da Carris em Miraflores.
- 15.30 — Encontro-convívio com reformados, no Jardim Constantino.
- 19.30 — Encontro com a população dos Prazeres, na rua Possidónio da Silva, junto ao Jardim Infantil.
- 21.30 — Comício, nas Escadinhas do Bairro da Liberdade.

Quarta-feira, 15

Distrito de Lisboa

- 10.30 — Encontro com a população de Moscavide, junto ao mercado 25 de Abril.
- 12.30 — Almoço-convívio, com os trabalhadores da Covina, no Refeitório.
- 16.30 — Encontro com a população de Vialonga, no Largo da República.
- 17.30 — Encontro com a população da Póvoa de Santa Iria, no Largo da Estação.
- 18.30 — Comício, em Alverca, no Largo da Praça.
- 20.00 — Jantar-convívio, em Castanheira do Ribatejo, na Associação de Promoção Social.
- 21.30 — Comício, em Vila Franca de Xira, no Largo da Câmara.

Quinta

• GUIMARÃES

Sessão de esclarecimento em **Penselo**, na escola primária, às 21.30.

Sessão-festa em **Campelos**, na escola primária, às 21.30.

Acções de propaganda na cidade: em obras de construção civil, na Filda, empresas químicas, Parque Industrial de S. João da Ponte; em **Mesão Frio**.

• BRAGA

Acções de esclarecimento na Fábrica do Calçado e nos bairros de Alegria e Areal.

• PORTALEGRE

Sessões de esclarecimento em **Santa Eulália, Barbacena, S. Salvador Arame-nha, Beirá** — todas às 21.00.

Plenários de reformados em **Cabeço de Vide, Fronteira, Vale de Macelras** — sempre às 17.00.

Outras acções de esclarecimento em Castelo de Vide e Vale de Seda.

• ALCOUTIM

Sessão de esclarecimento no Salão Paroquial, às 21.30, com **Carlos Brito**.

Sessão de esclarecimento em **Claranes**, às 18.00, também com **Carlos Brito**.

• OLHÃO

Sessão de esclarecimento, às 21.30, no Largo da Feira, com **Carlos Luís Figueira**.

Sessão de esclarecimento, às 21.30, no Bairro 28 de Setembro com **Isabel Elias** e no Bairro dos Pescadores com **Filipe Ramires**.

• PORTIMÃO

Sessão de esclarecimento com **Luís Catarino** e **Fernando Amaro** na Sociedade Recreativa de **Pedra Mourinha**.

• VILA DO BISPO

Sessão de esclarecimento em **Budens**, na Sociedade, com **José Spínola**. Às 21.30.

• FARO

Acções de esclarecimento em empresas da cidade e no Bairro S. Francisco. Também noutras localidades do distrito, nomeadamente em **Lagos, Loulé e Vila Real de St.º António**.

• SANTARÉM

Acções de esclarecimento em **Torres Novas, Entroncamento, Abrantes, Amiais/Santarém, Cartaxo, Alcanena, Vila Nova de Ourém**.

Rádio juvenil em **Tomar**.

Visita de **María Santos** aos concelhos de **Tomar, Torres Novas, Alcanena**, com uma sessão de esclarecimento no Convento de S. Domingos, em **Abrantes**, às 21.00.

• ALCOCHETE

Encontro de candidatos com a população na Escola Preparatória, às 21.00.

• MONTIJO

Acções de esclarecimento da CDU durante as Festas de S. Pedro com a participação de **Domingos Abrantes**.

• SESIMBRA

Os candidatos jovens em visita ao concelho. Durante todo o dia.

• ALMADA

A partir das 10.00, visita de **Domingos Abrantes** à Câmara Municipal e **SMAS**, seguindo-se almoço com os trabalhadores.

• CARREGAL DO SAL

Sessão-festa, às 21.30, em **Oliveirinha**, com a participação de **Carlos Fraião**.

• GRÂNDOLA

Sessões de esclarecimento na escola primária de **Pinheiro da Cruz**, na esc. primária de **Selha da Pascoal**, na Casa do Povo de **Az. Barros**, nas escolas primárias de **Canal Caveira e Pç. Lago Formoso** — todas às 21.00.

• ARRAIOLOS

Sessões de esclarecimento, às 21.00, em **Sabugueiro e Santana do Campo**.

Encontro de candidatos com os trabalhadores da Câmara. Visitas de candidatos a empresas: à **Hortícola do Divor, Tapeteiras, Cidade & Irmãos, Metal**.

• MONTE-MOR-O-NOVO

Sessões de esclarecimento em **Corticeiras de Lavre** (na Sociedade, às 21.00, com **António Gervásio**) e **Foros de Val Figueira** (às 21.00).

• MORA

Debates CDU, com a participação de candidatos, às 21.00, em **Mora e Cabeção**.

• VILA VIÇOSA

Sessão de esclarecimento às 21.00 na Casa do Povo de **Padais** com **Vidigal Amaro** e **António Andrade**, candidatos.

• LISBOA

Na Casa da Imprensa, às 17.30, de-

bate com **Octávio Teixeira**.

Visita à **ANA/Aeroporto** por **José Luís Judas**, a partir das 9.30. Almoço-convívio.

Visita de **Carlos Carvalhas** ao Entrepósito, **Olivais**, com almoço-convívio. A partir das 12.30.

Debate sobre a integração na CEE e suas consequências, às 20.30, no Hotel Roma, com **Barros Moura**.

Porta-a-porta em **Marvila** com **Anselmo Aníbal** a partir das 9.30.

Às 13.00, plenário de reformados e almoço-convívio com **João Camilo** na **UPSS - Al. Afonso Henriques**.

Discoteca **Jovem nos Prazeres**, às 21.00.

• ALENQUER

Sessão de esclarecimento e porta-a-porta em **Olhalvo**, a partir das 15.00, com **Florival Lança**.

• CASCAIS

Visita à **Standard Eléctrica** com a participação de **Jerónimo de Sousa**, seguindo-se almoço-convívio. A partir das 11.00.

• LOURES

Sessão de esclarecimento com o gen. **Vasco Gonçalves** no Grupo Desportivo de **Lousa**. Às 21.30.

A noite, na delegação da Junta de Freguesia-Prior **Velho**, debate com **Joaquina Silvério**, candidata.

• AMADORA

Jantar-convívio, às 19.30, com o alm. **Rosa Coutinho**, na Quinta de **S. Miguel (Tivoli), Falagueira**.

• PORTO

Discoteca CDU no Bairro do **Falcão**.



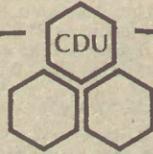
Projeções de vídeo em ecrã gigante

No centro do País

- Dia 9 — Buarcos
- Dia 10 — Coimbra
- Dia 11 — Mira
- Dia 12 — Figueira da Foz
- Dia 13 — Coimbra
- Dia 14 — Nazaré
- Dia 15 — S. Pedro de Moel

No sul do País

- Dia 9 — Olhos d'Água
- Dia 10 — Portimão
- Dia 11 — Fuzeta
- Dia 12 — Tavira
- Dia 13 — Ponte de Sor
- Dia 14 — Niza
- Dia 15 — Beja



A Comissão de Intelectuais de Apoio à CDU promove em Lisboa

Encontro de Amigos — dia 10, às 22.00, no Terraço do CT Vitória, com **Maria Guinot** e no dia 14, com **Carlos Mendes**.

Estes encontros de amigos terão a participação de **Baptista Bastos**, permitindo ouvir as canções e estar na entrevista.

Campanhã, às 21.30. Convívio com baile com o conjunto «Diapasão» no Bairro do Bom Pastor. Às 21.30.

• VIANA DO CASTELO

Visita de candidatas a **Âncora**.

• BEJA

Acções de propaganda eleitoral em **Peroguarda, Alcaria Ruiva, Vale do Açor, Amoreiras-Gare, Aldeia das Amoreiras, Conceição, B.º S. João**.

• COIMBRA

Jantar de intelectuais de Coimbra de apoio à CDU, a partir das 20.30, com a participação de candidatos. No Hotel Avenida.

Acções de propaganda eleitoral com a participação de candidatos nos concelhos de **Coimbra, Penacova, Pampilhosa da Serra, Cantanhede, Figueira da Foz**.

• S. MIGUEL

Contactos com as populações do concelho da **Ribeira Grande** por **Aurélio Bento**, candidato à Assembleia da República, **Duarte Melo** e **Luis Noronha** do Executivo

eleitoral de Ilha da CDU sobre o tema «Por uma Maioria Democrática na Assembleia da República».

Contactos com as populações do concelho da **Povoação** por **José Cavaco** do CC do PCP e **Paulo de Deus** do Executivo eleitoral de ilha da CDU para a divulgação do jornal da CDU e da posição desta Coligação sobre os problemas regionais e as condições para resolver esses problemas.

Pequena caravana no concelho de **Ponta Delgada** com a participação de **Mário Abrantes**, candidato pelos Açores ao Parlamento Europeu para contacto com as populações e divulgação dos documentos regionais da CDU.

Sexta

• ALTER DO CHÃO

Sessão de apresentação de candidatos, na Casa do Povo, às 21.00.

• BEJA

Acções de esclarecimento em **Viúvas, Guedelhas, Barrancos, Ferreira, Vila Alva, Corte do Pinto, Sobral da Adiça, Cortes Pereira, Corte Brique, Pereiras-Gare, Grandado, Messajana**.

• SANTARÉM

Sessões de esclarecimento em **Pedrogão**, com **Raimundo Cabral, Marmeleira/Rio Maior e Alcanhões** — todas às 21.00.

Rádio Juvenil em **Tomar** e na **Azinhaga/Golegã**.

• CINFÃES

Sessão-festa no Jardim com **Carlos Fraião** e actuação do grupo de música popular «Irigal». Às 20.30.

• FAFE

Sessões de esclarecimento na escola primária de **Quinchães**, na de **Freitas** e na de **St.ª Catarina de Arões**.

• BRAGA

Acções de propaganda no centro da cidade por intelectuais da CDU. Sessão-festa em **Lomar e Aveleda**, nas respectivas escolas primárias, às 21.30.

• CASCAIS

Sessão em **Alcoitão**, às 21.00.

• BOBADELA

Sessão na Associação **Bobadelense**, às 21.00.

• CAXIAS

Sessão na sede da Comissão de **Moradores**, às 21.30.

• OEIRAS

Sessão de esclarecimento com **C. Aboim Inglês** na **Soc. 1.º de Dezembro em Quelhas**. Às 21.30.

• PONTINHA

Sessão de esclarecimento com **Demétrio Alves** às 21.30.

• V.F. XIRA

Comício-festa no ginásio da escola primária do **Forte da Casa**, às 21.30, com **Daniel Branco**.

Sessão de esclarecimento no clube recreativo de **Coto-vio/S.J. do Monte** com **Luís Amorim**. Às 21.30.

• ALVERCA

Noite Jovem no Largo do Mercado a partir das 21.00. Com **Rogério Moreira**.

• PORTALEGRE

Sessões de esclarecimento em **Ervedal, Benavilla, Póvoa e Meadas**; também em **Monte da Pedra, Alpalhão, Crato, Montargil, Ervidelira, Torre das Vargens, Vale de Açor**. Às 21.00.

• ALMADA

Visita ao concelho de candidatos do distrito, com a participação de **Domingos Abrantes**.

Sessões de esclarecimento, às 21.30, no B.º **Bento Gonçalves** (com espectáculo), e em **Porto Brandão**.

Na **Romeira** — Parque 1.º de Maio — sessão com espectáculo a partir das 21.30.

• ALJEZUR

Sessão de esclarecimento na escola primária de **Vales** às 21.30.

• FARO

Sessão de esclarecimento às 21.30 em **Santa Bárbara**. **Carlos Brito** e **Carlos Luís Figueira** em contacto com os tra-





edições Wante! Recomendam

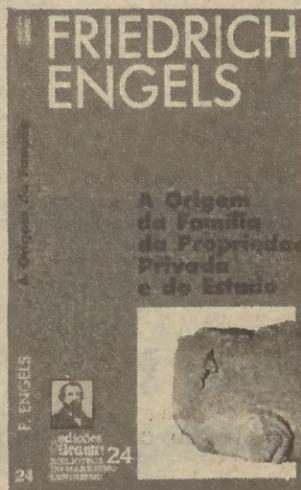


Em 1945, o plano nazi-fascista de dominar o mundo foi derrotado. Mas as raízes do fascismo não foram completamente extirpadas. Hoje existem grupos e partidos fascistas ou de tipo fascista em quase 60 países do mundo capitalista, que actuam como ponta de lança da reacção imperialista.

Os autores da presente obra revelam a essência de classe do fascismo dos anos 80, analisam os seus instrumentos psicológico-sociais, as vias e os métodos de penetração da sua propaganda nas massas, mostram a inconsistência da ideologia do fascismo.



Na venerável galeria dos heróicos combatentes antifascistas portugueses e que durante décadas se opuseram ao regime opressor, é fácil encontrar dezenas de homens e mulheres com longos anos de prisão e vidas inteiras de sacrifício e sofrimento inteiramente consagradas à luta pela libertação do povo e da pátria. Mais difícil é encontrar alguém que, como Francisco Miguel, tanto e durante tanto tempo tenha sofrido e lutado.



Segundo a concepção materialista, o momento em última instância determinante na história é a produção e reprodução da vida imediata. Esta é, no entanto, por sua vez também, de dupla espécie. Por um lado, a produção de meios de vida, de objectos, de alimentação, vestuário, habitação e dos instrumentos necessários para isso; por outro lado, a produção dos próprios homens, a reprodução da espécie.

Friedrich Engels

BIOGRAFIAS PREPARADAS POR UM COLECTIVO DE AUTORES DO INSTITUTO DE MARXISMO-LENINISMO

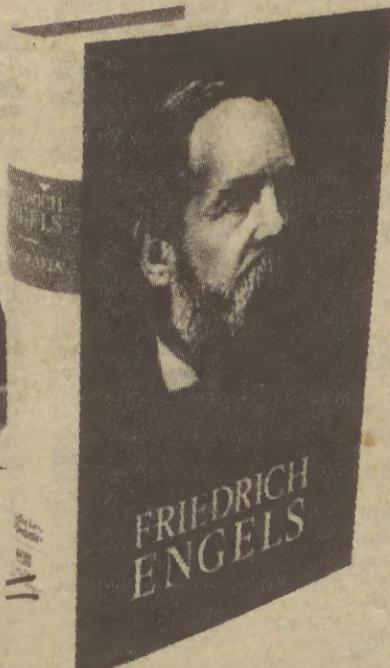
*Karl Marx
F. Engels
Lenine*



CADA VOLUME:

Mais de 600 páginas
Formato: 14,6x22,0
Volume encadernado

Vários extratextos



Com fotos

a TV

Tempo a duplicar, é imoral

Já se esperava que a RTP se comportasse como se está a comportar. Ou seja: ninguém duvidou de que a campanha pró-governamental, há quase dois anos desencadeada, iria prosseguir. Bom, «ninguém» é como quem diz. Houve quem desse crédito à RTP, houve quem promettesse até a máxima vigilância quanto à isenção da TV. Até hoje, nem o crédito atribuído se confirmou, nem se confirmou a vigilância. E a RTP lá continua à solta...

Aquilo não é informação: aquilo é lavagem ao cérebro.

Cavaco Silva foi visitar o Presidente da República. À saída, lá estava a câmara de televisão. Ela já sabia que Cavaco não iria dizer nada de especial. Ela já sabia que ele ia divagar, generalizar, desculpar-se, os senhores, compreendem, não posso divulgar o teor, etc., etc. Os senhores desculparam. Aliás, eles não estavam ali para outra coisa. O que era preciso era apresentar Cavaco como chefe do governo, homem de poder.

Logo a seguir, sem transição a TV mostra-nos outro Cavaco, desta vez na pessoa de chefe do PSD. Nem sequer teve tempo de se ir desfardar ao camarim: era o mesmo o mesmíssimo.

Primeiro, chefe do governo; depois, chefe do partido. Ou seja: tempo de antena a duplicar... Tudo se passa assim, com o maior descaramento, nas nossas barbas. A ameaça da vigilância não tocou, nem ao de leve, a pele da RTP...

Isto o que é, senão terrorismo?

Costuma ser assim: organizam-se emissões ao vivo, com a presença de personalidades das chamadas «públicas». Vai fulano, vai sicrano, não esquecer Mota Amaral ou o «pitoresco» Alberto João Jardim. Tudo gente do mesmo quadrante ideológico, ou afins. Começa a correr o boato de que, enfim, se lembraram de alguém da esquerda. Mas logo por acaso, a série de emissões acabou. Paciência. Fica para outra vez...

Vem a outra vez. Lá aparecem os mesmos fulano e sicrano e, como não podia deixar de ser, eis na berlinda A. J. J. e M. A. Agora é que aparece alguém da esquerda. Nessa altura, que chatice, a série acaba...

Estamos em época eleitoral. Seria um bocadinho escandaloso andar pelo mesmo caminho. Ora a imaginação da RTP é inesgotável. E se Maomé não vai à montanha, vai a montanha a Maomé...

Aí temos a RTP a emitir directamente dos Açores. Nenhum pretexto. De repente, na televisão portuguesa repararam que no continente se conheciam mal os Açores. E lá mergulha no Atlântico, com o Moniz à cabeça, o Moniz das «24 horas», onde a discriminação política essencialmente tem imperado.

Quer dizer: não foram buscar o Mota Amaral apenas... para salvar as aparências. A propaganda lá esteve sob as mais diversas fatiotas.

Um dos pontos principais para melhor conhecermos os Açores residiu naquela entrevista com um repórter da RTP do arquipélago, que visitara o Afeganistão.

Curiosamente, a entrevista foi precedida de uma nota de reportagem que nos mostrou o avião civil derrubado pelos rebeldes afegãos. Estes haviam utilizado um míssil fornecido pelos Estados Unidos, semelhante aos fornecidos à UNITA e aos fascistas da Nicarágua. E por aqui já se vê a «boa» companhia em que andam os jagunços de Reagan...

Repare-se: os tais rebeldes, ao serviço dos grandes agrários derrotados pela Revolução democrática de Abril, no Afeganistão, e municionados pelos americanos (em troca de cocaína e outras drogas...) derrubaram um avião civil. Se isto não é terrorismo, e do mais condenável, então digam-me lá o que é...

Pelos vistos, a RTP não acha assim. Avalie-se o grau de manipulação a que se desceu por aquelas bandas...

Tempos de antena

Vivemos numa sociedade dividida em classes. Vivemos, por outro lado, num regime democrático. É livre e natural a constituição de partidos que reflectam interesses ou sensibilidades.

O que já é muito pouco natural é que muitos desses partidos vivam em permanente estado de hibernação e só acordem... quando há eleições. Nessa época acordam e gritam muito. Com as inevitáveis confusões e prejuízos. Com a consequente dispersão de votos. De tal modo que, em vários casos, é legítimo admitir o deliberado propósito...

Trata-se de pequenos grupos, sem qualquer base social dinâmica e sem o mínimo de capacidade de organização. Grande parte dos seus tempos de antena é preenchida com números e informações retirados de materiais e publicações do PCP.

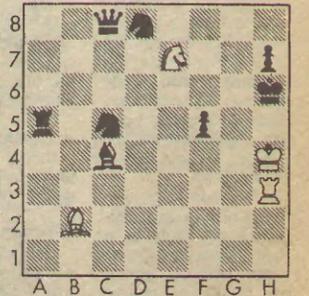
Enfim, pessoalmente nada tenho a opor. Mas que, diabo, ao menos podiam indicar as fontes. É sempre bonito reconhecer quem é que, afinal, trabalha a sério. E com rectas intenções.

■ **Ulisses**

Xadrez

GIX - 9 de Julho de 1987

PROPOSIÇÃO N.º 109
Por: Henri de Marands
«L'Échiquier de Paris», 1950
Pr. (8): Ps.f5,h7-Cs.c5, d8-Bc4-Ta5-Dc8-Rh6



Br. (4): C67-Bb2-Th3-Th3-Rh4
Mate em 2 lances

JOGO N.º 109
Leninegrado, 1987

Br.: Sokolov
Pr.: Chandler

1. e4,c5; 2. Cf3,d6; 3. d4, c:d4; 4. C:d4; 5. Cc3,a6; 6. f4,Dc7; 7. B62,g6; 8. g4,Bg7; 9. g5,Cf7; 10. Cd5,Dd8; 11. B63,e6; 12. Cc3,Cb6; 13. Dd2,d5; 14. 0-0-0, 0-0; 15. e5, C8d7; 16. h4, Dc7; 17. h5, T68; 18. Th3, Cc4; 19. B:c4,D:c4; 20. Td1, b5; 21. h.g6, f:g6; 22. T:h7,Cf8; 23. T:g7 + ,R:g7; 24. B3,Dc7; 25. Dh2,Rf7; 26. Dh7 + ,C:h7; 27. T:h7 + ,Rf8; 28. T:c7,T67; 29. Tc6,Bd7; 30. Tb6, R68; 31. Cd1, Rd8; 32. Cf2, Rc7; 33. Td6,a5; 34. CD3,a4; 35. Cc5 e as Pretas abandonam.

SOLUÇÃO DO N.º 109

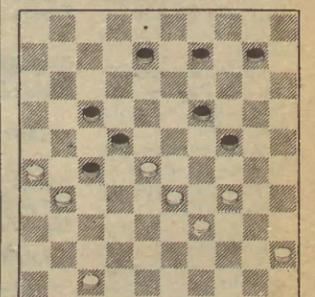
Chave: 1. Tg3! ameaça: 2. Bg7 ++
1. Cd6; 2. C:f5 ++
1. Cc6; 2. Cg8 ++

A. M. M.

Damas

CIX - 9 de Julho de 1987

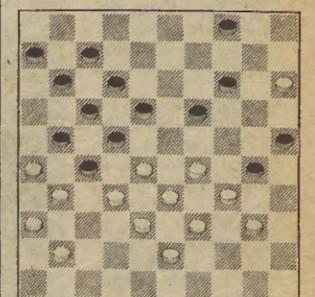
PROPOSIÇÃO N.º 109
Por: G. van den Berg Jr.
«Diverse Damproblemen», 1936
Pr. [8]: 8-9-10-17-19-22-24-27



Br. [8]: 26-28-31-33-34-39-45-47

Jogam as Brancas e ganham

GOLPE N.º 109
Torneio de Minsk, 3/20.VIII.86
Br.: Swizinski (URSS)
Pr.: Martko (Polónia)
Pr.: 14: 4-6-7-11-12-14-17-18-19-21-22-25-27-30



Br.: 14: 15-26-28-29-31-32-33-34-36-38-39-40-41-43

Jogam as Brancas e fazem dama... mas não ganham!, porque alguns lances depois equivocam-se jogando 11-17?, estabelecendo a seguinte posição: Br.: [7]: 15-24-27-33-34-38-39/ Pr.: [6]: 4-14-16-17-18-(46). J. Br. e G. Como?

SOLUÇÕES DO CIX

N.º 109 (G.v.d.Bg): 34-30 e 39-34 e 47-41 e 26-21 e 21x5 e 5x39+

Golpe n.º 109 (M): (19-23); 28x10 (18-23); 29x18 (22x13); 31x22 (17x46)... mas 13 lances depois: (11-17?); 24-19, 14x23; 38-32 (46x28); 33x13...+

A. de M. M.